



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
Departamento de Ciências Humanas e Letras
Órgão de Educação e Relações Étnicas com ênfase em Culturas Afro-
Brasileiras
**Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e
Contemporaneidade**

EMILY ALVES CRUZ MOY

**A REZA DE MÃE VEVA E SUAS PERTENÇAS: MEMÓRIA,
IDENTIDADE E CULTURA DE PALMEIRINHA.**

Jequié

2016

EMILY ALVES CRUZ MOY

**A REZA DE MÃE VEVA E SUAS PERTENÇAS: MEMÓRIA,
IDENTIDADE E CULTURA DE PALMEIRINHA.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Relações Étnicas e Contemporaneidade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, para obtenção do título de Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade.

Linha de Pesquisa: Etnicidade, memória e educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Angélica Leal Barbosa.

Jequié

2016

EMILY ALVES CRUZ MOY

**A REZA DE MÃE VEVA E SUAS PERTENÇAS: MEMÓRIA, IDENTIDADE E
CULTURA DE PALMEIRINHA.**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Aprovada, 28 de julho de 2016.

Prof. Dr. Augusto Marcos Fagundes Oliveira - UESC
Professor Avaliador

Prof^a. Dr^a. Marise de Santana - UESB
Professora Avaliadora

Prof^a. Dr^a. Ana Angélica Leal Barbosa - UESB
Orientadora

AGRADECIMENTOS

Na música “O mistério do planeta” dos Novos Baianos traduz um tanto do que tenho a dizer: “Vou mostrando como sou. E vou sendo como posso, jogando meu corpo no mundo, andando por todos os cantos e pela lei natural dos encontros, eu deixo e recebo um tanto”. Neste momento tenho recebido muito mais do que tenho deixado. Tenho recebido atenção, cuidado e carinho de todos com quem encontrei, e nessas “joganças” de corpo no mundo, descobri que os limites do mundo são bem maiores do que eu imaginava. Graças ao meu guia espiritual Mestre Gabriel, que sempre me guarneceu e pela sua luz não me perdi do caminho.

Sou grata a toda minha ancestralidade que através de suas escolhas me fizeram livre para que eu pudesse fazer as minhas.

Sou grata a minha mãe, meu pai e Ana Angélica por se fazerem presentes sempre que precisei, guiando meus passos e me apoiando sempre.

Sou grata a União, a minha família, a Átila, Elis, Lara e Nalú pelas alegrias e carinho.

Sou grata a Flávia, Eudes, Jamile, Abílio, Vitor, Lúcia, Magali, Ivana, Camila, Martha, Lucas, Gime, Jaque e Heitor, Isabele, meus irmãos de pelejas.

Sou grata as minhas companheiras de luta, Iasmin e Jack, por lidarem com as minhas incertezas, sem o cuidado de vocês por mim seria impossível.

Sou grata a todo o ODEERE, em especial a professora Marise Santana, e aos meus irmãos Dheymms, Antonia, Ozéias e Bia.

Sou grata a todos. Sou grata ao tempo por ter passado.

RESUMO

Tendo como objetivo Identificar quais os elementos de legados Africano e Indígena estão presentes na Reza de Mãe Veva, o texto traça etnograficamente um percurso sócio histórico das relações simbólicas a partir do depoimento de sujeitos nascidos no Povoado de Palmeirinha, no município de Aiquara, interior da Bahia. Tece relações à memória e etnicidade no contexto interétnico onde as categorias étnicas são acionadas como marcadores de fronteiras. Interpretando numa concepção simbólica as possíveis motivações que impulsionaram o processo migratório àquela região entre o final do século XVIII, início do século XIX. A Reza de Mãe Veva é um ritual iniciado por uma mulher, feito hoje em dia por mulheres, em devoção a Nossa Senhora da Conceição. Estudado como um sistema ritualístico religioso, produção social, e por isso relevante prática tradicional. Elementos simbólicos são acionados para a sacralização deste ato social, e por via dos significados negociados revela-se etnicidade e memória. As fontes acessadas para a interpretações foram entrevistas, fotografias e pesquisa em acervo bibliográfico.

Palavras-Chave: Etnicidade, Memória, Simbólico, Palmeirinha e Nossa Senhora da Conceição.

ABSTRACT

Aiming to identify the elements of african and indigenous legacy in Mãe Veva prayer's, the text traces ethnographically a sociohistorical course of symbolical relations from the testimony of people born at Povoado de Palmeirinha, in Aiquara, Bahia. Weave links to memory and ethnicity in interethnic context where ethnical categories are actioned as frontier markers. Interpreting in a symbolical conception the possible motivations that boosted the migration process to that area between the end of XVIII century and the beginning of XIX century. Mãe Veva's prayer is a ritual started by a woman, nowadays done by women, in devotion of Nossa Senhora da Conceição. Studied as a religious ritual system, social production and therefore relevant traditional practice. Symbolic elements are triggered for the sacredness of this social act, and through negotiated meanings is revealed ethnicity and memory. The accessed sources for interpretation was interviews, photographs and researches in bibliographic.

Keywords: Ethnicity, Memory, Symbolic, Palmeirinha and Nossa Senhora da Conceição

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	7
INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I – Referencial Teórico Metodológico.....	12
CAPÍTULO II – O lugar: O povoado de Palmeirinha.....	22
A relação com as águas.....	31
As relações tecidas pelos sujeitos a partir do lugar.....	36
CAPÍTULO III – A Reza.....	40
A Reza de 2014: “As coisas de Nossa Senhora são assim”.....	40
A Reza de 2015: “Os pedidos depois da reza vão ser queimados”.....	47
CAPÍTULO IV – Notas sobre a Reza.....	52
Mãe Veva: A promessa e a chegada em Palmeirinha.....	52
A Reza no tempo mítico.....	56
O sagrado e o profano: O Altar, o ensaio e a caixa de pedidos.....	58
A imagem de Nossa Senhora: Maternidade como arquétipo.....	60
A comida.....	65
Quadro Comparativo entre as Rezas de ontem e de hoje.....	71
CONCLUSÕES.....	72
Considerações Finais.....	73
REFERENCIAS.....	74
ANEXOS.....	77

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Mapa das ruas de Palmeirinha.....	14
Imagem 2 – A balsa e a canoa transporte utilizado para travessia do Rio de Contas.....	26
Imagem 3 – O canoeiro Ziza fazendo a travessia do Rio de Contas.....	34
Imagem 4 – Imagens aéreas do povoado de Palmeirinha captadas por satélite em 2015.....	34
Imagem 5 - Casamento de Vitória Alves e Roque Souza.....	52
Imagem 6 - Mãe Veva jovem.....	54
Imagem 7 - Fundo da foto de Mãe Veva jovem.....	54
Imagem 8 – Casarão onde Mãe Veva morou, o primeiro sobrado da região.....	56
Imagem 9 – Tocador de sanfona, que animava as festas de Mãe Veva e filhos.....	58
Imagem 10 – Mulheres ensaiando a Reza em 2014.....	60
Imagem 11 – A imagem de Nossa Senhora da Conceição que pertenceu a Mãe Veva.....	61
Imagem 12 – Na Reza de 2014 as mulheres preparando o almoço.....	69
Imagem 13 – Enquanto as mulheres preparam o almoço e monta o altar, os homens ficam do lado de fora da casa.....	69
Imagem 14 – Bolo servido em 2014.....	70
Imagem 15 – Bolo servido em 2015.....	70

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa trata da “Reza de Mãe Veva”, que é um fenômeno religioso em devoção a Nossa Senhora da Conceição, iniciado por volta de 1910, por uma mulher, Dona Genoveva que mais tarde veio a ser conhecida como Mãe Veva, no Povoado de Palmeirinha, município de Aiquara-BA.

O Povoado de Palmeirinha é o lugar dos meus antepassados. Lá, vivi valiosíssimos momentos em minha infância, que fazem parte de quem eu sou hoje. A convivência com os mais velhos, a liberdade de correr pelo “mato”, de subir em árvore, comer fruta no pé, beber leite fresco, tomar banho no rio, brincar de “picula” no areão do Rio de Contas, acordar com a neblina cobrindo o tempo, ver as galinhas ciscando no terreiro, raspar mandioca e ver a farinha torrar no tacho, bandeirar cacau, catar urucum e pilar o corante, enfim, viver a plenitude de ser “da roça”.

Mãe Veva é minha bisavó. E a Reza iniciada por ela é um elemento estabelecido na memória familiar. Uma tradição que vem alcançando hoje a 4ª geração. A Reza sustentada pela recordação aos ancestrais une a família, e faz parte da cultura do Povoado de Palmeirinha. A palavra reza estabelece significados infinitamente flexíveis, definidos a partir do sentido assumido. No objeto deste estudo Reza, destaco a inicial maiúscula, pois se refere ao processo ritualístico.

As pesquisas que perpassam suas discussões pelo tema família esbarram-se na dificuldade de um conceito de família apropriado. É um conceito que atualmente vem sendo ventilado, buscando atender as diversidades das famílias, ainda, sob os parâmetros familiares tem recaído também outro valor que é o de “família tradicional”. Família, não é o foco desta pesquisa, entretanto é importante que não percamos de vista, uma vez que se trata da etnografia de um evento originalmente cunhado em minha família, e pesquisado por mim. Entretanto, as contendas que surgem vão além do que cabe no termo família, que é a relação de parentesco, algo maior e mais amplo. Só me dei conta da importância dessa discussão com apuro no olhar do pesquisador.

Durante muito tempo, a minha relação com a pesquisa era algo conflituoso. Nos primeiros momentos, me questionava quanto à relevância, me parecia um tema menor pesquisar algo tão familiar. Inscrevi resumos em eventos, e com o parecer dos

grupos de trabalho, pude ver que o que dava ares de limitação seria um diferencial. Pois, como sujeito da minha própria pesquisa poderia trazer contribuições que só alguém “de dentro” poderia expressar sob a ótica do grupo.

Superando a questão de relevância, veio a escolha da metodologia. E por ter optado pela etnografia, a dificuldade foi a relação com o que eu já havia visto, vivido desde a infância, e esse novo momento como pesquisadora. Como valer-se da vivência como ferramenta de trabalho? Como transpor as lembranças em material científico? E confesso, que até hoje essas questões ainda se fazem presentes, entretanto não mais com o mesmo peso. Hoje, compreendo que não tem como eu me isentar do que escrevo. Não é possível isolar quem eu sou, do que eu produzo. Sem querer entrar num mérito filosófico, mas, eu sou um produto de tudo o que me formou, e vem formando ainda. Entretanto, demanda atenção redobrada, porque não posso simplesmente referenciar os dados, usando como fonte as minhas lembranças.

Enfim, o maior dos meus conflitos foi querer dissociar o “sujeito família” do “sujeito pesquisador”. Os laços familiares são também laços afetivos, e a afetividade está relacionada a subjetividades reveladas pelos sentimentos. Existe um ditado popular que diz: “Coisas de família, em família deve ficar”. Logo no início da pesquisa, na sondagem do campo, a fala de uma informante foi bem categórica: “Mãe Veva era racista”. Fala que me deixou perplexa. Não era essa a bisavó que eu queria pesquisar. Na Reza realizada em 2014, que foi a primeira a Reza observada para o Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidades, foi um ritual diferenciado dos anos anteriores, que eu já vinha acompanhando em nível da especialização, voltada para Antropologia com ênfase em Cultura afro-brasileira. Além de o enfoque ser diferente, na época da especialização, por ingenuidade, eu acreditava ser possível investigar a identidade cultural de Mãe Veva, entretanto, pude concluir que não seria possível determinar uma identidade para ela, uma vez que por ela já não estava mais no plano material, não podendo falar por si, eu não poderia sequer traçar nuances de sua identidade apenas com o olhar do “outro”. Entretanto pude ponderar a partir dos elementos impressos no ritual sustentado por ela, influências da cultura africana, e também da indígena.

Em 2014, o número de participantes foi maior, havia uma preocupação em reproduzir como era a Reza lá no seu início nos tempos de Mãe Veva. Isso, porque era do conhecimento de todos que eu estaria lá, registrando para fins de pesquisa. Todos sabiam que eu estaria lá, também, como “sujeito pesquisador”. Isso alterou a ordem natural. E pela primeira vez, horas antes do ritual acontecer houve o “ensaio da reza” - mais à frente aprofundarei o assunto - um dos anciões que estava lá, ficou aborrecido, e interpretou como a falta de respeito, não quis mais nem participar da Reza, mesmo com as explicações de que era pra ficar bonito na hora da filmagem. Notei que a presença do pesquisador, mesmo sendo da família, alterava o resultado da observação. E na relação familiar, a seleção do que revelar é ainda mais nítido. Entretanto, o fato de ter essa face sujeito família me permitiu saber o que de fato é real¹. O que resultou em três considerações a serem relevadas: o que eu devo mostrar, o que os sujeitos queriam mostrar, e como é a Reza.

Num percurso contrário a muitos pesquisadores que buscam aproximação do seu campo de pesquisa, eu tive que adotar como estratégia, o afastamento. Ao assumir essa postura de aproximação e afastamento rítmico pude ter um estranhamento necessário para desenvolvimento dos trabalhos.

Definido a estruturação do trabalho, a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética, que avaliou e aprovou o projeto por atender todas as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa envolvendo Seres Humanos, de acordo com as Normas da Resolução 466/2012 e também com as exigências do CEP/UESB.

Esta pesquisa teve como estudos fundamentais os trabalhos de Clifford Geertz (2008) e Muniz Sodré (2005), que tratam entre outras questões o conceito de cultura, bem como a interpretação das culturas, promovendo a concepção da etnicidade como sistema cultural, matéria estudada com bases nas discussões trazidas por Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart (2011) e Fredrik Barth (2011). Maurice Halbwachs (1990) ocasiona o aporte necessário para tratar memória, relacionando-a

1

com a memória coletiva. A luz de Mircea Eliade (1991; 1992; 2002), os símbolos, imagens, mito/rito, sagrado/profano, visível/invisível foram interpretados. Através de Marcel Mauss (1979; 2003), Eric Hobsbawm (1984) e Raul Lody (1977), a Reza pode ser tratada como um ritual religioso.

Nesse sentido, o Capítulo I trata de delinear a etnografia como metodologia de trabalho utilizado. Orientada pelo modelo apresentado por Geertz (2008), pautado no método interpretativista que a descrição densa pode propiciar. Das discussões sobre memória coletiva proposta por Halbwachs (1990), toma-se a coletividade como intercessão para as discursões sobre etnicidade, amparada por Barth (2011) e Poutignat e Streiff-Fernart (2011). A etnicidade aflora das interações no contexto interétnicos acionadas no processo de significação. A Reza como ritual, toma o valor de “tradição inventada”, em acordo ao conceito proposto por Hobsbawm (1984), por sua a função de preservar para a sociedade práticas e costumes.

O Capítulo II o Povoado de Palmeirinha é trazido como um lugar simbólico onde tudo acontece. Apresenta um percurso sócio histórico e as relações simbólicas entre os sujeitos e o lugar, o lugar e o rio e os sujeitos com seus pares. O Rio de Contas exerce papel fundamental no transito, e nas trocas simbólicas.

Os Capítulo III e IV seguindo o modelo proposto por Geertz (2008), estão as descrições densas das Rezas de 2014 e 2015, além da interpretação comparativa com a Reza nos tempos de Mãe Veva. Após instrumentar o ritual numa norma inspecionável, os símbolos são lançados para a interpretação, acessando categorias acionadas à estruturação dos ritos/mitos, e seus significados, a perspectiva do contexto interétnico.

Por fim, nas Considerações Finais, trago as conclusões em relação ao objeto e objetivo. Além de indicações que possam orientar estudos futuros quanto às práticas religiosas em Palmeirinha. Com o estudo da Reza de Mãe Veva reforça-se a valorização dos elementos ancestrais de legados africanos e indígenas, presentes na memória de Palmeirinha.

CAPÍTULO I

REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO

Trata-se de uma pesquisa etnográfica, desenvolvida a partir do objetivo de investigar quais são os elementos de legados africanos e indígenas presentes na “Reza de Mãe Veva”.

E baseia-se em três eixos temáticos: O processo de povoamento de Palmeirinha; As relações tecidas entre as primeiras famílias que ali se assentaram; e A Reza de “Mãe Veva”. Eixos delineados com base nas entrevistas dos informantes. Corroborados com dados coletados através da observação participante e análise de imagens, tanto de videogravações quanto fotografias – fotografias e vídeos feitos durante os rituais e entrevistas, além de fotografias dos acervos particulares de minha família – e ainda os registros em diário de campo. As fotografias exerceram papel relevante no levantamento das memórias dos entrevistados, e na contextualização cultural-histórica. Samain (2005, p.15) ressalta que “As fotografias gostam de caçar na escuridão de nossas memórias. São infinitamente menos capazes de nos mostrar o mundo que de oferecê-lo ao nosso pensamento”.

A prática etnográfica faz suas análises a partir do modelo discursivo levando em consideração a intersubjetividade² de toda fala, revelando que todo o “eu” que fala constrói seu discurso da relação com o outro, dimensionando assim o lugar de fala. Uma etnografia bem elaborada deve levar em consideração o lugar de fala, a representatividade e a interpretação, elementos estes que só poderão ser desvendados com a imersão do pesquisador no campo de pesquisa, através da observação atenta e da integração-participativa do cotidiano dos sujeitos. Por essa relação de aproximação (Clifford, 2011, p.42) defende que “não há nenhuma posição neutra no campo de poder dos posicionamentos discursivos, numa cambiante matriz de relacionamentos de *eus* e *vocês*”.

² O conceito de Intersubjetividade adotado neste contexto trata dos processos de interação de subjetividades, a relação das consciências dos sujeitos, com outros sujeitos, mas também a relação dos sujeitos com o campo desta pesquisa.

O “eu” que produz os discursos apresentados no transcorrer destas páginas, é sujeito de sua própria pesquisa, que além de falar de sua família, sua história, é mulher, e mãe. Desse lugar, reproduzo interpretações a partir do meu ponto de vista, realçados por subjetividades dimensionadas em minhas experiências.

Segundo Geertz (2008), a prática da etnografia não se restringe apenas a estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, genealogias, diário de campo, não são as técnicas e os processos que definem a iniciativa, e sim o tipo de esforço intelectual empregado, o que ele chama de “um risco elaborado para uma ‘descrição densa’”. Entre a “descrição superficial” e a “descrição densa” está o objeto da etnografia: uma hierarquia estratificada de estruturas significantes em termo dos quais ações são produzidas, percebidas e interpretadas, e sem as quais as ações de fato não existiriam, nem mesmo a não-ação, como categoria cultural. Abordando cultura “não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado” (Geertz, 2008, p.4).

Assim o que chamo de dados de pesquisa é propriamente a minha composição da construção de outras pessoas. E, a análise é a escolha entre as estruturas de significação, a partir da perspectiva de uma base social e sua relevância.

As entrevistas tiveram caráter aberto, e foram fundamentais, pois permitiram a coleta de indícios mais profundos sob o modo como cada um percebe e significa sua realidade. As entrevistas foram gravadas em áudio e originaram anotações no diário de campo, para que eu pudesse ter mais subsídios para as análises. Foram transcritas na íntegra, e mantidos as expressões coloquiais, interjeições, repetições, falas incompletas e vícios de linguagem, por serem elementos lingüísticos passíveis de significados.

Dois informantes foram entrevistados, ambos com mais de 85 anos. Os critérios de seleção tomados como base foram: Reconhecer-se como sendo do Povoado de Palmeirinha; Ter convivido com Mãe Veva; E ter presenciado o ritual da Reza de Mãe Veva, enquanto Dona Genoveva estava a frente. Busquei priorizar um informante da família, e outro que não possuísse laços consangüíneos com ela. Da família, foi entrevistada a Sr^a. Ubaldina Lopes, filha de Mãe Veva, pela ligação direta com a precursora do ritual, e externo a família o Sr. Urbano Limeira, indicação de

moradores do povoado, por ser da família Limeira, uma das mais antigas famílias na região.

Outra questão que me chamou a atenção e também influenciou na escolha foram os nomes das ruas³ do Povoado de Palmeirinha, Rua Miguel Limeira, Rua Geová Santos, Rua Genoveva Cruz e Rua Manoel Cruz, homenagens póstumas a moradores. Manoel Cruz é esposo de Genoveva, meus bisavós, externos a família Miguel Limeira e Geová Santos, pela facilidade de contato elenquei a família Limeira.



Imagem 1 – Mapa das ruas de Palmeirinha

Fonte: Google Maps. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/Jequi%C3%A9,+BA/@-14.039421,-39.8308897,17z/data=!4m5!3m4!1s0x740af3f65676825:0x98b170b3cebd898b!8m2!3d-13.8590592!4d-40.0837763>. Acessado em: 03/02/2015.

Chegando em frente ao portão do prédio, o porteiro logo se adiantou e pediu que eu me identificasse, nesse instante fiquei em dúvida como deveria me apresentar, e sem muito pensar disse: “Estou à procura de Seu Urbano Limeira, diga ele, por favor, que é a bisneta de Dona Genoveva da Palmeirinha”. O porteiro se afastou, e ficou falando no interfone, enquanto de longe me antecipava em pensamento quais possíveis respostas eu poderia usar para convencê-lo a me receber, entretanto, o porteiro só disse pra eu empurrar o portão me apontou a direção do elevador e disse que ele estaria me esperando. Ao chegar no destino, um

³ Os nomes das ruas são determinados pela Câmara dos Vereadores do município, analisados, discutidos e aprovados em Assembleia da Câmara. Algumas vezes a sugestão dos nomes parte dos vereadores, entretanto, a comunidade também pode sugerir, levando em conta o nome de uma pessoa que foi importante para aquela comunidade e deseja-se prestar uma homenagem póstuma e manter a memória das pessoas que tiveram importância para a comunidade.

senhor com um sorriso a minha espera. Desculpei-me pela inconveniência de não ter ligado antes, expliquei o motivo da minha visita e disse novamente quem eu era. Para minha surpresa, com duas palavras “Genoveva” e “Palmeirinha”, consegui que um estranho abrisse uma porta, utilizando apenas essas referências. Daí pra frente, ele já me tratava como uma pessoa próxima que não via à algum tempo, me convidou a entrar, e começamos um diálogo.

Sr. Urbano, no alto dos seus 90 anos, é ligeiro com as palavras, a cada pergunta responde de pronto. Quando questionado se sabia dizer sobre algo, ele responde com um “sei” esticado pra mostrar a convicção na resposta. A fala dele é permeada de localizações temporal e geográfica, sempre frisa com “naquela época”, “naquele tempo” e também com expressões como “ali”, “lá”, sempre direcionando ao espaço, como um deslocamento da fala para um determinado tempo e lugar. Um lugar simbólico, de possibilidades, onde as coisas acontecem.

Em algumas descrições feitas por ele, parece buscar numa imagem guardada na memória, quando diz “deixa eu ver aqui”, o que remete a restituição de um episódio vivido, visto por ele. E também, nas passagens que toma o ano do seu nascimento como marco para o levantamento de suas memórias. Em algumas pausas na fala, é como se buscasse num baú de memórias a que melhor se encaixa, naquele quebra-cabeça. Em outras busca detalhes, lembra de nomes e sobrenomes de pessoas com quem conviveu.

Mesmo sendo bem recebida, só nos últimos momentos da entrevista tive a sensação de ter sido aceita por ele como parte do grupo, no momento que passo de entrevistadora para entrevistada. Quando Sr. Urbano começa a me perguntar coisas do passado, também vividas por mim, do nosso lugar comum “Palmeirinha”.

Já a Sr^a. Ubaldina Lopes, para mim Tia Babá, era a única viva entre filhos e filhas do casal Mãe Veva e Pai Vêi - como era conhecido Sr. Manoel Cruz, esposo de Dona Genoveva Cruz. Ela faleceu em 6 de agosto de 2015, com 90 anos de idade, antes que eu pudesse concluir a pesquisa. Entrevistei primeiro o Sr. Urbano, pois até aquele instante tinha dúvidas se a entrevistaria, muito induzida pela fala de alguns da família que dizia que Tia Babá fantasiava demais. O método interpretativo proposto por Geertz (2008) me deu subsídios para compreender que “fantasiar” é uma forma simbólica, que esse processo de desvalorização da imaginação está ligada a

desvalorização do mito, que segundo Eliade (1991, p.15) é parte do processo de dessacralização vivido pelo homem moderno, que “é livre para menosprezar as mitologias e as teologias”; mesmo relutante continua se alimentar dos “mitos decadentes e de imagens degradadas”.

“Ter imaginação’ é gozar de uma riqueza interior, de um fluxo ininterrupto e espontâneo de imagens (...) ‘imaginação’ é solidária com imago, ‘representação’, ‘imitação’, a imitor, ‘imitar, reproduzir’. A imaginação imita modelos exemplares — as Imagens —, reproduzindo-os, reatualizando-os, repetindo-os infinitamente. Ter imaginação é ver o mundo na sua totalidade; pois as Imagens têm o poder e a missão de mostra tudo o que permanece refratário ao conceito.” (ELIADE, 1991, p.16)

Liguei e marquei a entrevista. Tive o cuidado de agendar, pois, freqüentemente ela ia a Salvador visitar uma filha e os netos, além das consultas médicas, por conta da idade.

O céu estava nublado no dia da visita, e a tarde chovia uma chuva fina e o clima levemente frio, uma condição rara para Jequié, mesmo no inverno. Fiquei em dúvida se mantinha a data da visita, devido à descoberta de uma condição delicada de saúde do meu pai, ele estava triste. Mesmo assim, fui e levei-o para me auxiliar nos registros da entrevista. Quando chegamos lá, a neta dela, minha prima, veio abrir o portão. E logo pude ver uma cachorrinha, que havia se soltado da corrente, correndo atrás das galinhas, tinha também um galo. As visitas à Tia Babá eram sempre muito boas. Primeiro por ela - uma figura carismática - e depois pela casa dela. No terreno em volta da casa, ela mantinha uma diversidade de plantas tão grande, que parece um pedaço de mata dentro da cidade, árvores frutíferas que atraem os passarinhos. A casa dela tinha um som diferente, que chegava a abafar o som da cidade.

Após o portão de entrada tinha uma rampa de acesso a casa. Na porta da frente, lá estava ela, com um gorro na cabeça e um cachecol em volta do pescoço, me lembrou as vovozinhas das estórias infantis. O gorro não cobria totalmente os cabelos lisinhos e totalmente brancos. Antes do abraço, fui logo estendendo a mão para pedir sua benção. Meu pai, apesar de não ter nenhum laço consanguíneo com ela, também lhe pediu benção, interpretei aquilo no momento como um sinal de respeito, mas tarde pensei também ser o reconhecimento de laços de parentesco, afinal só me lembrava de ver meu pai pedindo bênçãos à mãe dele. Depois das

bênçãos, beijos e abraços, ela quis saber como estavam os nossos. Posicionamos o gravador e começamos a entrevista. Procurei seguir a mesma linha tomada na entrevista do Sr. Urbano, iniciei com o mesmo tema: Como sua família chegou em Palmeirinha.

Tia Babá contou o que bem quis. Ou melhor, contou só o que quis. Em alguns instantes parecia que a memória vacilava, entretanto, em outros momentos ela não queria responder mesmo, mudava de assunto. E costurava uma história na outra como uma colcha de retalho de suas lembranças.

Caipora, feiticeiros, mulher do manto azul, assombração, pedra que canta... O que para muitos parecia “devaneio” era a narração mítica de histórias sobre as dificuldades de morar na mata, de ser da roça. Contou sobre seus medos, tanto que recorrentemente dizia: “Ave Maria!”, “um medo medonho”. Não mantinha uma linearidade na fala, nem sequer ordem cronológica, seguiu a ordem dos seus sentimentos.

Contudo, vale salientar que todos os esforços concentrados para a elaboração deste trabalho buscaram interpretar a Reza de Mãe Veva, a partir dos seus símbolos e significados destacar os legados africanos e indígenas presentes no ritual.

A Reza de Mãe Veva atua como operador de estrutura assume o valor simbólico de elemento de reestruturação do sentido, organiza elementos para a mediação social. A Reza é um fato social, que incorpora primordialmente duas categorias macro: Etnicidade e Memória - a etnicidade como sistema cultural, e a memória acessada a partir da Reza quanto ritual.

A reprodução anual da Reza aciona a memória, na restituição do passado vivido, reconstituindo ao tempo que também constitui o legado a ser destacado e repassado as gerações futuras, num processo fluido onde ficam registrados nuances dos olhares do presente. O rito aciona na memória instantaneamente o mito, que segundo Eliade (2002, p.104) são indissociáveis, “o lado ritual e o lado mítico são rigorosamente, apenas duas faces de um único e mesmo ato”.

Quando Halbwachs (1990, p.25) afirma que “aquilo que percebemos nos ajuda a reconstituir um quadro em que muitas partes estavam esquecidas”, ele acolhe uma divisão na composição da memória, configurada entre o que “percebemos” e o que

“vimos”, ressalta-se ainda a subjetividade da memória, que é restituída a partir de um conjunto de lembranças que devam ser reconhecidas coletivamente, daí o conceito de memória coletiva, formatada a partir das memórias individuais dos sujeitos

A abordagem apontada por Poutignat e Streiff-Fernart (2011), e adotada aqui, é o da etnicidade como sistema cultural sob a perspectiva neoculturalista, que preconiza à atividade simbólica e “representa *per se* a etnicidade”. Por meio das diferenças culturais, sendo o movimento nas relações humanas a condição para a negociação significados. A etnicidade sob a perspectiva de sistema simbólico, cujas categorias étnicas são símbolos,

“que só possuem significações porque são definidas e utilizadas por pessoas que possuem uma compreensão e expectativas em comuns em relação às diferenças fundamentais que separam as pessoas em sua sociedade”. (POUTIGNAT E STREIFF-FERNART, 2011, p.110)

Nesse tipo de abordagem os grupos étnicos não são definidos inicialmente, entretanto a etnicidade é interpretada a partir do contexto interétnico, “nos quais os atores em interação utilizam jogos de linguagem que podem ser segundo as situações, uniformes imbricados ou incomensuráveis” (Poutignat e Streiff-Fernart, 2011, p.111). Esse contexto interétnico equivale na perspectiva de “concepção simbólica” proposta por Thompson (1995) como o “campo de interação”. Onde a etnicidade é acessada na forma de significar. O símbolo como propõe Sodré (2005)

“é, um operador de estrutura, um agenciador de vazios, de formas sem significados atuais, uma vez que a ‘significação’ é a própria regra de organização, a regra sintática, o valor constituinte de uma linguagem, que introduz o indivíduo na ordem coletiva”. (SODRÉ, 2005, p.36)

O sentido de coletividade dado a memória, não se trata de um sentido material, como também o sentido de etnicidade dado a um grupo. No plano da subjetividade, Halbwachs (1990, p.27) encontra justificativas que “para confirmar ou recordar uma lembrança indivíduos presentes sob uma forma material e sensível, não são necessárias”. Nem sempre a relação entre “eu” e o “outro” acontece no sentido estrito físico, mas também no campo do pensamento, da imaginação, pois a concepção do ponto de vista do “eu” é impulsionado e construído pelos ideais do “outro”, que mesmo não presentes acompanham na constituição de memória, seriam

a construção do ponto de vista do “eu” influenciado sob a perspectiva do “outro”. Logo, a coletividade nem sempre está associado à memória de indivíduos do mesmo grupo social, nem do mesmo plano físico – expandindo à ancestralidade. É nesse mesmo campo dicotômico que a etnicidade é acionada, e as fronteiras são instituídas. As fronteiras são simbólicas. São determinadas em situações sociais de interação.

“Onde indivíduos de culturas diferentes interagem, poder-se-ia esperar que tais diferenças se reduzissem, uma vez que a interação simultaneamente requer e cria uma congruência de códigos e valores – melhor dizendo, uma similaridade ou comunidade de cultura.”
(BARTH, 2011, p.196)

Apesar de não considerar o caráter impositivo da relação dominante-dominado, quando Halbwachs (1990) nos trás o conceito de “lembranças fictícias”, admite-se nesse momento a possibilidade de restituição de uma memória negociada, assim podemos refletir mais uma vez quanto à subjetividade da memória, identificarmos na memória um valor simbólico imposto ou negociado. As lembranças fictícias perpassam pelo mito, logo, a memória coletiva é configurada também por uma memória simbólica.

Segundo Halbwachs (1990, p.28):

“Desde o momento em que nós e as testemunhas fazíamos parte de um mesmo grupo e pensávamos em comum sob alguns aspectos, permanecemos em contato com esse grupo, e continuamos capazes de nos identificar com ele e de confundir nosso passado com o seu”.

Além dos critérios de seletividade, é possível atribuímos a memória como fator de compartilhamento entre, é nela que podemos verificar a efetivação da mestiçagem. No Brasil, por exemplo, os percursos históricos dos africanos e indígenas, como povos na condição de dominação, geraram memórias comuns unificadoras. Daí a dificuldade de identificação em algumas comunidades das influências culturais africanas, a parte das indígenas. A confluência cultural ocorrida de forma mais voluntária, diferente da relação de dominação e violência mantida pelos brancos / europeus, reforçada a instituição da memória comum, pautada na negociação e esquecimento.

Para que a memória negociada tome a validade de memória coletiva é necessário “recriar em nós o sentimento do já visto”, Halbwachs (1990) salienta que a

reconstrução da imagem, é o que dá vivacidade e durabilidade a memória, acrescenta a esse critério a relação entre as memórias de grupos, onde suas lembranças são apoiadas uma sobre as outras e a memória torna-se limitada na duração do grupo, e pela força das coisas, onde mais lembrará o mais engajado, coisificando a relação entre os grupos.

Para Halbwachs (1990), a memória possui uma volatilidade prendida as relações interpostas pelos indivíduos dos grupos, as reconduções de um grupo para o outro, acredita numa memória em movimento. Esses encontros e reencontros ocasionam descontinuidade das lembranças, intervalos de memória, as “faculdades de esquecimento”.

“faculdades de esquecimento se exerce alternativamente em detrimento e em vantagem de cada um dos grupos que elas atravessam, podemos dizer que as tornamos a achar inteiramente. Assim, se encontrarmos mais tarde membros de uma sociedade que se tornou para nós a tal ponto estranha, por mais que nos encontremos no meio deles, não conseguimos restituir com eles o grupo antigo” (HALBWACKS, 1990, p.32).

Halbwachs (1990) ressalta que lembrar é reconectar as correntes do pensamento coletivo dos grupos situando-se nos mesmos, pois quando se trata da memória coletiva de um grupo desloca-se e evoca-se o ponto de vista a partir desse grupo. Assim para que a memória individual faça parte do grande acervo das memórias coletivas, deverá ser reconstruída sobre um fundamento comum, noções comuns, que a “lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída” (HALBWACKS, 1990, p.32).

A Reza de Mãe Veva, como elemento cultural transgeracional que atravessa o tempo, portanto traz em si impressa as marcas da memória. A ideia de tradição é algumas vezes associada a processos engessados, de forma fixa, entretanto, “as tradições evoluem e se transformam com as novas necessidades de cada sociedade, funcionando inclusive para impedir que ela se dissolva” (Silva e Silva, 2006).

“Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado”. (HOBSBAWM, 1984, p.9)

Segundo Hobsbawm (1984, p.12) “a invenção de tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição”. Na perspectiva sociológica, a tradição tem a função de preservar para a sociedade práticas e costumes, que foram satisfatórios no passado, são heranças. Assim, os produtos e feitos do passado – as lembranças - continuam a ser aceitos e atuantes no presente – memória -, podem ser reconhecidos como tradição, elementos tradicionais.

A Reza de Mãe Veva, como acontece nos dias de hoje, pode ser interpretada como um movimento de resistência, no que consiste a reapropriação impulsionada pela modernidade, no objetivo de manutenção da memória. Uma forma de demonstrar que o ritual iniciado por Dona Genoveva, foi aceito e seus valores foram enraizados no costume da sociedade. Concedendo ainda a comunidade de Palmeirinha a condição de uma comunidade rural tradicional.

CAPÍTULO II

O LUGAR: O povoado de Palmeirinha

“Não se faz ‘nosso’ um território senão ‘criando-o’ de novo, quer dizer, consagrando-o”. (ELIADE, 1992, p.22)

A etnicidade aflora suas nuances na manutenção de suas fronteiras. O contexto interétnico molda a concepção simbólica, a partir da construção de significados direcionados pelas relações entre pessoas, grupos, com o meio ambiente. O “lugar” simbólico, que também é real, é acionado quando os sujeitos fazem uso dessa categoria com demarcador cultural.

Vasculhando a memória do Sr. Urbano Limeira, hoje morador da cidade de Jequié, porém “nascido e criado em Palmeirinha”, como ele mesmo diz. Filho do Sr. Miguel Limeira da Silva e Dona Euflozina Firmina da Silva, casal chegado em Palmeirinha. Chama minha atenção quando questionado se antes da vinda dos seus pais haviam outras pessoas que já moravam em Palmeirinha ele responde: *“Ali na nossa região, lá na Palmeirinha mesmo, não”*. Nós estávamos no apartamento de Sr. Urbano, em Jequié há 45 km de distância da Palmeirinha, o “ali” referido por ele, é um lugar simbólico acessado em sua memória, porque na seqüência ele refere-se a Palmeirinha como “lá”. A categoria étnica é destacada quando diz “nossa região”, até aquele momento a única referencia minha que ele tinha era ser bisneta de Dona Genoveva, o uso de “nossa” remete a um pertencimento acionado pela “região” (o lugar), mas também por um vínculo afetivo, (parentesco). Assim faz necessário contextualizar “nossa região” e o nosso povo.

Na Bahia ao se percorrer a rodovia BR 330, no sentido Jitaúna – Ipiaú, cá pras bandas do município de Aiquara, quando se atravessa a ponte às margens do Rio de Contas, a primeira visão que se tem é a entrada do Povoado de Palmeirinha. Por volta de 1900 a 1910 um movimento imigratório leva algumas famílias a adentrarem a região. Sr. Urbano conta como foi a chegada de seus pais em Palmeirinha, vindo de Nova Laje região de Santo Antônio de Jesus, buscando relembrar os contos de seu pai.

“Naquela época aquilo ali, aquela região ali, era toda ela, mata do Estado [...] Naquele tempo, quando a gente arrumava as coisas e botava nas costas, que vinha e mudava de lugar, chamava “cacaí”. Botou o cacaí nas costas e veio embora da Laje pra aí, de pés,

chegando aí botando os pés dentro d'água, os pés inchados essa coisa toda. Mas ele disse o seguinte, quando chegou aí encontrou uma mataria linda, porque na verdade era um terreno de mão cheia, ainda é até hoje. Isso tem o quê? 100 anos? É 100 anos. Porque de 1910 pra dois mil e tanto, é 100 anos. Então, o velho meu pai me contava: Óia, meu filho! Quando eu cheguei aqui, que eu vi a mataria, uma mataria linda que tudo que se plantava, dava com muita abundância, aí eu disse, pronto! Vou arriar o meu cacai aqui e vou trabalhar na mata do Estado.”

O termo “Mata do Estado”, trás em si o histórico do processo colonizador português, onde a distribuição do título de propriedade da terra era determinada pelo sistema sesmarial, através das capitânicas hereditárias, preceito que vigorou até por volta de 1822. Em 1850, é criada a Lei 601, conhecida como a Lei de Terras, que surge da necessidade de normatizar e estabelecer padrões para a distribuição e apropriação de terras.

A Lei nº 601/1850, Lei de Terras – segundo Miranda (2011) - constituiu uma condição de anistia quanto às ocupações irregulares de terras advindas até a sua homologação: sesmarias ou concessões poderiam ser legitimadas, desde que comprovada à posse de terras cultivadas ou sua ocupação útil. O mesmo para a ocupação primária da terra - quando não se sujeitasse o título conferido pela Coroa - podia ser validada, anistiando assim a posse irregular sobre terras praticada no momento da entrada em vigor da Lei. As demais terras do Império seriam consideradas “terras devolutas”.

No mundo contemporâneo com a crise ambiental à espreita, é impensável uma mata/floresta como sendo “devoluta”, isso levando em consideração apenas o contexto ecológico sustentável. Devoluta é um conceito que reforça o extrativismo colonial.

Somando a essa ponderação fatores sócio étnicos, cuja existência de povos indígenas de diferentes etnias, primeiros habitantes do território brasileiro, além da vinda de milhares de africanos escravizados. Aos indígenas, empregada à imagem de sujeito selvagem e aos africanos, negado a humanidade, onde a escravidão age “como instituição violenta que coisifica o negro” (CHAUI, 2000, p.27), a posse de terra para esses povos não eram efetivadas pela lei, “o discurso assimilacionista da igualdade racial era consoante com a ordem jurídica instalada” (BACELAR, 2002, p.51). Nessa perspectiva a terra devoluta, era a terra cujo proprietário não era

reconhecido socialmente pelo Estado, logo, tomados todos num punhado só como os “não brancos”. A ideia de cidadania estava diretamente relacionada à posse de terra

Num período bem próximo ao narrado pelo Sr. Urbano, Tia Babá numa passagem de suas lembranças em Palmeirinha conta da relação que seu pai mantinha com os índios, quando fazia longas viagens em tropas⁴, “montado na anca do animal”, para vender, compra e troca de mercadorias:

“Porque pai foi dos índios, viu! Vinha comprar coisa cá...longe. Ele ia comprar. E os índio acompanhavam ele pela beira da estrada, ele disse: ‘Óia, não me mete medo, não...quando eu vim...vou trazer fumo e coisa pra vocês’. Aí os índios acompanhavam ele até em Jaguajara. Ele comprava ali...aqueles metros, e levava rolo de pano para fazer roupa e fumo. E levava o fumo e dava pros índio e dizia: ‘Olha aqui!’. Os índios, no lugar em que ele botava o fumo, chegava no outro dia tinha uma caça...que os índios matavam e traziam pra ele...trazia aquelas caça, tatu, teiú...ele trazia pra casa, daí nós íamos tratar pra gente comer”.

Uma relação estabelecida através de uma troca, cuja concessão da passagem pelo território indígena é condicionada ao oferecimento de um presente, nesse caso o fumo e o tecido. Quando ela se refere a “não me mete medo, não” nota-se que a relação era um tanto arredia, mesmo com a afirmação de que o “pai era dos índios”. Comer a caça presenteada é estreitar os laços. Uma relação de proximidade configurado pela troca, tendo nesse tipo de fenômeno social, segundo Mauss (2003), o envolvimento de dois sistemas de ideias importantes: a) “a natureza do vínculo jurídico criado pela transmissão de uma coisa”, que seria a obrigação de retribuir; b) “a natureza mesma da troca por dádivas, de tudo aquilo que chamamos prestações totais”, pois aceitar algo ofertado por alguém é criar um vínculo com sua essência espiritual.

No início do século XX, a região que hoje é emancipado Aiquara, fazia parte das terras do distrito de Jequié, até então pertencentes ao município de Maracás. O professor Emerson Pinto de Araújo (1971), historiador e pesquisador da história de Jequié, destaca as atenções voltadas para essa região, desvelando a luz que permeavam as relações étnicas.

⁴ Durante algum tempo as tropas eram o único meio terrestre de traslado para cargas, devido os obstáculos de se andar pelo meio da mata. Trata-se comitivas de muares ou cavalos, que carregam no lombo as mercadorias. Em Palmeirinha, as tropas levavam os produtos da terra, principalmente o cacau, e traziam os produtos manufaturados que só encontravam nas cidades.

“Como já foi dito, a antiga fazenda Jequié, outrora encravada no grande latifúndio “Borda da Mata”, começou a florescer a partir da sexta década do século passado. Vencidos os últimos redutos dos terríveis mongóios, desbaratados os quilombos do Sertão da Ressaca, a modesta propriedade situada na confluência dos rios Jequezinho e das Contas, a meio caminho da mata e da caatinga (o que já era uma imensa vantagem, dada à facilidade de permuta de mercadorias das duas zonas), começou a servir de pouso das tropas e boiadas, oriundas do norte de Minas, que buscavam a Cidade do Salvador.[...] Diariamente chegavam à cidade centenas de burros, trazendo mercadorias que eram transportadas pela estrada de ferro. (ARAÚJO, 1971, p.157)

Não devemos perder de vista que o discurso de Araújo (1971), não era um pensamento específico do autor, mais uma ideologia instituída por um grupo dominante “branco”, “relutante inocente” quanto a sua mestiçagem. Onde os indígenas são adjetivados como “terríveis” e ainda, refere-se ao aniquilamento dos quilombos como “desbaratados”. Na perspectiva retratada, os índios assumem o papel de inimigos terríveis que precisavam ser vencidos. E no viés dos movimentos emancipatório, em prol da abolição, as comunidades negras, representavam o medo, precisando ser sobrepujados. Ainda com o olhar do colonizador, vivendo a mudança do sistema escravocrata, para o pós-abolicionismo, período que Célia Maria Marinho de Azevedo (1987) reconhece como “tempo de transição”.

“Para isso era preciso que se forjasse uma população plenamente identificada com a idéia de pátria, de sociedade brasileira, não só em termos de limites geográficos como principalmente no sentido de uma ética nacional. Contudo, a percepção de uma explosiva heterogenia sócio-racial destacava-se como um considerável entrave no pensamento daqueles que almejaram transformar o país recém-independente em nação.” (AZEVEDO, 1987, p. 60)

Ao mesmo tempo em que é negado ao índio e ao africano seu pertencimento a formação da nacionalidade brasileira, atina-se para um movimento de apropriação da nacionalidade europeia, um processo de branqueamento, reforçado pelos projetos imigrantistas, que aconteceram em todo país. Segundo Bacelar (2002), a Lei de Terras juntamente com o fim do tráfico de escravos, foram fatores que impulsionaram a imigração estrangeira e Azevedo (1987) ressalta a inquietação dessas políticas com o propósito de tornar o Brasil um país homogêneo, anterior ao período da independência. Reflexos incidentes aqui na região de Jequié.



Imagem 2 – A balsa e a canoa transporte utilizado para travessia do Rio de Contas.

Na imagem registrada em Palmeirinha, as margens do Rio de Contas, entre 1930 a 1940 aproximadamente, podemos elencar aspectos característicos desta população, como as formas de transporte. Identificamos a canoa e a balsa, utilizados em traslado aquático, demonstrando a forte relação com o rio, além da habilidade de navegação. Ressalta-se a prática de feitura artesanal da canoa esculpida num tronco único, cujas manobras aquáticas são controladas com um remo, técnicas de construção sustentadas pela tradição oral. Além dos cavalos selado com balaios pendurados, usado para transportar cargas no lombo de animais, em curtas e longas distâncias. Os balaios são trançados de cipó, técnica creditada aos indígenas do Brasil. Na balsa, as mulheres com panos amarrados na cabeça. A imagem revela também aspectos relevantes sobre a população. Destaca-se a cor da pele escura. Há presença de negros e mestiços.

Em Palmeirinha, até o momento não se pode afirmar de onde originaram os negros presentes na região, se vindos do Recôncavo, ou do Litoral Sul, ou até mesmo de Minas Gerais, apenas com um estudo mais aprofundado poderia se supor a origem.

Segundo Viana (1988), o estado da Bahia até o ano de 1830 estima-se ter importado cerca de 1 milhão de negros para o trabalho escravo, do total de 4 milhões

de africanos importados ao Brasil. Os africanos escravizados e seus descendentes participaram legitimamente na sociedade nacional, contudo desmerecido, em todo e qualquer empreendimento,

“Nela se viu incorporado à força. Ajudou a construí-la e, nesse esforço, se desfez, mas, ao fim, só nela sabia viver, em razão de sua total desafricanização[...]. Calculo que no Brasil, no seu fazimento, gastou cerca de 12 milhões de negros, desgastados como a principal força de trabalho de tudo o que se produziu aqui e de tudo que aqui se edificou.” (RIBEIRO, 2006, p.202-203.)

Contudo, a chegada do negro ao Brasil revela o histórico do processo violento do tráfico africano, orquestrado pela “civilização” europeia, alimentando, e sendo alimentado, pelo capitalismo emergente, em busca de braços que movimentassem a produção, justificado pela hierarquização cultural, instituído num conceito biológico evolucionista de raça. A coisificação do negro nutre a perspectiva do negro como mera ferramenta de trabalho, negando-lhe a humanidade, e edificando aí as bases da relação dicotômica eurocêntrica entre o branco e não branco no Brasil. A humanidade do negro infringiria as convenções doutrinárias cristãs que trariam o caráter de pecado, a dilaceração dos “irmãos” não brancos, filhos do mesmo “Pai”. Costa (1986, p.92) ao tratar das violências sofridas pelos sujeitos na constituição de suas identidades, ressalta que a violência está integrada à disparidade de domínio, e que ela evoca a quebra de uma convenção, pelo dominante que a conhece, mas que deliberadamente as transgride, abusando da força e com os elementos que possui, relacionando a violência ao abuso de poder.

Tratados como “coisas” o negro escravizado era comercializado, e sua força de trabalho era naquele período os braços que movimentavam a economia nacional. O processo abolicionista se articula a partir do discurso da humanização do negro, que até então era discutida na perspectiva das teorias evolucionista, num campo biológico, que subjugavam o negro a uma escala inferior na evolução. Schwarcz (2014, p.78), aponta a três proposições que norteavam a lógica das “raças humanas”, admitindo a existência de uma hierarquização racial, cujo topo seria a raça pura (branco), cuja primeira hipótese é de que existia entre as raças humanas a mesma distância entre o cavalo e o asno; a segunda premissa associava que a mesma divisão estimada para a raça correspondia também à cultura; e a por fim que preponderava um determinismo étnico, que seria a universalização de traços físicos

e comportamentais comum a todos os sujeitos de uma “raça” específica. Esses eram os fatores que moldavam o significado de ser negro no Brasil.

Africanos de diversas nações, com diferentes culturas, em alguns casos rivais por gerações, foram forçados pelas circunstâncias a se relacionarem. E na busca da reconstituição desse processo, amparado pela memória, ancestralidade e da tradição oral, a História da África pode ser associado a qualquer assunto relacionado ao Brasil, de forma, a História do Brasil é um capítulo da História da África.

Tanto Munanga (2006), Bacelar (2002), Azevedo (1987), Schwarcz (2000, 2014) e Chauí (2000), retratam em suas obras como a diversidade racial era concebida como limitação para o desenvolvimento do país na perspectiva da classe dominante. Cujas pluralidade era hierarquizada tomando como padrão de superioridade o branco europeu.

“Mais uma vez, a valorização do europeu como o tipo de trabalhador e cidadão ideal repousava sobre a idéia da inferioridade racial de grande parte da população brasileira. Um redator do jornal, possivelmente o próprio Taunay, não deixava margem a dúvidas quanto à superioridade racial do europeu, reconhecendo que o aproveitamento dos nacionais no mercado de trabalho livre atenderia a necessidades complementares, porém bem menos importantes do que aquelas destinadas ao imigrante. (AZEVEDO, 1987, p.85.)

A Bahia como o estado mais negro do país não queria mudanças no sistema escravista, uma vez que a economia baseava-se na atividade rural e por isso, a mão de obra escrava sustentava as grandes lavouras.

Azevedo (2008) defende que o escurecimento da população assustava a elite branca, entretanto o medo e os esforços para o branqueamento eram ineficientes a mestiçagem. A busca por afirmar uma identidade nacional no Brasil deparava-se com o embate da diversidade cultural, vista como legado colonial. Tomando-se como premissa máxima a “nação” Brasil iniciada com o processo de colonização portuguesa. Para Munanga (2006)

“A pluralidade racial nascida do processo colonial representava, na cabeça dessa elite, uma ameaça e um grande obstáculo no caminho da construção de uma nação que se pensava branca, daí por que a raça tornou-se o eixo do grande debate nacional que se travava a partir do fim do século XIX e que repercutiu até meados do século XX. Elaboraões especulativas e ideológicas vestidas de cientificismo dos intelectuais e pensadores dessa época ajudariam hoje, se bem reinterpretadas, a compreender as dificuldades que os negros e seus

descendentes mestiços encontram para construir uma identidade coletiva, politicamente mobilizadora.” (p.51)

Esta afirmação parte dos enlaces da mestiçagem, em que o Brasil se faz Brasil a partir do fluxo cultural com a Europa e África. Dito assim parece desmerecer os povos, as etnias as nações indígenas que aqui habitavam, já que “terra de índio” não tem nome, logo, precisava ser “batizada”. Daí, tomando o Brasil como ideia anota-se o propósito da ideologia de “universalização”, da necessidade de instituir um sistema cultural como único e verdadeiro. Num cenário como esse cuja supremacia branca define os modelos, Costa (1986, p.108) acredita que “o sujeito negro, possuído pelo ideal de embraquecimento, é forçado a querer destruir os sinais de cor do seu corpo e da sua prole”.

A relação entre o branco e não branco, trás algumas vertentes que merecem atenção. Primeiro, a caracterização tomada pela cor, e o branco, adotado como referência primordial. Em segundo, a caracterização do ser branco passa pela aceitação de fazer parte do grupo branco, cujo ingresso vincula-se a cor da pele e origem - berço genuinamente branco - assim, o conjunto branco não leva em consideração nem a própria diversidade cultural do grupo, onde portugueses, espanhóis, holandeses, alemães, ingleses entre outras nacionalidades são tomados todos por uma só medida, o ser branco, e nesse lugar do ser branco as diferenças, sociais, políticas, étnicas, culturais, são apaziguadas. Em terceiro, a perspectiva do não branco, que seria o conjunto de todos que não foram aceitos como brancos, aqui, é mais forte a relação de pertencimento e reconhecimento, onde para ser não branco, não seria exatamente uma questão de “ser” e sim de “não ser”, nesse caso, não ser branco.

A denominação “não branco”, apesar de não valorizar a diversidade étnica, e promover distanciamento do que seria aceitável culturalmente pela Europa, reforçando a relação daninha civilizado x selvagem, segundo Munanga (2006) o processo identitário “vai permitir o desencadeamento de um processo de construção de sua identidade ou personalidade coletiva”. Tomar diversos grupos étnicos vindo de África, a diversidade étnica indígena que já habitavam o país, e unificarem num só grupo limitados a um só lugar, território e a situação social, o lugar o do não branco, dentre outros fatores, motiva a confluência de elementos de fronteiras, confabulando

signos que fortaleçam a identificação entre os grupos, e constituam símbolos comuns as diversas culturas.

“Essa identidade, que é sempre um processo e nunca um produto acabado, não será construída no vazio, pois seus constitutivos são escolhidos entre os elementos comuns aos membros do grupo: língua, história, território, cultura, religião, situação social, etc. Estes elementos não precisam estar concomitantemente reunidos para deflagrar o processo, pois as culturas em diáspora têm de contar apenas com aqueles que resistiram, ou que elas conquistaram em seus territórios.” (MUNANGA, 2006, p. 14)

A intitulação de grupos como afro-americano, afro-brasileiro, afro-indígena, valorizam as relações com um recorte, entretanto tende a dividir os grupos, alienando os processos de identidades. A mestiçagem hora tomada como mancha indelével a pureza da identidade nacional, hora vista como o estandarte para unificação da diversidade cultural, ainda tem muito a ser discutido.

Santana (2004) contextualiza bem o pensamento comum do período da colonização, quando diz que “o que se buscava para o africano era que o mesmo tivesse uma identidade cristã, embora lhe fosse negada a humanidade”⁵. Esse pensamento justifica a busca de “recuperar culturalmente os povos considerados pagãos”⁶, estimulando o processo de cristianização.

“(…) mesmo considerando o trabalho forçado e a violência padecida pelos índios, não se pode esquecer que o comércio de escravos teve como objeto os negros, e que era aos mesmos negada sua condição de humanos. Desde o início o europeu rejeitou a cultura do índio, mas não rejeitou sua natureza humana.” (SANTANA, 2004, p.12)

A relação entre o “ser humano” estava diretamente relacionada a “ser cristão”, a religiosidade usada como meio de humanização. Daí, ideologias religiosas são incorporadas nos mais diversos discursos sociais. Diante da opressão voraz a qual estavam expostos, além de toda campanha dissimulada nos meios de comunicação em massa estruturando uma imagem negativa, suja e feia do “ser negro”, a mestiçagem pode ser entendida como uma estratégia de sobrevivência dos sujeitos “não brancos”. Para Munanga (2006), contextualiza o ideário de “ser branco” da época a status social, quando revela que

⁵ p.13

⁶ p.12

“ter a pele clara, provir do ‘sangue’ europeu, não ter mescla com as raças ‘inferiores’, principalmente a negra, constituía, segundo as ideias da época, o distintivo da nobreza, da superioridade social e moral.” (MUNANGA, 2006, p.66)

O conceito de mestiçagem positivado cambaleia entre valorizar a diversidade, pontuando as diferenças, e unificar as diferenças, violentando a diversidade. A identidade nacional não pode ser tomada como uma forma única, nem tão pouco como uma “forma de gelo”, compostas por vários quadrados, desconsiderando a multipluralidade étnica com elemento de fluidez.

Palmeirinha é hoje um povoado onde vive uma comunidade mestiça de aproximadamente 500 habitantes, que se mantém basicamente das atividades rurais, entre a pecuária e o cultivo de cacau, hoje em dia atividade economicamente “fraca”, em comparação aos áureos tempos no início do século XX, quando o cenário econômico baiano passava por processo de mudanças, reestruturando-se do impacto causado pelo período abolicionista, cuja libertação dos escravizados faz com que a cultura da cana de açúcar decaia, possibilitando a abertura de novos mercados.

Noelio Dantaslé Spinola (2004, p.92) em seus estudos sobre a História Econômica da Bahia, retrata a importância econômica que a cultura cacauzeira representou para o sul da Bahia, na segunda década do século XX. A partir de 1920 o cacau assume a liderança na produção agrícola estadual, esse fator destaca o sul da Bahia, Ilhéus e Itabuna são responsáveis por mais de 60% das exportações estaduais, embora as situações adversas como “os efeitos de danosas políticas do governo federal, da persistente tendência à deterioração do câmbio, das pragas dos cacauais e da imprevidência dos produtores em relação às oscilações dos preços no mercado externo”.

A relação com as águas

Palmeirinha é um a comunidade agrícola ribeirinha, e antes das construções das barragens, desmatamentos da mata ciliar e assoreamentos, o Rio de Contas orientou durante algum tempo o escoamento das produções agrícolas levadas à Jequié, que por sua vez distribuía para a região sudoeste do país, por vias da estrada de ferro. É na localização do povoado que o Rio da Palmeirinha deságua no Rio de Contas.

Segundo Chiapetti e Chiapetti (2011, p.73), O rio com suas águas doces correntes atuam no imaginário, seja pela sustentabilidade da vida, “seja pela possibilidade de refletir, seja pela capacidade de fazer deslizar, seja pelo seu movimento, seja pela sua calma, seja pelo seu destino certo”. Exerce funções simbólicas. A água é matéria ao mesmo tempo imaginação.

“A imaginação imita modelos exemplares — as Imagens —, reproduzindo-os, reatualizando-os, repetindo-os infinitamente. Ter imaginação é ver o mundo na sua totalidade; pois as Imagens têm o poder e a missão de mostrar tudo o que permanece refratário ao conceito.” (ELIADE, 1991, p.16)

A fluidez do rio nos licencia deslizar por sua superfície em navegação, transitar, escoar, viajar... Um rio é vivido, por quem se permite fluir em seus movimentos correntes. Na firmeza de suas margens mulheres choram por seus filhos levados pelo rio, cantam enquanto quaram suas roupas... A mesma margem que separa, também é unida pelo rio. O rio representa a vida, mas também a morte.

O Rio de Contas é o principal rio da Bacia Rio de Contas, que leva o seu nome, que tem como principais afluentes o Rio Brumado, Rio do Antônio, Rio Gongogi, Rio Jequezinho, Rio Gavião, Rio Sincorá e Rio Jacaré. A nascente do Rio de Contas é localizada na Serra da Tromba, entre o município de Piatã e Rio de Contas, da Chapada Diamantina. O rio passa por vários cenários, antes de enfim desaguar no mar – passeia pela Chapada Diamantina, em seguida prestigia a caatinga, refresca a zona da mata e por fim deságua nas areias do litoral baiano. O Rio de Contas cenário de capítulos históricos por onde passa, algumas cidades, estradas, negociações, associações, são estabelecidos a partir do curso de suas águas.

Não há uma convenção quanto ao nome do rio, se RIO DE CONTAS ou RIO DAS CONTAS. Adoto Rio de Contas por ser a forma reconhecida em Palmeirinha. A origem de seu nome ainda bastante estudada especula-se que os índios dessa região o titulavam de Jussiape, chegou a ser chamado pelos espanhóis de Rio São Julião, e também de Rio Santo Agostinho. Segundo o historiador Borges de Barros, o nome faz alusão à existência de pedras redondas e azuladas, parecidas com “contas”, que se espalhavam pelo leito do rio. Já Araújo (1971) salienta que a explicação mais plausível quanto ao nome é de Aristides Milton: nas proximidades da atual cidade de Jussiape, na Chapada Diamantina, durante a mineração em épocas

pré-fixadas, encontravam-se mineradores e cobradores do “quinto de ouro”⁷ para acertar contas, daí a denominação RIO DE CONTAS.

O rio, numa concepção simbólica, permite também o trânsito cultural, uma vez que ele é o principal vetor de acesso às trocas. Nas idas e vindas das trocas mercantis, elementos de subjetividade são agregados, como também são doados constituindo os vínculos, alianças e relações, que são sobretudo trocas simbólicas. Nas comunidades ribeirinhas os movimentos do rio orientam as relações: com o próprio rio, e conseqüentemente com as pessoas. Para a população de Palmeirinha houveram duas enchentes marcantes do Rio de Contas uma em 1914 e outra em 1945. Conta Sr. Urbano que a enchente de 14 foi vivida pelo seu pai, aconteceu no ano de seu nascimento, mesmo assim faz referencias como tendo sido uma “enchente braba”, já a de 1945 ele se recorda.

“Ziza era minha pessoa. Quando chegava ali no rio, cadê o rio? Não podia passar, eu ia atrás de Ziza. Ziza meu amigo eu quero ir pro outro lado. Aí ele remando no leito passava, subia passava quando dobrava. Vixe...minha Nossa Senhora! [...]Nessa época, que eu vinha, eu era menino. Tempo que Ziza atravessava...era por volta de 1940, por aí...viu. 1940. Não. Eu nasci em 26, mais 14. É isso mesmo, 1940...45. Até que em 45 teve uma enchente desgraçada no Rio das Contas de novo. Era nessa época, que só atravessava o rio ali de canoa.”

⁷ Imposto cobrado pela Coroa portuguesa sobre o ouro encontrado em suas colônias, relação extrativista entre Portugal e Brasil. O quinto equivalia a 20% de todo o metal garimpado, que obrigatoriamente deveria ser registrado em "certificados de recolhimento" pelas casas de fundição.



Imagem 3 – O canoeiro Ziza fazendo a travessia do Rio de Contas.

O Rio de Contas não é o único rio relevante para o Povoado de Palmeirinha. Tem o Rio Preguiça diretamente ligado a origem do município de Aiquara. Entretanto, o Rio da Palmeirinha tem maior evidência devido à proximidade com o povoado.

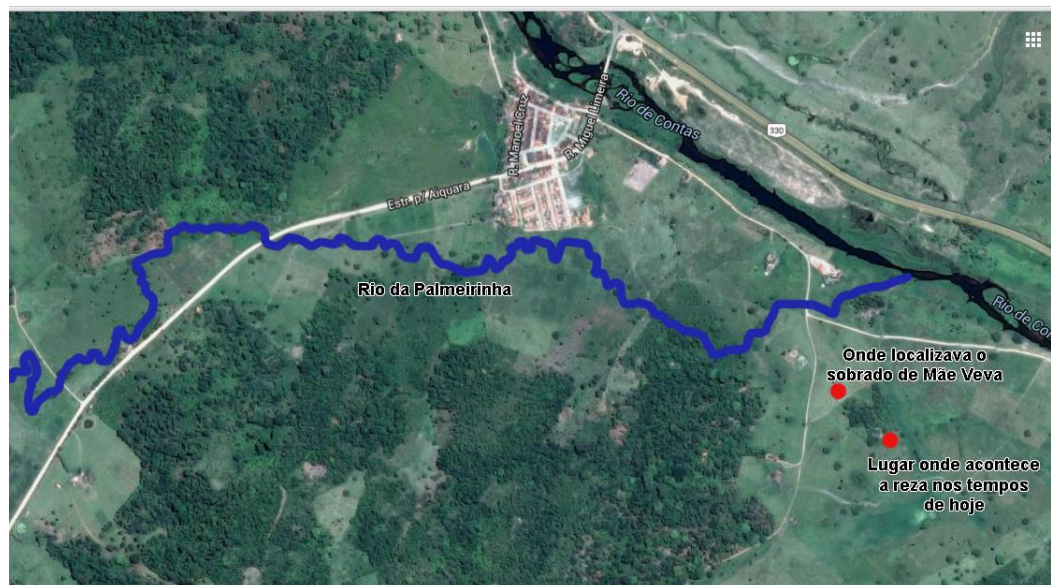


Imagem 4 – Imagens aéreas do povoado de Palmeirinha captadas por satélite em 2015.

Fonte: Google Map. <https://www.google.com.br/maps/place/Palmeirinha,+Aiquara++BA/@14.0420378,39.8305946,1326m/data=!3m1!1e3!4m2!3m1!1s0x73f52ba0a1b5c2d:0x2c802cc36a3b0f1b>.

Acessado em 16/10/2015.

O Rio da Palmeirinha é citado no depoimento do Sr. Urbano, segundo ele, naqueles tempos o rio era perene, hoje é um rio sazonal, só corre água nos períodos de muita chuva. Durante toda a fala dele é possível notar o uso do rio como marcador de localização, em alguns momentos de sua fala o rio e o povoado se enredam.

“A gente morava praticamente no meio da estrada entre Dona Genoveva e Aiquara, e aí a nossa ligação era ou com Aiquara, o Arraiá da Conceição ou com a Palmeirinha chamada, que é ali que era legítima Palmeirinha. Você vai pra Palmeirinha? Eu vou. Pra onde? Pra casa de Dona Genoveva. Era ali. Chegava ali onde tem a ponte a gente descia lá adiante tinha um sobradinho alto, uma casa alta, lá era a casa de Dona Genoveva”.

A composição do povoado é articulada aos trajetos dos Rios de Contas e da Palmeirinha, o local para as construções são escolhidos a partir dos movimentos de cheia dos rios. Muitas atividades de subsistência e rotina da comunidade dependem do rio. A água como elemento natural essencial a vida traz em si muitos significados conjecturados entre o material e o imaterial. O Rio de Contas que inspira poemas, também é o lugar onde transita o mágico, o ilógico.

Devido as especificidades dos depoimentos analisados, Sr. Urbano desenha o rio sob um aspecto histórico geográfico, enquanto Tia Babá narra as subjetividades, do rio como elemento simbólico, em alguns momentos nem parecem tratar do mesmo lugar. Nas narrativas feitas por Tia Babá o rio é um lugar mítico, onde pedras cantam e encontrava-se enterrado “carrote” de ouro e prata. O rio derivava mito.

“Tinha uma pedra medonha, e eu ia lavar roupa... pro riachão medonho lavar roupa. Lá em cima a gente pegava aquela roupa, aí depois que tirava o sujo daquela água... pegava aquela roupa estendia assim... pra... pra arejar um pouco, pra poder torcer, pra roupa ficar alva. Naquilo que acabei de torcer a roupa, que eu tava pra vim pra casa... a pedra...bem a pedra tava cantando...uma cantiga: ‘Oh, lelê o lalá! Oh, lelê o lalá! Eu quero ver os cavaco avoar, Eu quero ver os cavaco avoar...’ batia de dentro da pedra assim! Aquele samba danado. Quem disse que nunca mais eu cantei isso? Ave Maria...! Tomei um medo danado. ‘Madrinha Laura!’ contei o caso, madrinha Laura: ‘Deixa de ser medrosa’. Eu vou me dizer uma verdade...nunca mais eu vou lá sozinha, não. E não cantei mais isso. Fiquei com medo...”

[...]

“E daquilo...oxen...como eu tô dizendo...eu ia levar uma carga de animal, que não tinha estrada antes. Não tinha estrada em lugar nenhum. Ia assim, pela beira do rio. Rio Branco, quando chegou cá

dentro assim, parou. Pra levar aqui pro do lado de Jequié. O povo bateu, assim...páa...o pé no negócio assim. Ele olhou...era um arco...aquele negócio assim de botar cachaça? Carrote...Cheio de prata e ouro... Ouro, que comprou uma fazenda. Tinha um véi, o velho Caboré. O velho Caboré, pela estrada de cá, assim... pra passar em Rio Branco. Ah, meu Deus do céu! Aquilo ali saí pelo Rio Branco, beirando o Rio de Contas, pra sair. Era uma luta medonha!”

“Medonho” o Rio de Contas mete medo pra quem não sabe respeitá-lo, mas que também corre calmo em águas tranquilas. São atribuídos ao rio características e sentimentos. Um rio que nasce quando brota numa nascente, também morre quanto deságua no mar.

“os rios são construtores de mundos sociais e aglutinam em torno de si uma boa quantidade de representações como “lugar de significação” que são. Servem de baliza ou marco quase míticos para estratégias socioculturais. Os rios significam muito mais do que simples suportes físicos ou acidentes geográficos traçados nos mapas ou, ainda, recursos da natureza. Eles são paisagens...são lugares em que as pessoas se abrem aos mistérios da natureza, ao patrimônio simbólico, possibilitando a interpretação da criação cultural, um encontro das pessoas”. (CHIAPETTI; CHIAPETTI (2011, p.75-76)

O Rio de Contas é um lugar em movimento, uma imagem em movimento. Cujos significados são tomados da relação entre a água, terra e as pessoas.

As relações tecidas pelos sujeitos a partir do lugar

As condições físicas impostas pelo lugar estreitam os laços de relação entre as pessoas. A acomodação das famílias ao espaço - no período compreendido nas falas de Sr. Urbano e Tia Babá – requereu esforço e trabalho coletivo. Como na passagem em que Sr. Urbano conta como seu pai recém chegado de Nova Lage, relacionava-se com os vizinhos, formando parcerias para ocupação da mata.

“Também trabalhava em fazenda, negócio de plantio de mandioca, só que lá plantava mas não colhia, porque o inseto não deixava. E ele aí, disse que foi atrás de terra boa, terra nova, ele chamava terra nova...e encontrou mesmo. E começo a trabalhar, aí...o Emídio e o Paulino também era...um era vizinho. Quando passava a fazenda desse vizinho ia pra fazenda o outro vizinho, que chamava...não. Primeiro era do Paulino Manoel de Mello, depois era do Emídio Ferreira. Todos vizinhos lá. E eles é que se entrelaçava e conversava, mas quando saía de uma fazenda pra ir pra outra, não pisava em canto nenhum a não ser por dentro de mata. Mata, mata, mata, até chegar na outra propriedade. Onde chamava assim...fazer abertura. Fazer abertura que roçava e depois derrubava mata, ficava aquele mundo velho de pau pela estradinha. Tinha que cortar o pau essa

coisa toda, não tinha estrada, não tinha ponte, não tinha nada. Onde tinha água, tinha que passar por cima da água. O Rio da Palmeirinha passava por lá, e quando enchia... Ahhh! E enchia constantemente.”

A fala de Sr. Urbano expõe a imagem de um lugar hostil, revelado pela repetição da palavra “mata”, que expressa a extensão da mata, mas também a dificuldade de transpô-la, “não tinha nada”, não tinham os recursos. A água também surge como um elemento que reforça a dificuldade de trânsito. A mesma água que serve como via de acesso, aqui é vista como barreira. Esses tipos de condições deixavam o grupo recém-instalado quase que numa situação de isolamento de outros grupos. Numa escala de prioridade entre os relacionamentos: Os próximos seriam os da família, aqueles com laços consaguíneos e que ocupassem a mesma residência; Depois os vizinhos, de fazenda; e por fim, outros grupos de outros lugares.

As famílias eram numerosas, e estabelecia-se uma divisão de trabalho, na maioria das vezes por gênero. Tinha as atividades executadas por homens e as executadas por mulheres, entretanto a mulher exerce papel fundamental também no sustento da família. Tia Babá falando sobre o início em Palmeirinha, explica como eram distribuídas as tarefas em sua casa.

“Pai abriu essa mata e fez uma fazenda, mas pai trabalhava de carpinteiro ganhava de carpinteiro 3.000 mil réis por dia á 5 tostão por dia, é o que ele ganhava. E botava mãe pra ir trabalhar...mamãe...mamãe, viu!

[...]

Essa fazenda aqui que abriu...tinha muito cacau, que pai plantou, mas quem cuidava era mamãe e eu. Eu era pequena, mas eu ia com mamãe pra roça. Tinha sido mata bruta, teve que derrubar pra fazer aquela roça. Mas eu vou te dizer...ele quase não trabalhava. Ele ia trabalhar de dia, ganhava dinheiro, e nós é que cuidava da roça.”

Numa roda de conversa, em minhas andanças por Palmeirinha os mais velhos me contaram que ninguém tinha trabalhador, as colheitas, os roçados eram feitos coletivamente, o que eles chamam de “roubo”. Quando uma roça de cacau estava com os frutos maduros no ponto de colheita, o grupo se organizava e ia ao amanhecer do dia, sem aviso prévio ao dono da roça bandeirar o cacau, o dono recebia a surpresa e deveria providenciar comida para alimentar os “trabalhadores temporários”. O método configura-se num sistema de troca simbólica, tratada por Mauss (2003) como “sistema das prestações totais”. “Aparentemente livre e gratuito, e no entanto obrigatório e interessado” (MAUSS, 2003, p.188), pois aquele que

recebia o roubo, por um contrato jurídico social, via-se obrigado a retribuir em duas instâncias: primeiro com alimentação pra todos envolvidos no trabalho; e depois deveria participar dos “roubos” nas outras fazendas.

Da coletividade a rede de relacionamentos é tecida. Interdependência, laços de afetividade e sentimentos são estabelecidos, elementos subjetivos que constituem uma comunidade. Estruturas simbólicas traçadas das tramas do sujeito enquanto ator social, do valor do indivíduo construído historicamente e mantido socialmente – instituindo assim a relação de parentesco. Segundo Geertz (2008),

“Os termos de parentesco só aparecem no discurso público em resposta a alguma pergunta, ou para descrever algum acontecimento que tenha ocorrido ou que se espera que ocorra, e a respeito do qual a existência de um laço de parentesco pareça ser um dado relevante da informação. Assim sendo, os modos de dirigir-se ou de fazer referência dentro da família não são mais (ou muito mais) íntimos ou expressivos dos laços de parentesco em qualidade do que aqueles que existem dentro da povoação em geral”. (GEERTZ, 2008, p.157)

“Entrelaçar” como diz Sr. Urbano é criar laços de parentescos, que vão além dos laços consanguíneos, mas também dos laços consanguíneos, vez que o casamento também tem a função de unir famílias. As trocas simbólicas também produzem parentesco, selados a partir de fenômenos coletivos evidentemente sociais.

Em alguns momentos, e para determinadas pessoas, Tia Babá em sua fala as trata como “Pai” e “Mãe”, Pai Elídio, Pai Macuca, Mãe Bó e Mãe Iria. Mãe Bó era sua irmã. Entretanto os demais não possuíam laços consanguíneos, mas relação de respeito como verdadeiros pais. O mesmo respeito que alguns sujeitos que não são filhos de Mãe Veva, e Pai Véi, mantêm essa relação de maternidade e paternidade. Os termos “Pai” e “Mãe” parecem estar associados a um status social que representam respeito, sabedoria, liderança, algo de maternal ou paternal. O grupo é tido, como uma única grande família, com várias mães e vários pais. Para Halbwachs (1990), "o grupo familiar mais amplo tem mais dificuldade em se isolar materialmente: oferece uma superfície maior aos olhares dos outros, uma abertura maior à opinião". Já para o Sr. Urbano, sua fala ressalta sobrenomes, a organização social sob a perspectiva dele, é anunciada a partir do valor do nome. Num momento ele diz: “era os Peixoto”. Um sobrenome representa um grupo familiar. Para Geertz (2008, p.155), “O nome de alguém é o que resta para esse alguém quando são retirados todos os

outros rótulos culturais que lhes são ligados, muito mais salientes socialmente”. A organização social feita a partir de pequenos grupos (células familiares) que formam um grupo maior (povo de Palmeirinha).

As relações de parentescos são estabelecidas a propósito de fundamentos afetivos, sentimentais e subjetivos, mas também materiais. O parentesco antes de qualquer acontecimento advém da coletividade, sociabilidade, como estratégias de organização social.

CAPÍTULO III

NOTAS SOBRE A REZA

Mãe Veva: A Promessa e a chegada em Palmeirinha

Mãe Veva hoje é uma figura que vive no tempo. Dos muitos que a conheceram poucos estão vivos pra contar sua história, e que a cada dia que passa sua história é tomada cada vez mais pelo tempo. Está aí a essência da oralidade. Os retalhos dessa trajetória estão espalhados nas lembranças daqueles que presenciaram os seus feitos. Ficam lacunas que talvez um dia o tempo se encarregue de preencher, porém até o momento...

Genoveva Gomes Cruz, mais conhecida como Mãe Veva, é figura marcante na história de Palmeirinha, relevância atestada em depoimentos de moradores antigos na região, que ao citá-la expressam respeito e carinho. Valor reconhecido na interpretação de imagens fotográficas onde frequentemente ela aparece como figura central, o centro é lugar de destaque, representa equilíbrio. No casamento retratado, Mãe Veva é avó dos noivos, que são primos carnais. Os pais dos noivos aparecem no segundo plano da imagem, atrás de Mãe Veva, a posição central aí representa respeito e autoridade.



Imagem 5 - Casamento de Vitória Alves e Roque Souza.

Não há uma convicção quanto ao período exato do nascimento de Mãe Veva. Naqueles tempos o registro de nascimento de uma criança não acontecia de imediato, podia levar anos até o seu assentamento. Os documentos de Mãe Veva atestam seu nascimento no ano de 1885, ela mesma garantia que quando fora registrada já possuía por volta dos 6 anos, supondo seu nascimento no ano de 1879.

Para melhor compreendermos a conjuntura social que abarca o período do seu nascimento, consideraremos então, uma estimativa entre 1879 a 1885, final do século XIX, faixa temporal abarcada pelo período abolicionista brasileiro.

No ano de 1885, é promulgada a Lei Saraiva-Cotegipe, conhecida como Lei dos Sexagenários, que liberta os africanos escravizados no Brasil com mais de 65 anos, foi proclamada no dia 28 de setembro de 1885, sem implicações efetivas, uma vez que havia a desvalorização econômica dos escravos idosos. Um paliativo para os anseios da liberdade. A lei atingiu a poucos, pois era muito difícil sobreviver às condições de escravo impostas até impetrar tal idade. Apesar da promulgação da lei representar mais uma investida do movimento abolicionista rumo ao fim definitivo da escravidão no país, assim como a Lei do Ventre Livre⁸, a Lei dos Sexagenários concedeu liberdade a uma parcela dos escravos, mas a aplicação prática de ambas era pouco relevante, mantendo o país marcado por sua base escravista.

E diante desse cenário, na zona rural do interior da Bahia, no antigo Rio Branco, hoje município Itajurú, nasce Mãe Veva, registrada como nascida em 03 de janeiro de 1885, dia de Santa Genoveva, daí a origem do seu nome. Santa Genoveva é pouco conhecida no Brasil, ela é santa católica francesa, virgem, que se dedicou desde a infância ao serviço divino, reconhecida por ter convencido os parisienses a não entregar a cidade, graças a sua força de caráter, abrandado a fúria de Átila o rei dos hunos, por meio de oração, evitando a invasão, tendo sido consagrada pela igreja católica como padroeira de Paris. Nesse período era bastante comum batizar o filho com o nome do santo reverenciado no dia do nascimento, fazia parte da prática de alguns cristãos católicos do Brasil. Levando em consideração os

⁸ A lei do Ventre Livre foi promulgada em 28 de setembro de 1871, assinada pela Princesa Isabel, e concedia liberdade para os filhos de escravos nascidos a partir da data de sua aprovação. Como seus pais continuariam escravos, a lei estabelecia duas possibilidades para as crianças que nasciam livres. Poderiam ficar aos cuidados dos senhores até os 21 anos de idade ou entregues ao governo.

meios de comunicação da época, as informações, quanto aos santos homenageados, ficavam a cargo dos almanaques⁹, distribuídas na época.

Pouco se sabe sobre os pais de Mãe Veva, os irmãos raras vezes iam visitá-la em Palmeirinha, quem teve mais contato foram os filhos mais velhos, que não estão mais entre nós para contribuir com essa passagem. O feito mais marcante da vida dela perpetuado por vias da oralidade foi sua ida/chegada a Palmeirinha. Momento que simboliza o fim, mas também o início de uma nova vida. Segundo Eliade (1992, p.33), “toda construção e toda inauguração de uma nova morada equivale de certo modo a um novo começo, a uma nova vida”. E assim, Mãe Veva fez, e talvez seja por isso que sua vida antes de Palmeirinha seja pouco sabida, uma ruptura com o passado, a partir da nova morada, um novo nascimento, uma nova vida.



Imagem 6 - Mãe Veva jovem.



Imagem 7 - Fundo da foto de Mãe Veva jovem.
Fotografia encomenda ao retratista Gabriel Santos, com descrição para retoques de pinturas.

Texto da Imagem:

“Manoel Ribeiro da Cruz

Faz. Boa Esperança

Jitauna – Jequié – Bahia

Sua esposa busto vivo

Olhos – Castanhos

Cabelos – pretos

Tez morena clara

Vestido azul pavão festin vermelho

Tersin o braço direito”

A chegada de Mãe Veva à Palmeirinha é uma história contada no âmbito da família, com o valor de início, a História Original, como tudo começou. Afirmam que sua ida para Palmeirinha se deu por conta de uma negociação. Ela tinha uma

⁹ Almanaque é uma publicação (originalmente anual) que reúne um calendário com datas das principais efemérides astronômicas como os solstícios e as fases lunares.

pequena propriedade na região do antigo Rio Branco, que fazia divisa com as terras do Coronel João Borges - pai de Waldomiro Borges (1967-1971) ex-prefeito de Jequié e avô do senador César Borges, pessoas influentes politicamente e abastadas - causando interesse nele para ampliação de sua propriedade. Propôs então uma permuta a Mãe Veva, oferecendo como opção, uma fazenda na Princesa, região de Itagi, lá a fazenda já estava feita, possuía plantações e pasto, e seria necessário que ela desse “uma volta”, pelos valores não serem equivalentes, ela deveria equiparar acrescentando uma quantia em dinheiro, entretanto Mãe Veva não se agradou do local e tão pouco possuía recursos, e foi então que surgiu a segunda alternativa, a terra em Palmeirinha, sem nenhum beneficiamento, “mata fechada”, porém a facilidade de se obter água, e a qualidade da terra, chamou a atenção dela, fazendo-a aceitar a proposta. Tia Babá conta que a troca foi feita as cegas.

“Cumpadre João Borges ‘Eu não deixo a roça, só se for trocar a roça. Na fazenda lá embaixo, chamada Palmeirinha, eu também, eu não conheço muito, vamos fazer uma permuta? Trocar um pelo outro’. ‘E aí? Como vai? E a bagagem?’ Que naquele tempo não tinha carro...tinha um caminhão chamado Estrela do Sul, já ouviu falar em Estrela do Sul? Foi o primeiro caminhão que eu conheci. Aí falou assim com Estrela do Sul: ‘Eu vou levar sua bagagem toda até a beira do rio...depois desce de canoa, chega lá no porto descer, saltar e trocar...trocar uma fazenda por outra’. Assim mamãe fez, trocou. Trocou sem conhecer. Foi, chegou lá, foi que pegou Palmeirinha, foi lá dessa vez. Tinha aquela roça, aquela roça tudo ali...aí...nós ficava por ali tudo pra tu ver...”

O que parece uma simples negociação, para Mãe Veva era um verdadeiro milagre. Milagre que ela contava aos filhos pra que nunca esquecessem, contava que fizera uma promessa a Nossa Senhora da Conceição, pedindo dignidade para criar seus filhos, pois ela e o seu esposo, Pai Véi, não eram abastados e criavam seus filhos com bastante dificuldade. Tanto Mãe Veva, quanto seu esposo e os filhos mais velhos contavam aos mais novos sobre as condições de sobrevivência deles em Itajurú, contaram das dificuldades de subsistência, pois dependiam das atividades agrícolas, e o solo era pedregoso. Ao surgir à oportunidade de sair do local seco e viver na zona da mata, na beira do Rio de Contas, Mãe Veva interpretou como uma resposta a suas preces. O recebimento de uma dádiva.

A promessa é, segundo Mauss (1979) é um rito religioso oral, consiste “principalmente em solicitações por meio de oferendas ou de pedidos”¹⁰. “Pela promessa, um acontecimento adquire uma virtude que lhe assegura a realização”¹¹, podendo ou não assumir a forma de prece, desde que esteja relacionada a coisa sagrada. A promessa feita por Mãe Veva assume o valor de sagrado, pois está “manifesta-se sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades ‘naturais’”(ELIADE, 1992, p.12), não pertencente ao mundo humano (profano).

A Reza no Tempo Mítico

“as sociedades onde o mito é — ou foi, até recentemente — “vivo” no sentido de que fornece os modelos para a conduta humana, conferindo, por isso mesmo, significação e valor à existência”
(ELIADE, 2002, p.6)

Chegando em Palmeirinha, Mãe Veva, Pai Vêi, e seus filhos, encontraram mata fechada, mata virgem. Fizeram seu roçado, e plantaram alimentos para sua subsistência, criaram seus animais e foram reestruturando sua vida. Construíram ali sua morada.

¹⁰ MAUSS. A prece, 1979, p. 141.

¹¹ Ibidem, p. 145.



Imagem 8 – Casarão onde Mãe Veva morou, o primeiro sobrado da região.

E só depois de construído o casarão, pagou sua promessa, e começou a realizar o ritual propriamente dito, “A Reza de Mãe Veva”. Que representa a retribuição da dádiva recebida por ela. Assim, a dádiva é a morada, mas também é a Reza, logo são coisas sagrada. “É que a própria coisa dada forma um vínculo bilateral e irrevogável, sobretudo quando é uma dádiva de alimento”¹².

“Os ritos começam por ser sobretudo coletivos; são realizados praticamente apenas em comum, pelo grupo reunido. A maioria das crenças, inicialmente, só existem sob uma forma tradicional; estritamente obrigatórias, ou ao menos comuns, espalhavam-se por toda a coletividade com uma uniformidade cujo rigor dificilmente podemos imaginar”. (MAUSS, 1979, p.105)

A fala de Sr. Urbano sobre a origem da Reza evidencia elementos quanto está a função assumido de rito religioso articulado pela coletividade. Mãe Veva inicia um ritual, entretanto ele só é aceito e incorporado pela comunidade por causa do rito, que na fala de Sr. Urbano revela-se como identificação religiosa.

“A origem dessa reza dela mesmo, é que ela era católica, e ela começou rezar, e aquela região ali, todo mundo era católico, e sempre ia, e aí, foi aumentando, aumentando. E...peraí, tinha uma

¹² MAUSS, 2003, p.286.

devoção, eu não sei se, é por Nossa Senhora...a gente ia, até que no último dia, ia muita gente, muita gente. Tinha o encerramento e tinha muita gente, aí rezava as Ladainhas, tudo direitinho, e quando terminava tinha uma festa muito bonita, e dança (risos), e sanfona. E quem é que não queria ir pra essa festa? Todo mundo ia. Era um festão grande de noite, a noite toda. (...) Gente da região toda. O Ziza, e outros, ficava passando gente naquele rio a noite toda. Tinha que atravessar o rio quem vinha lá de outras fazendas, do lado de lá do rio no porto, tinha que atravessar o rio”.

Nos tempos de Mãe Veva, a Reza iniciava no dia 07 de dezembro, e concluía no dia 08 de dezembro, dia de Nossa Senhora da Conceição. Todos os esforços, durante todo o ano era pra acumulo de material e ingredientes para o preparo dos alimentos servidos, pra toda gente que vinha de longe rezar junto com ela. No final da reza, a grande festa. O casarão construído em prol da Reza possuía no andar inferior um armazém, onde eram guardados os mantimentos produzidos, e também os que eram comprados na cidade - aos poucos pela dificuldade de transporte e armazenamento da época -, e muitos quartos pra abrigar quantos coubessem por lá.

Mais próximo à data da Reza, a vizinhança, acudia como podia no preparo da festa, com doação de comida: ovos, frutas, verduras, alimentos produzidos por eles, pra alimentar toda aquela gente que vinha a pé, de cavalo, de canoa, de tudo quanto era jeito possível pra época. Davam guarida também aos visitantes. Acabada a Reza, começava a festa. Talvez não houvesse esse limite de um começar quando o outro acabar.



Imagem 9 – Tocador de sanfona, que animava as festas de Mãe Veva e filhos.

O sagrado e o profano: O Altar, o ensaio e a caixa de pedidos.

A Reza de Mãe Veva por ser um ato religioso busca na religiosidade uma ligação com o sagrado. Mauss (1979, p.117) diz que “Uma religião é um sistema orgânico de noções e de práticas coletivas relacionando-se com os seres sagrados que reconhece”. O ritual é construído com o objetivo de conexão com o sagrado. Entretanto, o sagrado e o profano são duas faces do mesmo ritual. Um só existe porque o outro é. Segundo Eliade (1992, p.13), “O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano”, e o sagrado se manifesta por vias do que ele chama de hierofania. A Reza surge assim de uma hierofania, quando por vias de Nossa Senhora da Conceição, Mãe Veva tem um pedido atendido. No contexto da Reza de Mãe Veva a dádiva assume formas de hierofania.

Na Reza nos moldes de hoje, a construção ritual do espaço acontece a partir da montagem do altar, como se houvesse aí a construção do lugar sagrado. A montagem do altar torna a sala o recinto sagrado. O altar é o sinal que sacraliza o lugar. Segundo Eliade (1992, p.19), “no recinto sagrado, torna-se possível à comunicação com os deuses; conseqüentemente, deve existir uma ‘porta’ para o alto, por onde os deuses podem descer à Terra e o homem pode subir simbolicamente ao Céu”. A montagem do altar é a ruptura com o profano, que coloca fim ao caos, e aciona a sacralidade estabelecendo a ordem cósmica. Nos tempos de Mãe Veva o altar ficava montado constantemente na “sala do altar”, interpreto como se para Mãe Veva o lugar sagrado fosse todo o sobrado. Relação construída a partir de sua ida para Palmeirinha, pois é lá que ela “recebe a revelação de um lugar sagrado” (Eliade, 1992, p.20).

O altar já estava montado quando as mulheres começaram o ensaio. A montagem do altar aciona o sagrado e talvez por isso o ensaio das preces, antes da Reza de 2014, foi visto por alguns como profano, pelo sentido assumido ali, que foi o da simples repetição mecânica. Por entender que “o sagrado manifesta-se sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades ‘naturais’” (Eliade, 1992, p.12), a Reza é o que há de real, o ensaio é a manifestação de algo de uma ordem diferente, daí o status de profano. A relação sagrado/profano algumas vezes toma a forma de real/irreal.



Imagem 10 – Mulheres ensaiando a Reza em 2014.

A montagem do altar “coincidentemente” em baixo da fotografia de Valéria, bem como o rito da queima da caixa dos pedidos, pode ser classificada com ritos mágicos, por serem animado por um poder imanente espiritual. São também ritos religiosos, pois segundo Mauss (1979, p.142), são “atos tradicionais eficazes que se relacionam com coisas consideradas sagradas”. Ambos representam a morte e a ressurreição, a transformação para assumir a forma de algo novo.

O altar só passa a ser considerado altar com a inserção da imagem, antes disso é só uma mesa com toalha branca. A imagem que pertenceu a Mãe Veva, é a partir dela que o espaço é sacralizado.

A imagem de Nossa Senhora: Maternidade como arquétipo

A representação de Nossa Senhora é um sistema simbólico. As interpretações que faço da representação é sob dois aspectos – a imagem e o símbolo. Ciente de que não se trata de uma dissociação, e sim de duas faces na construção do sentido. Segundo Eliade (1991, p.11), “as imagens são, pela sua própria estrutura,

multivalentes". Como sistema simbólico, agrupa outros símbolos que organizam a construção da imagem.



Imagem 11 – A imagem de Nossa Senhora da Conceição que pertenceu a Mãe Veva.

Sob os pés nas nuvens tem os três anjos e a meia lua, na cabeça a coroa dourada, a posição das mãos, o manto, o olhar direcionado ao alto, são símbolos articulados em prol de um sentido religioso, que é o Dogma. O Papa Pio IX em 1854 publicou a Bula "Ineffabilis Deus", com o Dogma da Imaculada Conceição. Nesse texto pontifício é publicadas especificações quanto ao culto a Nossa Senhora da Conceição, reverencias a Maria mãe santíssima de Jesus. Conceição deriva de concepção, e o desígnio ressaltado nessa devoção é a maternidade de Maria, com a

publicação da bula o Papa Pio IX destaca a Imaculada Conceição, a concepção sem o pecado, a virgindade de Maria ao conceber o filho de Deus. O mesmo símbolo, com mesmo sentido, e dois mitos diferentes, o mito de Nossa Senhora da Conceição prioriza os aspecto da maternidade, e o mito de Nossa Senhora Imaculada da Conceição a pureza, a virgindade. Os símbolos articulam seus significados sob o aspecto da “maternidade”.

“o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do ‘princípio’. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição”.(ELIADE, 2002, p.9)

Os mitos e ritos preenchidos por esse aspecto articulam o sentido, adotado pelo grupo. Segundo Eliade (2002, p.9), “O mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares”. Perguntei a Tia Babá como a mãe dela iniciou a Reza, ela não me respondeu diretamente, mas contou sobre outro ritual que Mãe Veva participou.

Como eu tô dizendo...mamãe foi pra uma festa, uma reza. Uma reza na casa do pessoal de João e Lai. E nessa reza que ela foi...tinha uma menina que pegou um espírito. Era um espírito de uma que fazia aquela cantiga linda de missa. Ave, Maria! Mamãe ficou louquinha pela aquele negócio. Aí, pediu ela: “Oh, minha filha! Como é que tu faz, pra tu ir lá em minha casa?”, ela disse: ‘A senhora toma um banho de rosa branca, e vá se deitar, e quando deixar... eu chego lá, em sua casa. E lhe chamo’. Aí mamãe fez isso. Mamãe tinha um pé de rosa branca. Mamãe chegou em casa, pegou a rosa branca, e cozinhou, e tomou esse banho de rosa branca, e foi se deitar. Mas não me contou nada. Eu subi, e fui me deitar. Quando eu tava dormindo...que eu ví, assim...abrir...que abriu a porta. Mamãe tava cá fora proseando. Pra mim...mamãe tava proseando com Mãe Bó cá fora. Aí abriu a porta...acendeu a luz. Mas eu tinha muito medo tava deitada. Eu tinha muito medo, e fechei o olho. Não abri o olho. Da cama pra lá...pra beira da mala, assim, é como daqui ali assim. Aí quando eu fechei o olho, assim (com os olhos entre abertos)...eu vi aquele negócio azul na porta...entrou chegou na cama, e sentou na minha beira. A cama chegou morgar...vê, como quando uma pessoa senta na beira da cama. Eu fechei o olho. Aí, eu fiquei fazendo que eu tava dormindo. Se eu tivesse abrido o olho eu via quem era. Mas cadê coragem? Aí, eu vi...chegou e deitou assim, eu vi aquele cabelo liso, liso, liso de fora à fora. Um cabelo lindo. Aquele cabelo liso ficou deitado na minha beira assim. Aí sentou. Sentou na cama e eu fiquei quieta...nem virei, pra abri o olho pra olhar. Quando saiu fora...puxou a porta, que eu abri o olho já tinha saído. Aí, eu disse assim: ‘Oh, Mamãe! Mamãe! Oh, Mamãe!’... Mamãe: ‘O que é minha filha?’... ‘Oh,

mamãe vem cá'. Aí, mamãe: 'O que é Babá?' eu digo: 'Oh, mãe! Vem cá ligeiro! Vem me buscar, eu não quero dormir aqui mais não. Eu quero dormir mas a senhora e pai. Não quero dormir aqui mas não. Aí mamãe veio: 'O que foi?'. Aí...cheguei entre mãe e pai e me deitei, na beira dos pés assim. Aí: 'Oh, mãe! Olha, uma moça que chegou e entrou no meu quarto, e deitou em minha beira, e eu não sei quem foi'... 'Foi minha filha? Ah, meu Deus do céu! Logo veio deitar mais tu', eu digo: 'Foi'. Eu fiquei assombradinha."

Numa formatação diferente da Reza organizada por Mãe Veva, no ritual narrado há a particularidade de “pegar espírito”, e ainda a indicação do banho, mesmo Sr. Urbano afirmando que tanto Mãe Veva como “todo mundo era católico”, comungavam de práticas que não são práticas católicas, entretanto, os símbolos e seus significados são acionados e pelos seus sentidos relacionam-se.

Não é porventura que o banho seja preparado com rosas brancas, e tomado à noite antes de dormir, nem o fato de Mãe Veva já ter um pé de rosa branca plantado em casa. Mesmo que esteja no não dito, Tia Babá recebeu a visita de Nossa Senhora da Conceição, em sua fala revela referências a imagens, “aquele negócio azul”, alusão ao manto azul e “aquele cabelo liso, liso, liso de fora a fora” tal qual os cabelos da figura. O espírito tem ainda um gesto maternal ao entrar no quarto e deitar na “beira” da cama, como uma mãe zelando por sua filha. Nossa Senhora da Conceição é evocada na Ladainha como “Rosa Mística”, outro aspecto ao qual é reconhecida. Nossa Senhora da Conceição é mulher e mãe, o ventre sagrado, daí advém sua santidade, segundo os dogmas da Igreja Católica, por isso coroada a Rainha do céu. O mito está relacionado ao arquétipo da Grande Mãe, acessado por outros mitos.

“A tais concepções míticas correspondem as crenças relativas à fecundidade espontânea da mulher e a seus poderes mágico religiosos ocultos, que exercem uma influência decisiva na vida das plantas. O fenômeno social e cultural conhecido como matriarcado está ligado à descoberta da agricultura pela mulher. Foi a mulher a primeira a cultivar as plantas alimentares. Foi ela que, naturalmente, se tornou proprietária do solo e das colheitas. O prestígio mágico religioso e, conseqüentemente, o predomínio social da mulher têm um modelo cósmico: a figura da Terra Mãe”. (ELIADE, 1992, p.72)

Por vias do mito torna-se possível compreender como as coisas passaram a existir. Trazendo para o contexto de Palmeirinha, por vias dos mitos narrados - considerando os dito e não dito, mas que reconheço sua existência e relação com o

lugar pelos símbolos – desenha-se o contexto sócio-religioso original. Tia Babá acessou outro mito, que conta da Caipora.

“Mamãe era que chegava e fazia assim...botava...lá tinha uma casinha dentro da roça, aí mamãe botava a rede lá na casinha, um balaio de...de...desse feito...ferrava assim e ajeitava dentro da rede...e botava ali pra balançar e cobria com um véu, por causa de muriçoca. E botava ali, aí botou madrinha Laura ali dentro...aí...quanto deu um tempo assim: ‘Oh, cadê madrinha Laura?’...Eu não sei mãe, eu não sei, não. Eu saí ali quando cheguei não encontrei mais. Aí, ela: ‘Meu Deus! Oh, Laura...Laura...Laura’. Correndo...madrinha Laura tava lá... em riba de uns galho, sentada num lugar alto, toda cheia de negócio de...daquele negócio azul de brilho, de enfeito da Caipora. Toda cheia de enfeito pra todo canto assim, e sentada. ‘Oh, minha filha! Como é que tu foi parar aí?’ – ‘Oh, mãe! Foi uma alma viva que me botou aqui’. Ée...mas deu trabalho pra tirar madrinha Laura de lá. Foi a caipora que tinha carregador ela, tava bem sentada. Aí...eu fiquei agora, que não sai mais da beira, com medo, pra não panhá madrinha Laura. E fiquei ali tocando até a hora de ir embora. Porque mamãe fazia as coisas por ali, e eu fica ali.”

Tia Babá trás a Caipora como uma figura feminina, vez que na mitologia brasileira a maioria dos mitos surge como uma entidade masculina, associado ao Curupira. A Caipora como se apresenta em Palmeirinha, é um encantado que tem domínio sobre a mata, e dela faz sua morada, que encanta e rouba as crianças menores. Mais uma vez a maternidade como arquétipo, contudo sob um aspecto dualístico. Uma mulher que rouba crianças, seria o aspecto negativo da maternidade, está no não dito, mas está lá. Num outro mito citado por Tia Babá,

“Tinha uma casa, em baixo assim...que tinha uma mulher que morava ali, que a cobra chupava o peito da mulher de noite e botava o cabo na boca do meninozinho. Dava pra criança e chupava o peito da mãe...a cobra chupava, era assim. Aí...quando eu passei ali, eu passei com medo, passei...passei com medo...passei com medo medonho”.

O mito era utilizado como explicação à desnutrição entre as crianças na fase de amamentação. A cobra que rouba o leite, que simboliza a vida, assim como a água. Contudo, a cobra que mama é uma alegoria ao mito da Serpente Primordial, similar à serpente dos Jardins do Éden, do mito da Criação, relacionada à tentação de Eva, a serpente representa o Caos. Enquanto que a imagem de Nossa Senhora da Conceição com as mãos postadas no coração simboliza uma relação de amor e cuidado, um aspecto positivo no sentido mais elevado da Grande Mãe, o sentido Sagrado.

“A mulher relaciona-se, pois, misticamente com a Terra; o dar à luz é uma variante, em escala humana, da fertilidade telúrica. Todas as experiências religiosas relacionadas com a fecundidade e o nascimento têm uma estrutura cósmica. A sacralidade da mulher depende da santidade da Terra. A fecundidade feminina tem um Modelo cósmico: o da Terra *Mater*, da Mãe universal”. (ELIADE, 1992, p.72)

Assim, o mito é situado num contexto sócio-religioso, que também é interétnico e dele aflora as negociações simbólicas, cujos determinados aspectos de valorização dos símbolos são determinados por sua origem. O Sagrado e o Profano, duas faces do mesmo arquétipo.

A comida

Os símbolos não possuem uma etnia. Seus significados são constituídos no sentido da demarcação de fronteiras, são instituídos de etnicidade. A comida é um símbolo, assim como o ato de comer e preparar o alimento é simbólico. Comer vai além de nutrir o corpo. Através da comida o corpo energiza a vida. Comer é um ato físico, mas também um significativo. Segundo Lody (1977, p.38),

“Na realidade da cultura popular brasileira as interpretações locais, de cunho regional dão a culinária de cunho religioso variações que acontecem motivadas pelos estímulos socioeconômicos e pelos filamentos etnográficos que em ações conjuntas determinam as transformações culturais.”

O ato de comer enquanto ritual divide o tempo, na cultura brasileira o dia é dividido pelo café da manhã, almoço e jantar. Os ciclos do dia são divididos pelas refeições, demonstrando a forte relação com o tempo e o que se come a cada período. Dentre os hábitos culturais em comunidades como Palmeirinha há também as associações alimentares com alguns períodos específicos ou a saúde, como no período menstrual, a restrição ao abacaxi dentre outros alimentos, no pós-parto, a mulher evita comidas “remosas”¹³, além do milho para estimular a produção do leite e

¹³ Entre as comidas remosas estão os peixes de pele, alguns frutos do mar, dentre outros alimentos com alto teor de gordura. Acredita-se que esse tipo de alimento altera o processo de cicatrização, podendo ocasionar inflamações.

ainda tem o “pirão de parida”¹⁴, que vem acompanhado da “temperada”¹⁵, e talvez a maior das expressões culinárias da região acontece na semana santa que está sempre associada ao jejum de carnes vermelhas, numa região ribeirinha é reforçado o consumo de peixes, além do cuscuz, e a cachaça na guiné¹⁶.

A escolha do que comer são projeções de fatores econômicos, sociais e culturais, articulado através dos seus sentidos. Numa comunidade rural como Palmeirinha, nos tempos contados por Sr. Urbano e Tia Babá, comia o que se plantava. A produção do alimento movimenta as trocas segundo Sr. Urbano

E aí, na questão de trabalho pra sobrevivência ele começou trabalhando também, plantando milho, feijão, naquele tempo plantava até arroz, mandioca. E aí, tudo isso ajudou viver todo mundo, tal. Mais tarde aí, começou abrir uma arezinha, comprou uma vaquinha, e foi. Noite, quando do início a gente não tinha que comer de noite, tinha que comer era aipim, quando não era o aipim, era... e aí foi levando a vida, e ele foi se melhorando, melhorando, e em 1920...eu nasci em 1926, em 1930...31, eu já tava trabalhando também junto com ele, e aí nós fomos até que melhoramos mesmo (risos). Não existia o povoado ainda, existia umas casinhas em Aiquara, umas casinhas que logo depois começou a fazer uma feirinha, chegava um queria...ia e levava mercadoria, mecadoriazinha que colhia pra lá, pra vender, lá em Aiquara.

Na cultura de Palmeirinha o alimento é associado a significados que relacionam o corpo às subjetividades. Na fala de Sr. Urbano, o alimento é demarcador de classe social, “não tinha que comer de noite, tinha que comer era aipim”. A forma de produção do alimento era familiar, no formato de venda e troca das mercadorias, revela-se o sentido da coletividade que a alimentação é acionada em Palmeirinha. Um dito popular que circula pela região diz: “Trabalhar com muito e

¹⁴ O nome remete-se a um conjunto de pratos, apesar de o pirão ser a grande estrela, antes dele vem o cozido de galinha caipira, do caldo extraído junto com a farinha de mandioca é feito o pirão. Por ser considerado um alimento leve a mulher consome quase que durante todo o resguardo (período de 40 dias após o parto). Mas o pirão de parida é também um momento festivo em que a família vai visitar a parida e comem o pirão, como um ritual de apresentação da criança a família.

¹⁵ A temperada é uma infusão de cachaça com ervas aromáticas e mel, preparado e servido pelo pai da criança recém nascida ao visitantes.

¹⁶ Infusão de uma planta de cheiro forte, conhecida como guiné em cachaça. A garrafa com a mistura é enterrada na sexta feira da semana santa de um ano para o outro, para ser consumida na sexta feira santa do ano seguinte. O objetivo é beber uma dose para “fechar o corpo”, para que se tenha a guarnição e nada de mal aconteça a quem bebe.

comer com pouco”, entretanto o que se mostra até então é a alimentação como atos sociais, portanto coletivos.

Comer após a Reza de Mãe Veva tem se instituído como um ritual é uma prática que vem perdurando e tem assumido significados que agregam ao sentido a Reza. Sobre as comida da Reza nos tempos de Mãe Veva, Sr. Urbano também conta que

Naquele tempo, tinha muita facilidade pra gente criar porco, porco, galinha, e muita galinha. Aí tinha muita comida, muita galinha, muita carne de boi, muito porco, comprava-se ¼ de boi...lá na Palmeirinha também quando tinha qualquer festa, matava...a gente chamava capado, matava um capado, 2. Tinha comida toda hora, quem chegasse lá não passava fome não.

A comida acionada como símbolo de abundância, e prosperidade. “Não passava fome não”, não se refere apenas a comida em si, mas também a boa recepção. Comer junto é constituir laços de parentesco. Comer antes de tudo passa pelo ato de cozinhar. O verbo cozinhar é obrigatoriamente associado ao verbo oferecer. Então o processo de formação de parentesco é iniciado a partir do cozinhar e oferecer. As mulheres cozinheiras exercem um papel importante, pois o ato de cozinhar, de preparar o alimento é carregado de subjetividades, que envolvem o ato de alimentar o corpo, mas também o sagrado.

Em Palmeirinha o movimento da casa gira em torno da cozinha, que faz às vezes de sala. Ao se chegar às casas é comum receber o convite para um cafezinho na cozinha. Em algumas casas com as cozinhas são maiores do que as salas. Outro fator comum é terem duas cozinhas. O fogão a lenha expande a cozinha para área externa.

Cozinhar tem sido um ritual feminino. A cozinha é território das mulheres, esse elemento vem se fortalecendo nas Rezas de 2014 e 2015, ainda mais do que nos tempos de Mãe Veva. Nos tempos dela, como Sr. Urbano contou, os homens eram os responsáveis por abater os animais que seriam oferecidos, além de cortar a lenha para alimentar o fogo do fogão a lenha. Hoje com o fogão a gás, e a facilidade de encontrar tudo pronto para comprar, isso comprometeu a participação masculina. Em

2014, retomando a tradição acontece uma tentativa de inclusão do almoço como parte do ritual. Durante o preparo dos alimentos os homens ficam longe da cozinha.



Imagem 12 – Na Reza de 2014 as mulheres preparando o almoço.



Imagem 13 – Enquanto as mulheres preparam o almoço e monta o altar, os homens ficam do lado de fora da casa.

O que se come, o que se oferece, os pratos que são servidos não apresentaram uma linearidade, noto que a relação não é com o tipo de comida, mas com o ato de comer junto. Nesse sentido o almoço e o comer depois da Reza, representa união. Renovar os laços de parentesco. O bolo servido em 2014 tem o valor de sobremesa, já que Reza seria após o almoço. Em 2015, a relação estabelecida pelo bolo vem sendo reforçada mais pelo sistema simbólico da cor, mais do que pelo alimento propriamente dito.



Imagem 14 – Bolo servido em 2014.



Imagem 15 – Bolo servido em 2015.

A Reza de Mãe Veva como prática cultural articula-se por vias de formas simbólicas. Segundo, Muniz Sodré (2005), “o símbolo é, portanto, um operador de estrutura, um agenciador de vazios, de formas sem significados atuais, uma vez que a “significação” é a própria regra de organização, a regra sintática, o valor constituinte de uma linguagem, que introduz o indivíduo na ordem coletiva” (p.36). Assim, a comida assume o papel de símbolo, mas não pela forma “comida” propriamente dita, mas pelos rituais impressos no ato de cozinhar e comer junto, empregados no sentido de reatualização dos laços de parentesco.

CAPÍTULO IV

A REZA

Trazer a Reza como texto parece contraversão ao caminho da oralidade, sob o qual sempre se sustentou. Entretanto o objetivo aqui consiste em “fixa-lo numa forma inspecionável” (GEERTZ, 2008, p.13). A partir das descrições das Rezas realizadas nos anos de 2014 e 2015, os símbolos são destacados para a estruturação dos ritos, e seus significados, mitos e sentidos interpretados sob a perspectiva do contexto interétnico.

A Reza de 2014: “As coisas de Nossa Senhora são assim”

Domingo, 07 de dezembro de 2014.

O primeiro ano sem Valéria. A primeira reunião em família depois que Valéria fez a passagem. Dizem que o primeiro ano é o mais difícil. Lembro quando ano passado estávamos todos reunidos pedindo pela saúde dela, pedido uma intervenção divina para alívio do seu sofrimento, a cura física e espiritual. As novenas da família que antecederam o dia de hoje clamaram pela saúde dos enfermos, mas também um pedido de acalanto, sempre lembrado o sofrimento de Nossa Senhora da Conceição em ver o seu filho sendo crucificado. É um pensamento recorrente o sofrimento da mãe que perde seu filho. Tia Vitória é firme como uma rocha, mas dentro de suas firmezas ela chora e sofre pela perda da filha. A perda de um filho altera a ordem natural, que é dos pais irem primeiro, uma desordem. Valéria amava essa Reza, e Tia Vitória é a guardiã da imagem de Nossa Senhora que pertencia a Mãe Veva, fica na casa dela.

Tia Vitória ainda está organizando sua vida. Nos últimos tempos sua missão de vida era cuidar da filha enferma, e por isso teve de passar uma temporada na capital do estado, então sua vida estava concentrada entre Salvador e Jequié. Agora, mais em Jequié. Enquanto retoma seu destino, voltar hoje pra Palmeirinha, para manter viva a Reza dos nossos antepassados, é alimentado também pela memória de Valéria. Não foi dito por ninguém, mas percebo a obrigatoriedade de que a Reza aconteça em Palmeirinha.

Na quarta feira que antecedeu a Reza, tia Vitória e Conceição, a filha mais velha dela, se reuniram com minha mãe na casa dela para organizarem o domingo da Reza. As conversas centravam as atenções quanto à comida. Quem iria para almoço, quem ia contribuir com o quê, e o que seria servido após a Reza. Eu não fiz nenhuma sugestão, queria interferir minimamente nas decisões, então adotei a postura de concordar com todas as decisões delas, uma forma de mostrar o meu apoio. Decidiram que encomendariam um bolo, me propus a pagar pelo bolo, essa seria minha contribuição, e elas decidiram em qual confeitaria eu deveria fazer a encomenda. Elas fizeram a sugestão de um bolo decorado com rosas, igual tinham visto num aniversário e acharam que combinaria com o momento. Só fizeram referencias ao recheio que deveria ser coco e doce de leite. Fui à casa de Dona Graça, a confeitaria, fazer a encomenda e a primeira coisa que ela me perguntou foi sobre a cor, “qual a cor você quer para as rosas?”, eu não sabia o que opinar e ela me perguntou sobre a ocasião, então eu resumi e disse que era pra o lanche da Reza de Nossa Senhora da Conceição, ela logo disse, bastante empolgada: “Então tem que ser azul, as rosas serão azul, aquele azul da cor do manto de Nossa Senhora. Vai ficar lindo!”. Ela decidiu com tanta convicção que eu confiei e nem discuti. Depois telefonei para tia Vitória pra ver se ela concordava e ela disse, “Vai ficar lindo!”.

Muita gente se propôs a vir, e como a casa na Palmeirinha estava fechada há algum tempo, algumas mulheres foram no sábado lavar a casa, limpar para receber as visitas. Fui hoje, para que eu pudesse levar o bolo, encomendado, que só estaria pronto às 08h00minhs. Na hora marcada cheguei à casa de Dona Graça, e lá veio ela com o bolo de rosas azuis, e uma bandeja de pãozinho, mas eu só havia encomendado o bolo, e ela disse: “Esse é meu presente pra Nossa Senhora, minha santa de devoção”. Depois do bolo ainda tive que buscar minha prima, Célia, que iria de carona comigo. Célia me pediu para passar na floricultura com ela pra comprar umas rosas, chegando lá ela pediu uma dúzia de rosas brancas, e a atendente perguntou: “É para o altar de Nossa Senhora?”, Célia afirmou acenando com a cabeça, e a florista disse: “As coisas de Nossa Senhora são assim, essas são as últimas rosas brancas. Tenho 15 unidades, três leva como presente meu pra Nossa Senhora”. A florista e Célia conversaram sobre as cores das flores, mais apropriadas para decoração de andor e altar, diziam ser branco, amarelo, azul. No carro contei a

Célia sobre o presente da confeitadeira e ela me disse ter ficado arrepiada: “As coisas de Nossa Senhora são assim. Maria, passa na frente e vai abrindo os caminhos”.

Na estrada, quando passamos por Jitaúna, lembrei-me da minha infância, quando passava por ali e dizia ao meu pai: “Quando eu crescer quero morar aqui em Jitaúna, acho essa cidade tão linda” - A praça, a igreja, a ponte sobre o Rio Preto, as barracas dos ciganos com as panelas penduradas brilhando, tudo isso me encantava – meu pai sempre me repreendia achando engraçado, soltava um “Deus é mais” de boca cheia. E hoje passando pelo mesmo lugar, o sentimento é diferente, nem me imagino morando ali, acho que hoje penso como o meu pai naquela época. Lembro também da estrada, hoje toda asfaltada, nos tempos de minha infância era de chão, levávamos quase duas horas para fazer o percurso que hoje fazemos em 40 minutos, imagino ainda nos tempos de Mãe Veva que era tudo mata.

Chego a Palmeirinha. E como dizemos por aqui estava um “calor abafado de chuva”. Ao atravessar a ponte, é quase que obrigatório desligar o ar-condicionado do carro, abaixar os vidros das janelas pra cumprimentar as pessoas, algumas eu nem conheço, mas elas falam comigo e eu retribuo. O irmão mais velho de minha mãe, Tio Nonda, foi o primeiro rosto que vi ao atravessar a ponte, como de costume, parei o carro e ele logo estendeu a mão pela janela do carro para me dar sua bênção. Ofereci carona para “descer” pra casa de Tia Vitória. Nós falamos “descer” ou “ir lá em baixo”, mas a casa fica no alto de uma serra, do mesmo jeito que falamos “subir” ou “ir lá em cima” quando o sentido é descer a serra, isso porque prevalece como referência o sentido que corre o Rio de Contas, em que “descer” é seguir o percurso natural do rio e “subir” é o mesmo que ir contra a correnteza.

Na casa de tia Vitória só estavam os de casa, as visitas ainda não haviam chegado, e ainda dava pra sentir o cheiro de barro molhado, por causa do piso de cerâmica rústica lavado ontem. O movimento da casa se concentrava na cozinha e no terreiro de dentro, perto do fogão a lenha. A função para as mulheres era preparar o almoço, e para os homens uma mesa de carteadado, onde aconteciam às rodadas de buraco, jogo de baralho com o objetivo de formar sequência de no mínimo 7 cartas chamadas canastras. Até o final da manhã, as pessoas foram chegando, muitas mulheres na cozinha, que ficou pequena pra tanta gente, uma das mulheres que estava em volta da mesa enquanto cortava verduras pra salada disse: “A cozinha de

Mãe Veva que era boa, tinha aquela dispensa que ela juntava as coisas pra Reza, e juntava aquele tanto de gente pra fazer, era uma trabalhadeira, mas era uma alegria”, a outra disse: “E aqueles bolos feito com glacê, numa delicadeza, tinha que fazer bem antes pra esperar secar”.

Célia abriu as sacolas que trouxe e foi tirando de dentro algumas bombonieres de cristal, que encheu com biscoitinhos de goma e polvilho, arrumou no aparador da sala, e disse: “Nos tempos de Mãe Veva nós é que fazíamos os biscoitinhos, era tanta variedade”. Sempre alguém se lembrava de alguma coisa comparando com os tempos de Mãe Veva.

O almoço foi servido ao meio-dia, pois havia uma preocupação com os mais velhos, que costumam almoçar entre 11h30min às 12h00min. A comida foi colocada à mesa e tia Vitória chama a todos para almoçar. Quando todos estavam em volta da mesa, ela fez uma prece em agradecimento. Agradeceu pelo alimento, pela presença de todos e fala da importância da união familiar, e inteira com um Pai Nosso e Uma Ave Maria. Os idosos e as crianças são os primeiros a serem servidos, porém só os idosos sentam a mesa, os demais se servem e procuram lugares sombreados em volta da casa para se sentarem. Almoçamos e depois começamos as mulheres, a limpar a cozinha, lavar a louça, varrer a casa, e pelo adiantado da hora, arrumar as coisas para a Reza.

Com a sala limpa, mais uma vez as mulheres, começaram a montagem do altar, a escolha do local. Relembavam a sala do altar na casa de Mãe Veva, que era permanente com luxuosos castiçais de chão, ficava posicionado de frente para a porta. E assim quiseram replicar o altar, colocaram a mesinha de frente para a porta. Cobriram-na com uma toalha branca, porque tinha que ser branca, a primeira peça da composição do altar foi a imagem de Nossa Senhora, colocada ao centro.

A imagem é a peça original de Mãe Veva. Passou por restauração recentemente. Tia Vitória me contou que a imagem estava no cemitério, no túmulo de Mãe Veva, e que um dia Febone, um dos netos mais velhos dela, sonhou com Mãe Veva pedindo para que a santa fosse tirada de lá. Assim fizeram, e trouxeram a imagem para Jequié. Célia me contou que levou a imagem para limpeza e restauração. Eu perguntei: “Como assim, limpeza?”, ela disse que a imagem estava

num lugar com energias pesadas que precisavam ser limpas. Entendi não se tratava de higienização, mas de uma limpeza espiritual.

Em seguida, no altar vieram os jarros de rosas, um de cada lado da imagem. Mais alguém além de Célia havia levado rosas, também. Só que rosas rosa, e foi retoma a discussão de mais cedo quanto às cores. Célia disse que não tinha problema, e justificou que rosa clarinho, também podia, porque representa a feminilidade. E as mulheres montaram dois arranjos de rosas brancas e rosas, misturadas. Os vasos eram diferentes, um de vidro e o outro de cerâmica esmaltado da cor azul claro, alguém lembrou que aquele vaso era de Mãe Veva. Algumas rosas estavam despetalando, e as pétalas foram colocadas “aos pés de Nossa Senhora”, por sugestão de Célia. Logo depois, veio a vela, e um copo com água, que inicialmente ninguém sabia dizer porque estava lá, depois disseram “Mãe Veva colocava um no altar dela”. Nos pés da mesa... “Tem que colocar uma esteira de palha, no altar de Mãe Veva tinha, que eu lembro”, colocaram a esteira de palha.

Depois do altar montado: “Tira uma assim, daqui de frente” - Célia coordenava sob quais ângulos eu deveria fotografar – ela olhou para a parede, sobre o altar recém montado, e viu o desenho de Valéria, num quadro que tia Vitória recebeu de presente. Célia chamou as outras primas que estavam mais próximo e disse: “Oh, pra isso! Valéria gostava tanto dessa Reza, tinha um amor por essa imagem, o altar ficou debaixo dos olhos dela”. E começou uma comoção contida, com olhos marejados disfarçados, para que tia Vitória não visse.

Nos últimos anos, para organização da Reza, minha mãe digitalizou todas as preces e construiu uma apostila intitulada “Novenário de Nossa Senhora da Conceição”, que é usada também na novena de Nossa Senhora que Célia faz. O novenário é quando a imagem de Nossa Senhora da Conceição fica nove dias na casa de uma pessoa, ao final desse período vai para uma nova casa.

Arrumado a mesa do lanche essas apostilas ficaram a disposição e uma das primas começou a folhear as páginas, ela disse: “Eu acho tão lindo o Bendito como faziam antigamente”, e começou a cantar, aí veio outra e disse “Não é assim, não. O ritmo é assim...”, e cantou. Eu não entendo de música, mas não percebi mudança no ritmo, notei mudança na entonação. A discussão chamou atenção de mais algumas pessoas que estava na sala, que foram pegando as apostilas em cima da mesa e

procurando a página, e de repente já tinha formado um coral, descompassado, cada uma cantando pra um lado diferente. Então surgiu, foi tão rápido que nem deu pra ver de onde veio à ideia: “Vamos ensaiar, gente! Tá muito feio isso”. A voz do coro foi tomando força que num instante já tinham oito mulheres sentadas, no sofá e na esteira do chão, cantando, ensaiando para a Reza.

Tio Fernando, que na verdade é primo carnal de minha mãe, logo, meu primo em segundo grau – mas em nossa família é comum chamarmos os primos mais velhos de tio, minha mãe sempre disse que é uma forma de respeito aos mais vividos – perguntou através da janela: “Começou a Reza, foi?”, quase que em coro, explicaram que era só o ensaio era pra ficar bonito. Ele ficou visivelmente irritado, bufando, levantou do banco da varanda do lado de fora da casa, atravessou a sala e foi para o quarto, não disse mais nada. E começaram as especulações: “Ave Maria, o que foi?”, “É por isso que antigamente tinham as novenas antes da Reza, pra não precisar de ensaio”, “Oxe, e o novenário de Célia, só não foi quem não quis”, “Zangou, por isso, foi?”, “Esse povo antigo é assim, mesmo!”. O grupo voltou ao ensaio, e agora o coro contava com as vozes masculinas que vieram do lado de fora da casa. A sala encheu, e o ensaio continuava no Bendito. “Ave Maria, vamos ensaiar outra coisa, já tá enjoando”, “Ainda tá feio, precisa de mais ensaio”, “Vamos ensaiar o ‘Senhor Deus’, eu acho tão lindo”, e já estava aproximando as 15h00min, e começa a chover. A maioria das pessoas já estavam concentrada na sala. Algumas mulheres concluíam a arrumação da mesa do lanche, com o bolo os biscoito, já tinha um cheiro no ar de café recém passado.

Como de costume, tia Vitória foi para frente do altar, mas as discursões quanto ao ritmo, quem cantava melhor ainda persistiam. Meu pai percebendo a intenção de tia Vitória em falar, ele diz: “Atenção, atenção, vamos dar atenção pra nossa oração, para que Nossa Senhora veja e diga pra nós que vale a pena, a pena vale no nosso coração é o nosso coração que vai dizer se nós estamos sendo corretos”. Só se ouvia: “Isso, mesmo!”, “Verdade!”. Após alguns segundo de silêncio, tia Vitória começa a falar agradecendo a presença de todos em comemorar Nossa Senhora, “Nossa Mãe”, diz que é um momento de tradição iniciado por Mãe Veva. Com a maioria das pessoas de pé, apenas os impossibilitados pela saúde ficaram sentados, Tia Vitória evoca o Espírito Santo, com a seguintes palavras: “Eu te evoco Espírito

Santo, que Tu se faça presente neste momento”. E começa com o “Sinal da Santa Cruz”.

Em coro: Inicia com o Cântico de Entrada, Pai Nosso e Ave Maria cantados, que estão na página 10 da apostila; Depois a Ladainha de Nossa Senhora, em latim, na página 15; Então uma “Salve Rainha”, da página 16; E depois “Maria Concebida”, da mesma página. Tia Vitória oferece a prece aos doentes, pedindo o livramento de todo o mal e saúde. Tudo parecia meio mecânico, era como se apenas lessem as prece da apostila sem nenhum sentido, até que ao olhar para alto, tia Vitória vê o quadro com a imagem da filha e se emociona, e começa uma comoção geral – seguem com a um Pai Nosso, e uma Ave Maria – e é a vez de Maria Áurea oferecer aos desamparados, pedindo iluminação na caminhada. Vem outro Pai Nosso, e mais uma Ave Maria, e dessa vez tia Vitória oferece aqueles que já se foram, diz que Nossa Senhora está no céu intercedendo por nossa avó, Mãe Veva, pede ainda por uma sobrinha que está gestante com complicações na saúde do bebê, diz que assim como Jesus transformou a água em vinho ele pode transformar e curar. Mais um Pai Nosso e mais uma Ave Maria; E volta à página 17 com o Bendito de Nossa Senhora da Conceição – tia Vitória terminou o Bendito com um suspiro profundo. Segue com “Senhor Deus” da página 18.

Tia Vitória ajoelha e com isso alguns ajoelham também, a voz dela trêmula de que sufocava o choro, profere “Bendito louvado seja” e todos respondem, “para sempre seja louvado”, ainda de joelhos, ela apoia as mão no altar e pende a cabeça, e não segura mais o choro, chega a soluçar. Com a toalha branca que cobria a mesa enxuga as lágrimas, e todos ficam parados chorando em silêncio respeitando a dor dela, que é nossa também, ela é levantada do chão com a ajuda dos que estavam próximos. Meio atônitos e sem a liderança de tia Vitória as pessoas começam a falar ao mesmo tempo, uma fala algumas palavras de apoio, outra pede pra rezamos mais um Pai Nosso para fortalecê-la, enquanto outra já está rezando o Pai Nosso. Então uma voz mais alta começa o Pai Nosso, que unifica as vozes, num coro que seguem em Ave Maria. E conclui o momento de oração com o cântico de despedida que é ritmado pelos aplausos e vem sendo cantado desde os tempos de Mãe Veva, em que as pessoas vão ajoelhando no altar, beijam os pés de Nossa Senhora e deixa uma quantia em dinheiro, uma forma de retribuição para o dono da casa, para que a Reza continue nos anos seguintes.

*Quem nesta casa entrar/
Esse altar eis de vir beijar/
Quem for filho de Nossa Senhora/
Todos tem que ajoelhar.*

As pessoas começam a se abraçar, e só depois o lanche é servido. Todos comem juntos, e novamente só os mais velhos sentam a mesa. Após o lanche alguns foram embora, outros ficam para ir mais tarde.

A Reza de 2015: “Os pedidos depois da reza vão ser queimados...”

Segunda, 07 de dezembro de 2015.

Tia Vitória já está restabelecida em Palmeirinha. Dia 07 de dezembro esse ano caiu numa segunda feira, Talvez por isso não tenham vindo tantas pessoas quanto ano passado. Esse ano não teve o almoço, antes da Reza, como no ano passado. Saímos de Jequié, após o almoço. No meu carro veio Rita, uma prima, e Iasmin, minha filha. No carro da minha mãe, além dela, meu pai e Maria Antônia, prima da minha mãe e irmã de Rita. Minha mãe almoçou mais cedo e foi, Tio Lio, irmão dela, que mora em Jitaúna fez o mesmo. Eles chegaram a Palmeirinha por volta do meio dia e meio, e nós 13h20min.

No caminho fomos conversando inicialmente sobre política, Rita faz parte de alguns movimentos sociais e gosto de saber como andam as articulações em nossa região, ela é do colegiado Territorial do Médio Rio de Contas. Ela quis saber sobre a pesquisa, e me fala dos indícios que ela vai juntando como um quebra cabeças das conversas que ela vai tendo com o povo da região em suas andanças. A fala dela me faz pensar nas minhas andanças, nos meus trânsitos.

Chegando em Palmeirinha, atravessamos a ponte e passamos em frente a casa em Rita cresceu. Quando sua mãe tia Maria, Maria Cerqueira, era viva, era uma parada obrigatória, hoje não paramos porque a casa estava fechada. O pai de Rita, Ziza, era um dos canoieiros que fazia a travessia no Rio de Contas. A história dessa família está diretamente ligada ao rio. A casa de frente para o rio, e na beira da estrada, passagem pros que estão em transito, ou parada pra quem buscava uma boa prosa.

A estradinha que dá acesso à casa de tia Vitória é estreita, então só dá pra passar um por vez, quando vem alguém no sentido contrário, o carro tem que entrar

um pouco no mato em direção à cerca, pra dá passagem ao outro. No caminho encontramos com um senhor montado a cavalo, me fez lembrar o meu avô. Enquanto ele passava pelo carro, baixou a cabeça tirando o chapéu pra nos cumprimentar, era alguém que Rita conhecia, ela conversou um pouco e seguimos. Conteí a ela a lembrança que tenho do meu avô, quando por aquele mesmo caminho nos encontrávamos, ele no cavalo e eu a pé, eu vinha de longe gritando: “Benção Vevéi?”, e ele enquanto respondia: “Deus abençoe, dê vida e saúde”, pegava em minha mão, suspendia acima da minha cabeça e me rodava sobre me corpo num rodopio, que terminava com a mão dele em minha boca pra eu beijá-la e em seguida levava minha mão a boca dele.

A casa que hoje tia Vitória mora era dos meus avôs, minha avó fazia da beira da casa o seu jardim, tinha uma variedade de flores plantas, hoje restam poucas plantas do tempo dela. Ela era reconhecida por dá flores, era talentosa com as mãos, tanto pra plantar, quanto pra cozinhar, pescar, tratava dos cabelos das mulheres da região. Ela fazia uma pasta com soda caustica para alisar os cabelos, que ela testava a acidez na língua. Lembro-me dela sempre com um lenço na cabeça. Vir a Palmeirinha é sempre assim, e hoje a vinda com Rita, e os “causos” dela levaram minhas memórias aos meus avôs, acredito que a amizade do meu avô com o pai dela reavivou essas lembranças.

Quando chegamos a casa, tia Vitória e as outras mulheres estavam na cozinha. A cozinha é um espaço social, de maior valor simbólico do que a sala. Em nossa família tudo começa e termina na cozinha, as casas tem a cozinha maior do que as salas, para caberem mais pessoas. Estavam sentadas em volta da mesa, bebendo café e conversando. Cumprimentamos a todos e nos juntamos para o cafezinho. O dia 07 dezembro tem sido um dia de relembrar, e não é só para mim, quando chegamos o assunto era Maria Áurea, uma prima, que fez a partida no dia 01 de novembro, esteve presente nas últimas e Rezas e hoje não mais, nunca mais estará lá, fisicamente. Tem sido um dia de saudades. Percebo que a semana que antecede, assuntos sobre os que já se foram é recorrente.

Ficamos ali conversando até próximo às 14h00min, Maria Antonia foi ao terreiro, como é chamado o entorno da casa, para procurar flores para a decoração do altar. Tia Vitória pegou a toalha branca e em seguida a imagem de Nossa

Senhora, que fica guardada no quarto do meio na penteadeira junto a outras imagens, e colocou sobre a mesa da sala. Esse ano não teve um altar separado da mesa do lanche. A mesa dividida, em uma cabeceira da mesa é montada o altar e na outra o lanche.

Sempre tem bolo. Algumas vezes mais simples, mas desde o ano passado o bolo tem sido feito pela mesma confeitadeira, o mesmo modelo com rosas azuis da cor do manto de Nossa Senhora, porém, esse ano bem menor e escrito na bandeja “Ns. Senhora da Conceição”, quem encomendou foi Conceição filha mais velha de tia Vitória. Ano passado vieram 38 pessoas, esse ano 14, mas o lanche foi participativo do mesmo jeito. Minha mãe e eu compramos uns avoadores e pãezinhos, e tio Lio levou uns biscoitinhos de goma. Mas uma vez as mulheres organizam o altar e o lanche.

Enquanto arrumávamos a mesa Rita sugeriu que escrevêssemos nossos pedidos num pedaço de papel e colocássemos numa caixa aos pés de Nossa Senhora, que ao final da Reza queimamos, no intuito da fumaça levar aos céus até Nossa Senhora. Num papel do lado de fora da caixa ela escreveu: “Os pedidos a Nossa Senhora da Conceição, Depois da reza vai ser queimado na fonte José Ribeiro”. A fonte, é um chuveiro que tio Lio instalou em frente a casa e para inaugurar encomendou uma pedra de mármore talhada escrita “Fonte José Ribeiro Cruz”, em homenagem ao meu avô. A fonte fica em baixo de um pé de ameixa, pela largura do tronco, uma árvore centenária.

Rita pegou um maço de papéis e escreveu os “pedidos encomendados”. As pessoas que não vieram fizeram seus pedidos pelo whatzap, e ela os transcrevia naquele instante, a ferramenta possibilitou que os parentes de Salvador, Camaçari, Feira de Santana e São Paulo pudesse participar de alguma forma da Reza. Maria Antonia entra com buquêzinhos de flores nas mãos, Hibiscos vermelhos e brancos, e Bela Emília azuis, que são colocados num copo com água ao lado da imagem da santa. Mesmo na cabeceira da mesa a imagem é centralizada, de um lado as flores, do outro a vela acesa, e ao centro nos pés da imagem a caixa com os pedidos.

Chegam Dona Júlia e Dona Senhora, elas são senhoras da Legião de Maria, grupo da igreja de Palmeirinha, moram no povoado e todos os anos vêm a Reza. Após os cumprimentos enquanto esperávamos o relógio marcar às 15h00min, o

assunto foi a reforma da igreja, com a obra a entrada que antes ficava em direção a escola, foi virada para a praça. “A igreja nova ficou mais quente”, porque a igreja está de costas para o rio, e perdeu a ventilação, a obra não agradou a comunidade.

Algumas apostilas ficaram com Célia, e não tinha cópias suficientes para todos. As legionárias tinham um livreto com todos os cânticos, então Rita fotografou em seu celular “O bendito de Nossa Senhora” para acompanhar. Chega à hora de começar a Reza, os homens entram a sala, e ficamos todos em pé em volta da mesa. Tia Vitória dá a vez pra legionárias começarem e uma delas diz: “Você começa que você é a responsável”, e ela diz: “Responsável não, mas faço isso de livre e espontânea vontade”. E assim começa: “Vamos pedir pelos presentes, pelos ausentes, a gente sabe que nosso coração lembra de todo mundo, coloco toda nossa família, todos aqueles que o sangue corre, estão aqui presente. Aqueles que já se foram em especial ela (Mãe Veva) que era a devota e os outros também que já se foram, mas a gente sabe que no coração estão sempre presentes”. Sempre em coro com a voz de todos juntos o Sinal da Santa Cruz, em seguida o “Vinde Espírito Santo”, e antes de fazer o “Canto de Entrada”, tia Vitória diz: “Vou cantar aqui, mas minha voz está fraca”, e algumas pessoas dizem que também estão com a voz ruim, mesmo assim, todos cantam. Então o Pai Nosso e Ave Maria cantados, a Ladainha em latim, e “Maria Concebida”.

No Oferecimento Dona Júlia oferece um Pai Nosso, uma Ave Maria e uma Santa Maria dizendo: “Pedindo a Deus que tome providência sobre essa família, sobre essa reunião, que o senhor Jesus abençoe, que daqui um ano esteja todo mundo junto reunida aqui fazendo esta obrigação”. Em coro, rezamos um Pai Nosso, uma Ave Maria e a Santa Maria, tia Vitória faz um pedido, clamando por aceitação, conformação. Oferecendo um Pai Nosso, Ave Maria e Santa Maria, Rita pede por saúde e que Nossa Senhora abra portas e janelas a quem precisar. Tia Vitória dedica uma Ave Maria a Mãe Veva pedindo a Nossa Senhora que dê o descanso eterno a ela e a todos que se foram. Entoa o “Bendito de Nossa Senhora da Conceição”, em seguida “Senhor Deus”.

Cantam uma música que diz:

*Nossa Senhora essa é a festa do seu dia/
Do seu dia, do seu dia, do seu dia, do seu dia*

Ao repetir “do seu dia”, a vozes seguem entonações variadas e me lembra do coro de lavadeiras do rio, com os pés dentro d’água e com as roupas quarando nas pedras, me lembrei de que Dona Senhora é lavadeira antiga do povoado. E a cantiga de ofertório: “Quem nessa casa entrar esse altar tem de vir beijar. Quem for filho de Nossa Senhora tem que ajoelhar” e enquanto nós tradicionalmente ajoelhamos e beijamos os pés de Nossa Senhora e deixamos a oferta. E para o encerramento cantamos:

*Nossa Senhora adeus, adeus/
Queremos benção pra o dia seu/
Nós prometemos não faltaremos/
Nossa Senhora adeus, adeus*

E começam os gritos: “Viva Nossa Senhora”, “Viva Jesus Cristo”, “Viva os donos da casa” e todos respondem “Viva”. E todos começam se abraçar.

Antes do lanche vamos todos para a fonte, com a caixa com os pedidos e a vela que estava também no altar. Os pedidos depositados no chão, nos pés das árvores são queimados pela chama da vela que estava no altar, enquanto nós observamos à fumaça subir aos céus. Depois de transformados em cinza e o fogo ter apagado, entramos em casa e lanchamos. Terminando o lanche todos foram embora aos pouco, saindo em pequenos grupos.

CONCLUSÕES

A etnicidade do povo brasileiro vem sendo amplamente discutida no objetivo de projetar as relações étnicas que resultaram a formação deste país. Simplificar a formação a partir de três grandes grupos étnicos: brancos, negros e índios. Fator que remete a ideia induzida de isolamento de cada um desses grupos.

Devido à amplitude e especificidades territoriais, dentre outros fatores, as relações étnicas instituídas pelos povos brasileiros, se deram de formas peculiares ocasionando diversidades culturais, muitas vezes numa mesma localidade. Isso nos revela que a diversidade cultural está além da composição étnica de um grupo.

Legado é memória. E as memórias assim como os símbolos não possuem etnia, seus sentidos, valores e significados são instituídos das negociações pressupostas pela etnicidade. A etnia de um símbolo é tão fluida quanto à infinidade de significados que ele possa assumir. As negociações que resultam o significado implicam relações de poder, e mesmo que não dito o sistema simbólico envolvido na Reza de Mãe Veva, atribuídos a Nossa Senhora da Conceição trazem as impressões de legados africanos, podendo muitas vezes ser equivalentes ao sistema simbólico de alguns orixás feminino, como de alguns encantados indígenas.

A Reza de Mãe Veva adota vários significados. Assume o valor de ritual, mas também de prece. Ritual por ser articulado pela coletividade, e prece por seu discurso ritual religioso. Também recebe o significado de culto de vida/morte, ressurgente e se finda ciclicamente, instituído de memória sempre evocando aos que se foram, e fica como legado aos que virão. É estruturador de memória, pois elementos simbólicos são reatualizados no sentido de um fundamento comum à coletividade. Reforça ainda os laços de parentesco. E numa perspectiva mais íntima, situa uma família no tempo e espaço. Cada vez que a Reza é realizada nos faz lembrar quem somos e de onde viemos.

Mãe Veva mora no tempo, e é nele que ela vive e se sustenta. A Reza é memória, assim como Mãe Veva também é. Assim como a Reza ela faz parte do legado cultural de Palmeirinha. Legado este trançado por contribuições étnicas, mas também sociais, históricas, econômicas, subjetivas, dentre tantas outras que transitam entre o visível e o invisível.

Considerações Finais

Ainda há muito a que se debruçar em Palmeirinha, findo este trabalho com a sensação de incompletude. Porque a história não acaba aqui. E como o Rio de Contas que um dia deixa de ser rio pra se transformar em mar. Espero que este seja uma forma, um acesso, uma passagem para algo maior. Portanto, tomo como considerações finais a indicação de alguns elementos relevantes a serem estudados futuramente. Nos liames desta pesquisa algumas questões surgiram na fala dos sujeitos, mas não foram aprofundadas pelo estreitamento proposto pelo objetivo.

A Reza se mantém viva como uma prática religiosa, entretanto faz-se necessário compreender as motivações que levaram há proporções menores o ritual em relação aos tempos de Mãe Veva. É importante ainda examinar a existência de outras práticas religiosas, a fim de abarcar como as práticas religiosas em Palmeirinha se articulam quanto práticas coletivas relacionando-se com os seres sagrados reconhecidos pela comunidade.

REFERENCIAIS

Referencias Oral

Ubalдина Lopes
Urbano Limeira da Silva

Referencias Fotográficas

Acervo pessoal de Vitória Alves Cruz Souza
Acervo pessoal de Maria Antonia Rodrigues

Referenciais Bibliográficos

ARAÚJO, Émerson Pinto de. *Capítulos da História de Jequié*. Salvador: EGB Editora, 1997.

AZEVEDO, Celia M.M. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites do século XIX*. São Paulo: Annablume, 2008.

BACELAR, Jeferson. *A hierarquia das raças*. São Paulo: Pallas, 2002.

BARTH, F. *Grupos Étnicos e suas fronteiras*. In: POUTIGNAT, P. Teorias da etnicidade. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth, Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenard. Tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 2011.

CHAUÍ, M. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2000.

CHIAPETTI, Rita Jaqueline Nogueira; CHIAPETTI, Jorge. A água e os rios: imagens e imaginário da natureza. *Geograficidade*. V.01, n.01, p.71-90, Inverno 2011.

CONSORTE, Josildeth Gomes. *A mestiçagem no Brasil: Armadilhas e Impasses*. In Margem/ Faculdade de Ciências sociais - PUC/SP; São Paulo: EDUC, 1999.

COSTA, Jurandir Freire. *Violência e psicanálise*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

DUARTE, R. *Entrevistas em pesquisas qualitativas*. Educar, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004. Editora UFPR

ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, LTC, 2008.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HOBBSBAWM, Eric. RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LODY, Raul. Alimentação ritual. *Ciência & Trópico*, Recife, v. 5, n. 1, p. 37-47, jan./jun. 1977.

LUZ, N. C. P.; LUZ, M. A.. Educação na Perspectiva da Ancestralidade Africano-Brasileira. In: BARRETO, Maria Aparecida; JÚNIOR, Henrique Cunha. (Org.). *Africanidades e Afrodescendências: Perspectivas de Formação de Professores*. 1ed. Vitória: EDUFES, 2012, v. 1, p. 105-124.

MAUSS, M. *A prece*. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Mauss. São Paulo: Ática. 1979.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MIRANDA, Newton Rodrigues. Breve histórico da questão das terras devolutas no Brasil e dos instrumentos legais de posse sobre esses bens. *Revista do CAAP*, Belo Horizonte, n. 2, V. XVII, p. 153-176. 2011.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

OLIVEIRA, Eliene Dias de; TEDESCHI, Losandro Antonio. Nos caminhos da memória, nos rastros da história: um diálogo possível. In: *Revista Rascunho Culturais*, Coxim/MS, v.2, n.4, p. 45-54, jul./dez. 2011.

POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTANA, Marise de. *O Legado Ancestral Africano na Diáspora e o Trabalho do Docente: desafrikanizando para cristianizar*. Tese de Doutorado. PUC- SP, 2004.

SHWARCZ, L.M. *O espetáculo das raças*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. 15ª Edição. Editora Vozes. Rio de Janeiro. 2000.

SODRÉ, Muniz. *A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SPINOLA, N. D. *A economia baiana: os condicionantes da dependência*. Revista de Desenvolvimento Econômico, Salvador, v. 6, n. 10, 2004, p. 88-99.

STRAUSS. Lévi Claude. *Mito e Significado*. Coletivo Sabotagem, 1978.

THOMPSON, John B.. *Ideologia e Cultura Moderna: Teoria Social crítica na era dos meios de comunicação em massa*. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

VIANA FILHO, Luiz. *O negro na Bahia*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1988.

WEBER, Regina; PEREIRA, Elenita Malta. *Halbwachs e a memória: contribuições à história cultural*. In: Revista Territórios e Fronteiras, v. 3, n.1, jan/jun. 2010.

ANEXOS

ANEXO I

TRANSCRIÇÃO DEPOIMENTO DO SR. URBANO LIMEIRA

Entrevistadora: Aí seu pai chegou lá em 1910? Como é o nome do seu pai, Sr. Urbano?

Sr. Urbano: Miguel Limeira da Silva. Naquela época, naquela época, aquilo ali, aquela região ali, era toda mata do estado, era toda mata do estado. Você quer saber assim quando chegou? Aí como foi que começaram a trabalhar?

Sim. Quando seu pai chegou lá, já tinham outras pessoas que moravam lá?

Não. Ali na nossa região, lá na Palmeirinha mesmo, não. Tinha um senhor Manoel. Como é? Peraí... Paulino Manoel de Mello, era pai de Cecílio, um que a mulher morreu a poucos dias lá na... tinha ele Paulino Manoel de Melo.

Seu pai se instalou onde ali, mais ou menos onde naquela região?

Naquela via ali, naquela via que vai pra Aiquara.

Lá para Baiano? Aquele lado de lá?

Sim, mais em cima um pouco, é que a Palmeirinha vem de lá aí ia subindo até chegar em Aiquara, e tinha outro cidadão também, ele chamava Emídio Ferreira, Emídio Ferreira, naquela época, viu? O velho Emídio Ferreira, na zona do Rancho Grande, pode botar.

Seu pai veio de onde?

De Itajajé, da Laje.

Da Laje?

É chamava...Naquele tempo chamava Nova Laje, eu não sei como é.

Era pra que lado mais ou menos, essa Nova Laje?

É perto dali...é. Eu passei lá semana passada, fica perto da capital baiana.

Ah, perto de Salvador?

É perto de Santo Antonio, é. Perto de Santo Antonio.

E ele foi pra lá por quê? O Sr. sabe?

Sei, uai. Como não sei? Olha, na Laje era uma terra já mais usada, e quando ele se preparou e ficou já menino, rapazote, com vontade de trabalhar, apareceu uma formigada lá, um olheiro de formigas que não deixava planta nenhuma, não deixava planta nenhuma, tudo que o pessoal plantava a formiga acabava, aí ele não teve outro recurso, ele pegou...naquele tempo quando a gente arrumava umas coisas e botava nas costas e mudava se de lugar chamava cacai, botou o cacai nas costa e veio embora da Laje pra aí de pés, chegou aí botando o pé dentro da água, os pés inchados essa coisa toda, mas ele disse o seguinte, quando chegou encontrou uma mataria linda que na verdade é um terreno de mão cheia, e é até hoje, né? Isso tenho o quê? 100 anos? É, 100 anos. Porque de 1910 pra dois mil e tanto, são 100 anos. Pois é, o velho meu pai contava: “Quando eu cheguei aqui meu filho eu vi a mataria, uma mataria linda que tudo o que se plantava dava com muita abundância. Eu disse: Bom! Vou arriar meu cacai aqui e vou trabalhar na mata do estado”. E assim fez. Fez...e trabalhou numa área de terra, até quando chegou o ponto e começou-se a melhorar aí mediu 50 equitares de terra do estado. E fez uma fazendinha, fez uma fazendinha em 1914 pegou a primeira filha teve as enchente braba e tal e tal...E aí se você quiser eu vou discorrendo...

Como era essa coisa de Mata do Estado?

Era tudo do Estado, tudo do Estado, tudo. Ninguém tinha terra lá naquela região, tudo do Estado, agora a pessoa começava a trabalhar e ali mais adiante fazia o pedido...à naquele tempo chamava delegacia de terra, aí media aquela área, requeria do estado, media aquela área que foi o caso de meu pai. Ele arrumou 50 hectares. Porque ele não podia pedir muito, não, porque dinheiro ele não tinha, mas a terra tava aí francamente. Aí mediu, mediu e aí ele começou trabalhando, começou trabalhando, e a lavoura principal era o cacau, é.

E lá em Nova Laje ele trabalhava com o quê?

Também trabalhava em fazenda, negócio de plantio de mandioca, só que lá plantava mas não colhia, porque o inseto não deixava. E ele aí, disse que foi atrás de terra boa, terra nova, ele chamava terra nova...e encontrou mesmo. E começo a trabalhar,

aí...o Emídio e o Paulino também era...um era vizinho. Quando passava a fazenda desse vizinho ia pra fazenda o outro vizinho, que chamava...não. Primeiro era do Paulino Manoel de Mello, depois era do Emídio Ferreira. Todos vizinhos lá. E eles é que se entrelaçava e conversava, mas quando saía de uma fazenda pra ir pra outra, não pisava em canto nenhum a não ser por dentro de mata. Mata, mata, mata, até chegar na outra propriedade. Onde chamava assim...fazer abertura. Fazer abertura que roçava e depois derrubava mata, ficava aquele mundo velho de pau pela estradinha. Tinha que cortar o pau essa coisa toda, não tinha estrada, não tinha ponte, não tinha nada. Onde tinha água, tinha que passar por cima da água.

O rio da Palmeirinha passava por lá?

Passava. Passava, e quando enchia,.. Ahhh! E enchia constantemente.

Aquele rio nasce onde?

Aquele rio nasce no Rio da Preguiça, mas muito bem em cima.

O Rio da Preguiça aquele de Aiquara, da origem do arraiaá?

Sim. Você vai ouvir falar lá no Rio da Preguiça. O Rio da Preguiça também vivia cheio, danado, derrubando até casa em Aiquara. Hoje, é que as coisas mudou tudo e não se vê falar de enchente, digamos assim o Rio das Contas hoje está seco, tá danado, todos nós já tá com medo de baixar a água, e não ter água, é assim!

O senhor chegou a alcançar esse tempo que Aiquara não era cidade, era Vila? Arraial?

Sim, eu ia pra Aiquara montado na anca do animal do meu pai, porque ele não tinha outro animal e eu tinha que ir, então ia montado na anca do cavalo. (risos)

O seu pai já foi de Nova Laje pra lá casado?

Não, não. Deixa eu ver...peraf. Não. Lá que ele casou quando chegou lá.

Como é o nome da mãe do senhor?

Euflosina Firmina da Silva. Euflosina Firmina da Silva, tiveram 13 filhos.

13?

13. Morreu um, e vindou 12, e criou, e foi longe. 8 mulheres e 4 homens. E aí, na questão de trabalho pra sobrevivência ele começou trabalhando também, plantando milho, feijão, naquele tempo plantava até arroz, mandioca. E aí, tudo isso ajudou viver todo mundo, tal. Mais tarde aí, começou abrir uma arezinha, comprou uma vaquinha, e foi. Noite, quando do início a gente não tinha que comer de noite, tinha que comer era aipim, quando não era o aipim, era... e aí foi levando a vida, e ele foi se melhorando, melhorando, e em 1920...eu nasci em 1926, em 1930..31, eu já tava trabalhando também junto com ele, e aí nós fomos até que melhoramos mesmo (risos).

Já existia o Povoado da Palmeirinha nessa época?

Não. Não, existia umas casinhas em Aiquara, umas casinhas que logo depois começou a fazer uma feirinha, chegava um queria...ia e levava mercadoria, mecadoriazinha que colhia pra lá, pra vender, lá em Aiquara.

E compra também só fazia só fazia lá, tecidos as coisas?

Tudo lá, tudo essas coisas, tudo lá. Criou um povoado, como a gente chama, pior do que ali na beira do rio, muito pior. Ali já é muito melhor. Aí lá foi, foi, até que chegou ao ponto de criar uma cidade.

A Palmeirinha, aquele trecho ali na beira do rio até as terras de Mãe Veva, era município de Jequié?

É tudo de Jequié. Tudo município de Jequié.

E Ipiaú?

Ipiaú começava...porque ali o Rio de Contas vai descendo aqui e o Rio da Preguiça vem por cá, lá no lugar chamado os Boi, o Rio da preguiça desembocava no Rio das Conta. Daí pra lá em Ipiaú, até o Itagibá, porque dividido Rio de Contas pra o lado de cá ficou sendo Ipiaú, do Rio Preguiça pra o outro lado ficou sendo em Itagibá.

O Rio Preguiça ficou sendo a divisa?

Virou divisa, é divisa, perfeitamente.

E Baixa Alegre aquele trecho era de Ipiaú, ou era de Jequié?

Peraí...Baixa Alegre...deixa eu pensar aqui onde é que esá o Preguiça... peraí o Preguiça está mais em baixo...era Jequié. Do lado de cá, ou seja, não do lado de cá, não, do lado de lá, onde pertencia a Aiquara, Palmeirinha, tudo ali era de Jequié.

E como era a relação dessas famílias? Porque Mãe Veva mesmo já morava lá mais pra dentro...tinha algum evento, alguma coisa que vocês se encontravam, alguma data?

Sim. Como não tinha...eu vinha de lá da Palmeirinha, distante, dançar lá na casa de Genoveva, muitos dias, quase toda festa, e tinha festa constante, mesmo. Aí dizia nós vamos na casa de Dona Genoveva, amanhã (risos).

O Arraiá que deu origem a Aiquara o nome era Arraiá da Conceição o senhor sabe porquê desse nome?

É por causa de Nossa Senhora da Conceição que até hoje a Padroeira.

A mesma santa da reza de Mãe Veva?

Isso mesmo. Arraiá da Conceição é por causa da devoção da santa.

Como é que vocês conheceram Dona Genoveva?

Ah, não. Porque é isso que você falou. A gente morava praticamente no meio da estrada entre Dona Genoveva e Aiquara, e aí a nossa ligação era ou com Aiquara, o Arraiá da Conceição ou com a Palmeirinha chamada, que é ali que era legítima Palmeirinha. Você vai pra Palmeirinha, eu vou, pra onde? Pra casa de Dona Genoveva. Era ali. Chegava ali onde tem a ponte a gente descia lá adiante tinha um sobradinho alto, uma casa alta, lá era a casa de Dona Genoveva.

A história misturou as famílias, os Alves, os Cruz, o senhor sabe quais eram os limites da terra de Dona Genoveva? Quem eram os vizinhos dela?

Sei...peraí...os vizinhos de Dona Genoveva, deixa eu ver meu Deus...era os Peixotos. Quer dizer, deixa eu ver aqui como era o nome dele...Juvenal Inácio de Souza, que o povo chamava Juvenal Peixoto, que depois passou pra Filinto. Já ouviu falar de Filinto?

Já ouvi, mas ainda não cheguei na pessoa...Seu Juvenal Inácio de Souza...

É o pai de Baiano. É o pai de Baiano, é isso aí. Ele é casado com a professora, Irene. Dona Irene, a gente se encontra na igreja todo sábado.

Então tinha sua família os Limeira, os Peixotos?

Não. Filinto Peixoto, Juvenal Inácio de Souza que era casado com Dona Zulinda, que era irmã de Filinto, que é mãe e pai de Baiano.

Eles já moravam lá, ou eles chegaram lá mais ou menos nesse período?

Chegaram muito, muito cedo também. Quando chegaram, aquela região ali era toda mata, também. Foram dos primeiros que chegaram lá.

Então tinha Dona Genoveva, os Rodrigues chegaram lá depois?

Os Rodrigues de Aiquara?

Os Rodrigues de Maria Cerqueira?

Não. Esse aí é descendente de Dona Genoveva. Que dizer, filhos depois vem eles. Porque também os Rodrigues de Aiquara, Dorival Rodrigues que foi prefeito, tudo isso, mas esse quando foi pra lá, já morava lá no Arraial em Aiquara. Deixa eu lembrar aqui outro que também é daquela região, naquele tempo. Bom...naquele tempo quem começou também lá foi o Gringo, esse chamava José Marques, o Gringo.

Gringo?

É. Toda a fazenda...fazenda...Nebulosa, que depois passou a ser de Idelbrando.

E ele era gringo, mesmo?

Era gringo. "Zé Colbim" era gringo, sim. Ele era da Itália, italiano, morava aqui em Jequié. Ele comprou essas terras lá, e ficou por lá muito tempo.

Nessa época da década de 10 Jequié chegou a ser capital do Estado por algum tempo, por um curto tempo.

É por questão primeiro, nessa época, quase...não, não. Jequié é era governada por Maracás, depois foi que Jequié e também por Boa Nova, teve isso, teve isso aí também, mas não é do meu tempo não, mas teve isso mesmo.

Quando o senhor nasceu?

23 de maio de 1926.

O senhor é mais novo do que o meu avô, ele nasceu em 1916.

Quem era teu avô?

José Ribeiro.

Ah, sim...Eu não tô lembrado, assim.

Mais conhecido como Tiô, ou também de Lôio.

Ah, minha Nossa Senhora...loiô. loiô morreu?

Morreu.

Meu amigão, loiô. Sabe como é que a gente dizia? Rapaz...quando começava a falar loiô, loiô, loiô, o outro perguntava: É loiô de Dona Genoveva? É. A gente chamava assim, ele. Ele era o quê de Genoveva?

Filho.

Filho...É isso mesmo. Ele, Dodole, Getúlio...

Tia Morena...

Morena já morreu?

Morena também. Faleceu antes do meu avô. Eu ainda cheguei a conhecer ela.

Como chamava o pai de Teresa, que morreu a pouco tempo?

Tio Ziza. Zeferino Rodrigues.

Exatamente. Ziza. Ziza era minha pessoa. Quando chegava ali no rio, cadê o rio? Não podia passar, eu ia atrás de Ziza. Ziza meu amigo eu quero ir pro outro lado. Aí ele remando no leito passava, subia passava quando dobrava. Vixe...minha Nossa Senhora!

Na época do senhor já tinha escola lá?

Não. Depois teve, viu!

Mais ou menos, quando?

Nessa época, que eu vinha, eu era menino. Tempo que Ziza atravessava...era por volta de 1940, por aí...viu. 1940. Não. Eu nasci em 26, mais 14. É isso mesmo, 1940...45. Até que em 45 teve uma enchente desgraçada no Rio das Contas de novo. Era nessa época, que só atravessava o rio ali de canoa.

E essa estrada que tem hoje, como era?

Era uma estrada de animal. Ali, até chegar na nossa fazenda tinha lugar que tem uns degraus, que quando a gente anda muito, o animal faz a passada, bota aqui, bota aqui, isso aqui funda, e isso aqui fica alto, chega ter uma coisa que quase a gente não pode passar, o animal não tem mais como tirar as patas pra botar em outro lugar. Tinha isso ali naquela região.

O sabe qual foi a origem da Reza de Dona Genoveva?

A origem dessa reza dela mesmo, é que ela era católica, e ela começou rezar, e aquela região ali, todo mundo era católico, e sempre ia, e aí, foi aumentando, aumentando. E...peraí, tinha uma devoção, eu não sei se, é por Nossa Senhora...a gente ia, até que no último dia, ia muita gente, muita gente.

Como era essa reza, ela ía fazendo a reza e no último dia tinha um encerramento?

Tinha o encerramento e tinha muita gente, aí rezava as Ladainhas, tudo direitinho, e quando terminava tinha uma festa muito bonita, e dança (risos), e sanfona. E quem é que não queria ir pra essa festa? Todo mundo ia. Era um festão grande de noite, a noite toda. Era.

E ela servia o quê? O senhor lembra?

Lembro, lembro. Naquele tempo, tinha muita facilidade pra gente criar porco, porco, galinha, e muita galinha. Aí tinha muita comida, muita galinha, muita carne de boi, muito porco, comprava-se ¼ de boi...lá na Palmeirinha também quando tinha qualquer festa, matava...a gente chamava capado, matava um capado, 2. Tinha comida toda hora, quem chegasse lá não passava fome não.

Tinha outras festas na região além da festa de Dona Genoveva?

Não. Eu só conhecia mesmo a festa dela.

E quem ia pra essa festa?

Gente da região toda. O Ziza, e outros, e outros, ficava passando gente naquele rio a noite toda. Tinha que atravessar o rio quem vinha lá de outras fazendas, do lado de lá do rio no porto, tinha que atravessar o rio.

Então era a oportunidade de vocês se conhecerem? Teve gente que começou casamento, lá?

Muita gente. Teve muita gente que casou ali. Teve uma moça mesmo de Hosângelo, que morava na fazenda de Eulelino, que morreu a pouco tempo também, Eulelino, morava ali umas moças muito bonitas também, que trabalhava, e tal, essas moças casavam sempre por lá.

O senhor se recorda se naquela região habitavam índios e negros?

Não. Morador não, mas aparecia índio, muito por lá, aparecia. Mas, morador índio mesmo, não. Tem um cidadão também, dois que eu esqueci, Tibúrcio Vidal. Tu já ouviu falar em Tibúrcio Vidal?

Eu ouvi alguma coisa na história de Aiquara.

Mas é ali, naquela região da Palmeirinha. E, Inocência Rocha, Inocência Rocha da Silva.

Eles eram moradores de lá também?

Era. Morador velho. E o Senhor pai de Tibúrcio chamava Galdino Vidal. Galdino Vidal. Tinha um que tinha um muito engraçado, tinha um negão forte danado que morava alí também, naquela subida da Palmeirinha era muito trabalhador, mas era muito engraçado, porque o nome dele era José, mas ele disse que ele era José fecha tempo, e aí ficou Zé fecha tempo ficou.

ANEXO II

TRANSCRIÇÃO DEPOIMENTO DE TIA BABÁ

Entrevistadora: Eu quero saber como era sua vida lá em Palmeirinha? Eu quero saber tudo que a senhora lembrar.

Tia Babá: Como a mamãe foi parar em Palmeirinha?

Sim.

Peraí. Pai...pai trabalhava na..na..ali na entrada...peraí... que entrava pra...pra...que ia pra Rio Branco. E ele ia pra Rio Branco. Pai, aí, trabalhava ali, e quando ele trabalhava, trabalhava pra João Borges, tá entendendo?

João Borges, pai de Waldomiro Borges?

Vou lhe dizer melhor...ele era compadre de mamãe. Morava ali na naquele...naquele pessoal ali daquela clínica. Como é o nome daquela clínica que sobe...ali? Aquela clínica perto da Santo Antônio...

A clínica São Vicente?

É...em riba ali, né? E em frente assim era a casa de Dona Morena Martins, a mãe...a mãe de Antônio Martins. A mãe dele morava ali. Ela tinha uma confiança tão medonha em mim, que ela tinha uns diamante, eu nunca tinha visto diamante, brilhando esse negócio. Aí quando ela saía..., quando ela tinha precisão de fazer alguma coisa, ela pegava aquele negócio assim, e dizia: “Vem cá Ubaldina, não entrega ninguém minha fia, principalmente pra Lia, somente a mim”. Eu queria dormir mais empregada, no quarto da empregada. A empregada chamava Maria, eu dizia que ia dormir mas Maria, ela dizia: “Não, não você vai dormir aqui mas eu”. Aí botou a cama dela assim grande, a minha aqui assim, Jofre ficava no quarto lá em cima. Aí, ela chegava, colocava a cama dela ali na beira da cama, pra mim ficar ali. Aí, quando ela saía pegava aquele negócio assim, aquele diabo. E daí, pra sair assim, pro quarto, ía pra cozinha. Na cozinha, tinha uma porta de virar assim...uma de ferro outra assim trancada, que saía a passagem pro quintal. Quando chegava no quintal assim, virava. Dentro do outro sanitário tinha uma estátua de uma moça...uma moça assim nua. Oh, menina! (risos) eu entrei pra urinar. Aí, voltei, voltei

novamente, entrando assim, ói! Aí, que quando eu voltei assim, cheguei na porta fechando, fechando, fechando. Pode acreditar que o véi Martins me queria muito bem.

Ele morava cá no alto, e eu ia pra casa dele, e madrinha Pequeninha, madrinha de representação, porque quem me batizou foi dois homem. Dois homem que me batizou e ela representando como minha madrinha. Madrinha Pequeninha e o véi Antônio Martins me queria muito bem. Aí e quando eu voltei lá do quintal que eu fui fechando as portas, fechando as portas, eu acho que véi Antônio Martins veio me humilhar (iluminar)...me humilhar? (com um tom como se perguntasse se eu estava entendendo) me acompanhar. Veio andando fechando as porta, fechando as porta...e, quando eu cheguei, assim...no quarto e que eu dei pro quarto, assim, ali fechou! Era ele. Me clareando até a hora que eu entrei pro quarto. Aí, eu cheguei na cama e me deitei. Na cama eu fiquei pensando, assim, eu digo assim: “Oxi, como é que foi que apagou que apagou de repente assim?”. Foi ele. Quando ela precisava sair...”Oh, Ubaldina! Você vai ficar aqui”. Eu não ia em lugar nenhum, e quem disse que eu dormia mais, até à hora que ela chegava pra eu dar a ela, com medo de uma pessoa pegar. Aí quando ela chegava eu entregava a ela o diamante dela, era assim. Aquela confiança em mim, minha fia, que ela tinha.

Aí quando teve um dia, João Borges era cumptrade de mamãe. E aí, mamãe chegou e falou com ele assim: “Oh, compadre! Me diga uma coisa... que jeito eu dou pra mim... a casa dele assim lá de baixo, morava lá em baixo assim, e tinha uma filha que chamava...como era o nome dela gente...era moça ela...e tinha um namorado que morava...naquele lugar que passa assim...é ele morava lá. E...quando vinha pra cá pra igreja, pra encontrar o namorado...”Oh, Ubaldina! Vai ali comprar umas balinha pra eu chupar”...eu saia, ia pra lá, eu sabia pra quê era... Era só pra eu sair de perto dela pra namorar, e eu saia pra lá e deixava ela à-vontade...(risos). Aí ela chegava ficava numa alegria, nós duas. Aí dizia: “Vum bora, Ubaldina!”.

Quando foi um dia...eu caí na bestagem de jogar umas pedra...(trecho com áudio ruim)

Aí ela pediu pra João Borges: “Oh, cumpadre João Borges! Eu vou lhe fazer uma proposta...” Ele morava lá naquela casa do alto, era dele. Aí ele disse: “Vou lhe fazer uma proposta...quando eu for em Palmeirinha e eu vou lhe... aqui, aqui...tem uma

fazenda aqui no Rio de Conta e vai abrir uma mata no caminho ali...lá entrando de Jequié pra lá... vai abri essa mata”. Pai abriu essa mata e fez uma fazenda, mas pai trabalhava de carpinteiro ganhava de carpinteiro 3.000 mil réis por dia á 5 tostão por dia, é o que ele ganhava. E botava mãe pra ir trabalhar...mamãe...mamãe, viu!

Mamãe era que chegava e fazia assim...botava...lá tinha uma casinha dentro da roça, aí mamãe botava a rede lá na casinha, um balaio de...de...desse feito...ferrava assim e ajeitava dentro da rede...e botava ali pra balançar e cobria com um véu, por causa de muriçoca. E botava ali, aí botou madrinha Laura ali dentro...aí...quanto deu um tempo assim: “Oh, cadê madrinha Laura?”...Eu não sei mãe, eu não sei, não. Eu saí ali quando cheguei não encontrei mais. Aí, ela: “Meu Deus! Oh, Laura...Laura...Laura”. Correndo...madrinha Laura tava lá... em riba de uns galho, sentada num lugar alto, toda cheia de negócio de...daquele negócio azul de brilho, de enfeito da Caipora. Toda cheia de enfeito pra todo canto assim, e sentada. “Oh, minha filha! Como é que tu foi parar aí?” – “Oh, mãe! Foi uma alma viva que me botou aqui”. Ée...mas deu trabalho pra tirar madrinha Laura de lá.

Foi a Caipora?

Foi a caipora que tinha carregador ela, tava bem sentada. Aí...eu fiquei agora, que não sai mais da beira, com medo, pra não panhá madrinha Laura. E fiquei ali tucaiano até a hora de ir embora. Porque mamãe fazia as coisas por ali, e eu fica ali.

Aí o cumpadre João Borges chegou lá. Essa fazenda aqui que abriu...tinha muito cacau, que pai plantou, mas quem cuidava era mamãe e eu. Eu era pequena, mas eu ia com mamãe pra roça. Tinha sido mata bruta, teve que derrubar pra fazer aquela roça. Mas eu vou te dizer...ele quase não trabalhava. Ele ia trabalhar de dia, ganhava dinheiro, e nós é que cuidava da roça.

Cumpadre João Borges “Eu não deixo a roça, só se for trocar a roça. Na fazenda lá embaixo, chamada Palmeirinha, eu também, eu não conheço muito, vamos fazer uma permuta? Trocar um pelo outro”. “E aí? Como vai? E a bagagem?” Que naquele tempo não tinha carro...tinha um caminhão chamado Estrela do Sul, já ouviu falar em Estrela do Sul?

Não.

Foi o primeiro caminhão que eu conheci. Aí falou assim com Estrela do Sul: “Eu vou levar sua bagagem toda até a beira do rio...depois desce de canoa, chega lá no porto descer, saltar e trocar..trocar uma fazenda por outra”. Assim mamãe fez, trocou. Trocou sem conhecer. Foi, chegou lá, foi que pegou Palmeirinha, foi lá dessa vez. Tinha aquela roça, aquela roça tudo ali...aí...nós ficava por ali tudo pra tu ver...andava, tinha o lugar de dentro, uma fazenda de dentro, era onde tinha o véi Dito, que morava aqui em baixo, aí nós ficamos ali naquela fazenda...trabalhando...aí nós fomos...e fez aquela fazenda, lá. Entrando por cá assim, saia lá no véi Estevão e do lado de lá Pedro Vaz. Pedro Vaz botava cachorro pra matar porco...uma porca parida, o cachorro matou a porca parida, ficou tudo ali mamando. Aí, pai achou e pegou os filhotinho pra criar. Era assim, uma oportunidade danada que não tinha. E tinha um nego chamado Olavo, aí ficava ali, tudo olhando...ia criando ali, com todo o cuidado.

Eu sei que quando foi de noite, e nós em casa...deitada assim...e deu vontade de ir fazer tōetõe...tudo assombrado...Ave Maria...tinha um medo danado. Aí eu chamei pai: “Vai que eu tô aqui deitado, daqui eu tô te vendo, te olhando, não tem nada... pode ir”, aí eu chamei e ele: “Vamos, mais eu”...aí ele foi. Aí, daqui eu vi...dei um pulo...sacudindo...quando cheguei lá. Ele com medo, viu?...assombrado, com medo...de uma mulher que tinha morrido. Aí ele achou que nós tava ali com medo...aí, eu corri pra dentro...quando ele tava do lado de fora assim, com cumadre Railda...ele viu, caiu assim uma estrela de lá do céu, aí desceu assim...chegando perto da Igreja, da igrejinha, caiu. Bateu no chão. Ele: “Vixe, eu vou pegar, catar o ouro”, quando cospe assim aquele negócio aparece...né. Aí, quando eu cheguei lá...não tinha nada...eu digo: “Oxem, onde é que foi aquele negócio?”. Sumiu ali na terra. Fiquei olhando aquilo depois. Fiquei assombradinha. A gente ficou morando ali.

Aí quando eu tava na beira do fogo...quando eu vi...sacudindo a perna, assim. A caranguejeira. Eu pensava que era barata. Que tinha uma barata lá em casa (bate o pé no chão), Aí, naquilo deu vontade de...não era fogão, não...era fogão de lenha. Fogão daqueles tempo véi. Aí, eu peguei o Candieiro, assim...acendi o candieiro pra mim olhar a barata, que eu sacudia tanto assim..., e ela não saia...quando eu vi: “Ai, Meu Deus!”...saí gritando, eu tava com barriga grande, pra ter um filho. Parei, assim, bati lá...”Oh, menina maluca! Correndo se tu não pode correr”...aí ele correu e me pegou...veio tudo em mim, assim. As pernas endureceu tudo. Me pegou nos braço e

colocou na cama. Passou álcool em minhas pernas, numa esfregação, foi aí que eu melhorei. Era uma luta danada.

Mas as vezes tinha uma cabrazinha, que subia pra riba de um quintalzim, que tinha o chiqueiro na porta, de porco, aí, chegava junto e acendia uma vela de noite, ali, e botava ali pra rezar pras alma, acendia a vela e botava lá. A cabra subia e ficava olhando pras velas, e eu em riba assim. Aquela cabra assim, olhando assim, aí eu pensei uma coisa..." A morte tá rodando, é? Maria valei-me". É porque a...a dona...tinha morrido a veia...como era o nome da véia, gente, que tinha morrido? Aí, quando ela morreu...ela me deu a menina, pra mim criar. Ela disse pra mim: "Oh, Babá! Tu toma conta dessa menina pra mim?"...Aí eu disse: "Eu tomo", e fiquei tomando conta da menina, eu fiquei com ela. Era Dite, o nome dela era Dite. Fiquei criando Dite. Botei ela assim, e Dimea era muito perversa, pegou Dite, e deu uma palmada assim, e a menina ficou lá jogada no chão. "Oh, menina! Como é que faz uma coisa dessa?"...corri, garrei, a menina e tomei da mão de Dimea.

E a mãe dela era uma mulher boa... debaixo da cama dela ela juntava ovos, tinha uma frigideira cheia de ovo...Maria, minha, muita traquina chegou com um pau, assim, quebrando ovo. Eu digo: "Oh, dona Miúda, dá uma palmada..." ela disse: "Oh, Babá! Eu achei tão bonito ela tá quebrando os ovo". Só tu vê como a véa Miuda era. Uma véa boa. Aquela veia aff...

Nós tava prosando de morte...pai Elildo, e Antonio...tudo prosando de morte, e eu cheguei, passei...eu tava na cozinha..."eu vou coar um café!"... aí cheguei lá acendi o fogo...botei a água que tava coando o café...e eles tudo contando caso de morte. Aí, naquilo que eu olhei pelo buraco da parede...pra mim eu vi uma cara lá pelo buraco da parede do lado de fora, que eu olhei assim...eu disse assim: "Aquilo deve ser viva alma"...aí eu chamei: "Pai Elildo...Antônio", ninguém respondeu nada, e o véi tá cá morre, não morre, eu digo: "Oh, Antonio!", ninguém respondeu...eu abaixei, passei assim a baixada de quatro pés, baixada, baixada...e páaa. Passei pelo véi que tava morrendo, cheguei lá os homem tava dormindo, eu digo: "Tá maluco...vocês não viram eu chamando pra tomar café? Eu passei ali com medo do véi"...aí ele falou assim: "Ele não pega ninguém não", eu digo: "Sei lá...". E o véi lá...morre, mas não morre. Aí eu passei ali assombrada...pra coar o café, com pouca hora o velho morreu.

E ficou Darfino...ele ia pra não ir pro mato mijá, pegava um chifre de boi, e botava no buraco da parede, e mijava dentro do chifre...pra mijar do lado de lá...no chifre do boi, assim, oh! De dentro de casa, ele botava o negócio dentro do chifre. Pra medir o chifre, assim e fazer o buraco na parede. A parede de taipa. Tu sabe o que é parede de taipa?

Não.

Tu nunca viu é? Faz uma coisa de madeira e bate palma, enche de barro, depois rebocar. Apois...ele fazia isso. E mijava pelo buraco da parede. Só se tu ver como era descarado...

Oh, Tia! A mãe de Mãe Veva...a senhora lembra?

Peraí...a mãe de mamãe...deixa eu ver...a mãe de mamãe parece que era uma Índia. Não. A de pai que era Índia...a de pai que era Índia.

Índia de onde? Daquela região ali, mesmo?

Não...eu acho que foi dali mesmo. Porque pai foi dos índio, viu! Vinha comprar coisa cá...no...como era o lugar que ele ía? Que ele vinha comprar coisas... longe. Ele ia comprar. E os índio acompanhava ele pela beira da estrada, ele disse: “Óia, não me mete medo, não...quando eu vim...vou trazer fumo e coisa pra vocês”. Aí os índio acompanhava ele até em Jaguaquara...era...aí que ele ia...Jaguaquara. Aí os índio acompanhava ele. Ele comprava ali...aqueles metro, e levava rolo de pano, padraço, para fazer roupa e fumo. E levava o fumo e dava pros índio e dizia: “Olha aqui!”. Os índio no lugar que ele botava o fumo, chegava no outro dia tinha uma caça...que os índio matava e trazia pra ele...trazia aquelas caça, tatu, teiú...ele trazia pra casa, daí nós ia tratar pra gente comer.

Lá naquela região da Palmeirinha?

Era. Era. Era dentro ali da Palmeirinha.

Aí...quando chegou um dia...eu fui lá dentro morava o véi...como era o nome do véi? Que era o pai de...como era o véi? Aquele Zacarias. Morava lá dentro. Que nunca mais eu tive lá, naquela roça. Nunca mais eu fui ali na roça de Zacarias. Ele...ele chegava, lá em Zacarias...tinha lá de trás da casa assim, ele fez uma casinha, com

pai fez uma casinha, assim...pra gente ficar morando ali, mas de noite...mulher não saia fora não. De dentro a gente ouvia batendo assim na porta...(bate na mesa, reproduzindo o som que ouvia). Aí: “Não abre, não...que aquilo é cobra e sapo”, eu digo: “É sapo?”, “É sapo, e cobra querendo pegar, cobra querendo pegar sapo aí na porta da cozinha”, eu disse: “Ave Maria!”...batia na porta da cozinha, eu tinha um medo, quem disse que eu saia pra fora de noite? Eu fica assim na porta, eu pra mim sair...dava um trabalho medonho.

Tinha um pedaço de café, em riba, subia pro pé de café...pegava o café... quando eu olhei assim, pra dentro do café...catando café, quando eu olhei uma cobra andando dentro do balaio. Eu fiz assim, viiii...joguei café assim, quando vi aquela cobra...desci ligeiro aquela corda e botei lá no chão, e chamei: “Oh, oh Loira! Vem cá ligeiro, espia aqui uma coisa, o que é que tá dentro desse balaio, aí?”. Daí ela chegou e disse: “Não tem mais nada, não, saiu”, aí eu disse assim: “Apois, era uma cobra, uma cobra verde”.

Aí quando foi um dia, eu fui buscar milho. Fui buscar milho pra gente...comer. Aí, quando eu cheguei lá na roça, eu disse: “Oh, pai! Eu vim aqui buscar um milho”. Ele foi lá na roça, panhá o milho pra mim. Tirou o milho, “Enche o balaizinho que eu levo pra casa”...encheu de milho...milho verde. Que quando eu peguei na asa do balaio pra trazer...a corda do balaio era uma cobra. Eu digo: “Ave Maria! Tá doido tira essa corda daí...eu não quero essa corda, não. Pode tirar essa acorda, aí”...era uma cobra...amarrada. Eu trazia pra casa...do véi Macuca, aqueles milho. Era uma luta danada pra viver...tu não viu nada.

Aí quando tava..a véia, a véia...a mãe de bichinho, tava de morte. Eu fiquei em casa, as menina tudo querendo ir, eu disse “Não vai”, na casa de Mina tava tendo dança, baile...lá embaixo. “Oh, pai! Leva nós pra aquela dança, lá, eu não demoro, não!”...”Eu vou deixar, mas não demora, não”. Chegou lá levou as meninas, aí quando eu vi...bateu na porta. Aí, quando...já bateu na janela do quarto...com pouca hora...aí eu; “Ah! Não é gente vivo, não, é a véia que tá lá morrendo, que quer me ver”, aí quando Antonio chegou eu disse assim pra véia: “Oh, não bate mais não, que amanhã cedo eu vou lá te ver, a primeira coisa que eu faço é ir lá te ver, não bate, não”...aí a véia quietô, quando Antonio chegou eu contei pra ele, aí ele: “É a mãe de fulano que tá morrendo”. Aí no outro dia eu fui ligeiro lá ver a véia. Quando eu

cheguei lá, a véia olhou pra mim assim, pegou em minha mão assim, correu duas lágrimas do olho. Porque a véia queria que eu sepultasse ela...queria que eu botasse a vela na mão dela. Ela só queria que eu botasse a vela...eu acendesse a vela na mão dela. Botei a vela na mão da véia, a véia morreu.

Aí eu fiquei ali...aí quando foi na hora de embora, eu digo: “Tenho que ir me embora”...cheguei no ouvido dela: “Eu vou pra casa...”, a véia morta, “Não me mete medo não, viu, se tu me meter medo eu vou costurar tua mortalha com linha preta...com linha preta. E você não me mete medo, que eu vou pra casa”. Aí quietou...aí caminhei, peguei pela estrada afora assim, passei...

Tinha uma casa assim, em baixo assim...que tinha uma mulher que morava ali, que a cobra chupava o peito da mulher de noite e botava o cabo na boca do meninozinho. Dava pra criança e chupava o peito da mãe...a cobra chupava, era assim. Aí...quando eu passei ali, eu passei com medo, passei...passei com medo...passei com medo medonho.

Aí quando eu cheguei cá adiante, pra cá debaixo do arvoredão...uma galha sacudiu...sacudiu, eu disse: “Ah, Meu Deus do Céu!”..passou com todo. Aí eu disse: “Não me acompanha pra me meter medo”, aí eu corri, até eu cheguei em casa. Quando eu cheguei em casa que eu descancei o coração.

Foi o dia que eu fui cortar...tabua. Mãe Bó foi mas eu cortar tabua. Mãe Bó ia. Aí, nós tava cortando tabua...a tabua, virava assim, cortando e pisava.

Quem é Mãe Bó?

Mãe Bó é Morena. Aí virava assim a tabua, pisava aqui, e ia cortando. Cortando e enchendo o balaio. Era pra fazer lã...era pra...pra encher travesseiro. Lá quando eu pisei assim, meu pé escorregou por dentro assim da tabua, pisei num pau grosso. Mas não era pau...que quando eu pisei o bicho me arribou, assim, oh! Eu digo: “Maria valei-me! Mãe Bó, vumbora ligeiro”, Mãe Bó disse: “O que é?”..”Uma sucuiuba, Mãe Bó”... “Avé Maria! Uma sucuiuba!”... “Vamos ligeiro pra casa”... Aí nós saímos ligeiro com medo da sucuiuba pega nós. A sucuiuba é das pior cobra... Avé Maria...eu tenho um medo!

A senhora falou também do velho Macuca. Quem é?

Macuca...Macuca era o pai de Leu, era o pai Macuca.

E ele era de lá de Palmeirinha?

Macuca? Deixa eu vê...Macuca veio de onde? Ele era preto. Pai da cumadre Erpídia...Erpídia, filha de Macuca...cumadre Erpídia. Erpídia quando ela tava mar cuidada de morte...ela jogou praga nele. Jogou praga ciuando dele. Antes dele morrer. Ela jogou praga em Macuca. Tinha uma festa assim...com pouca hora ele deu aquele negócio assim, e esse véi morreu. A praga de Davina a mulher, que jogou praga...a cumadre Erpídia jogou a praga...ciuando dele.

Por que? Ele era bonitão, é?

Não. Não é porque era bonitão, não. As mulher de outro tempo tem um xodó besta com o marido, né. Eu vou te contar...tinha um xodó besta...eu sei que eu tinha um medo medonho.

Aí um dia eu vinha da roça. Tinha uma roça de melancia, uma rocinha de melancia assim...num brejo. E...um cavalo...chegou e deitou no meio dessa roça. “Óia...fica aí quietinho, pra quando vim gente pegar melancia aqui...”, pro cavalo: “Tu levanta pra assombrar o povo. Não deixa pegar melancia, não”. O cavalo chegou, e deitou assim...ficou ali...na roça. Aí...com pouca hora, é vem gente pra pegar melancia, né? Tinha uma...uma...uma pequena, menina, assim. Pegou uma meninazinha, assim...chamava Rita, Ritina. Chegou assim a parida: “Segura aqui, Ritina, que eu vou pegar a melancia”, aí ela foi lá. Naquilo...quando o cavalo mexeu pra levantar...que aí o povo, tira o cipó, tira o cipó pra amarrar no cavalo, pra tirar o cavalo ali da beira da melancia. Era índio, né! Só podia ser índio. Tudo tirando cipó, assim. E amarrou tudo no cavalo...pra arrastar o cavalo. O cavalo meteu pé, e disparou... disparou arrastando aquela turma toda assim. “Batiza Ritina...comadre! Batiza Ritina!” (aumenta o tom de voz, reproduzindo a fala de alguém que estivesse vendo a cena) – risos. Gritando pra batizar Ritina (risos)...e o cavalo arrastando esse povo...matou a macacada toda. Tudo de pau, assim pra dentro matou tudo. Porque era muito perverço, né!

Aí...eu vim da roça, e atravessei assim, na roça. Pra chegar...era por dentro...na água assim. Cumadre Erpídia, morava do lado de cá...e eu passei...quando eu tava dentro da roça...que eu vi...eu vi aqui, correu aquele negócio...aí eu bati meu pé

assim, na perna. Quando eu cheguei em casa, por dentro dentro d'água...passei, assim, na carreira, pra vim pra casa. Fui pra casa tirar a roupa. Aí...quando cheguei em casa... peguei uma roupa da cumadre Erpídia, troquei de roupa, e passei assim! Pra poder chegar em casa era assim. Era só pra tu ver como era uma luta danada!

Aí...e a jararacuçu? A jararacuçu no buraco. Tinha um lugar assim, feito...feito um formigueiro...aquele formigueirão, assim. E tinha um buraco, assim...que a gente, deitava um ali...Ave Maria! Quem botava a mão ali dentro? Eu ficava assim, olhando... passava ali de pé pra casa, mas com medo da cobra que tava ali dentro. Vinha bater em casa...assombradinha com medo da cobra. Eu tinha um medo medonho.

Oh, tia! Dos filhos de Mãe Veva quem já era nascido antes de ir pra Palmeirinha?

Dos filhos de mamãe?

Sim. Tiveram filhos que nasceram lá, né?

Peraí...lá em Palmeirinha...Nasceu João, Dário...Dário nasceu também, lá. Só foi nascido Bide (Alcibíades). Eu nasci lá em Palmeirinha.

(silêncio como se quisesse mudar de assunto)

E como foi que a senhora conheceu Antonio Lopes?

Ele era vizinho, lá. Do outro lado do rio. Vou te dizer como foi... (silêncio)

Tinha uma irmã minha, era Pomba...que era doida..., acho que era Pombinha...não, Pomba era outro cara. Antonio Lopes...foi...perai. Uma amiga minha, Zamô. Acontece que eu não queria que Zamorinha casasse com Antonio, porque...Dona laiá, mãe dela era viúva e ia joga tudo nas costas, pra ele dar de comer. Aí...ele não quis o casamento. Eu disse: “Não, Antonio, você vai desmanchar”, aí Zamô ia tomar banho no rio...e Zamorinha ficava quase nua, menina! Lá dentro d'água. Quase nua... eu digo: “Oh, Zamô”, ela disse: “Não”. Aí, eu sei que quando foi um dia, madrinha Laura que tinha vindo cá pro rio do meio...morava no rio do meio...era o rio do meio, mas era longe. O rio do meio passava em... em um lugar...como era, meu Deus?

Era...madrinha Laura morou cá...de junto da fazenda, que tinha um cara que dizia assim: “Quando o o boi abaixava...(trecho com áudio ruim)...

Tinha uma pedra medonha, e eu ia lavar roupa...pro riachão medonho lavar roupa. Lá em cima a gente pegava aquela roupa, aí depois que tirava o sujo daquela água...pegava aquela roupa estendia assim...pra...pra arejar um pouco, pra poder torcer, pra roupa ficar alva. Naquilo que acabei de torcer a roupa, que eu tava pra vim pra casa...a pedra...bem a pedra tava cantando...uma cantiga: “Oh, lelê o lalá! Oh, lelê o lalá! Eu quero ver os cavaco avoar, Eu quero ver os cavaco avoar... batia de dentro da pedra assim! Aquele samba danado. Quem disse que nunca mais eu cantei isso? Ave Maria...! Tomei um medo danado. “Madrinha Laura!” contei o caso, madrinha Laura: “Deixa de ser medrosa”. Eu vou me dizer uma verdade...nunca mais eu vou lá sozinha, não. E não cantei mais isso. Fiquei com medo...

Aí...aí como eu tô te contando...vim me embora pra casa e madrinha Laura...quando dava uma chuva, por trás da casa assim, tinha uma baixada, atrás da casa assim era bem baixo...quando dava uma chuva medonha, um bocado de sapinho...começava aquele negocinho... não é sapo, é...é...girico... que chama de girico. Aquele girico...entrava e ia poco, poco, poco(reproduzindo o som que o girino fazia)...virava aquele bichinho, assim, saindo de lá da lagoa do lado daquela baixa. Ficava aquele sapinho em pé, pisando em riba, assim. Ave Maria! Eu tinha um medo daquilo medonho.

Aí tinha um homem...que morreu. Que a fazenda, assim vizinha, a fazenda era vizinha, e ele...era rico. Quem criou ele foi a avó, dele. Avó criou ele. Tinha um menino que avó criava... e o vaqueiro tirava o leite, trazia...a velha pegava aquele leite, botava pra coalhar. Pra fazer coalhada. Tirava leite pra levar pra cá...pra ele comer cá na rua. Aí...que quando esse cara chegou, lá...ele era... matou o menino...cavou um buraco e jogou fogo no menino. Matou o menino e jogou ali dentro...matou o meninozin. Aí foi embora pra cá. Foi da parte, chamaram a polícia pra pegar ele. E ele subiu a serra de Boa Nova...subiu pra Boa Nova, aquela cidade...pegaram ele. Ele matou um menino. O menino...avó criou ele...avó é que dava tudo ele. E toda a fortuna era dele...não tinha precisão de ele matar ninguém. Ele era rico. Não tinha precisão. Ele matou, com a ruindade, aí ele foi preso.

Carregaram ele...levou ele pra lá. E ficou a fazendona lá...é Ibiporanga o lugar...Ibiporanga...saía pra rio do meio.

Aí como eu tô dizendo...madrinha Laura e madrinha Isaura tinha ido pro rio do meio. Tava lá no rio do meio, mais a véia Iria. A véia Iria era mãe de...de Pedro Siqueira. Aí, tinha deixado dinheiro enterrado cá...e eu cheguei e a véia tinha a uma garrafa de ouro em pó...me mostrou: “Oh, Babá! Pra tu ver”. Uma garrafa de ouro em pó...e essa véia entrou assim por dentro da roça de café, e desapareceu com essa garrafa, enterrou não sei a onde lá...essa garrafa de ouro em pó. Com saia de um pano...de veludo, assim...bonito...um veludo bonito a roupa dela...lembro como hoje a saia da véia. Aí eu cheguei pra casa, e a véia Iria, quando chegava na casa de mamãe, tinha um quarto. Ela dormia nesse quarto. Aí, eu falei: “Oh, Mãe Iria! Quando a senhora morrer...me dá aquela garrafa que a senhora punhô lá, não dá a outra pessoa, não”...”D'está”.

Naquilo...tinha um homem, que era doido madrinha Isaura. Madrinha Isaura tava lá no quarto...madrinha Isaura no quarto, aí pegou e disse assim: “Oh, Babá! Cadê...cadê Isaura?” eu assim: “Tá aí”. Veio com uma garrafa...cheia coisa pra dá pra ela...aí eu cheguei, reclinei a garrafa...cheguei em casa ...quem é que vai dá? Joguei a garrafa...digo: “Vai ali buscar, que eu vou chamar”, aí ele foi embora. Aí, quando foi um dia...aí ele chegou e disse assim: “É...tem gente que diz que feiticeiro é bom...mas é mentira...é mentira!”, eu digo: “Por que?”... “Por nada, não!”...aí eu disse assim: “Não...feiticeiro é...”, o lugar...como era o nome do lugar? É por aqui por Jequié.

Aí...esse véi morava aí. Aí, quando esse véi foi pra morrer, disse assim: “Oh, Babá! Eu vou te ensinar...toda vez que tu for se deitar, tu diz assim...Santo Pai/ Deus do céu/ Me socorre/ Me dê luz/ Antes de nascer um feiticeiro/ Primeiro nasceu Jesus/ Me valha Jesus, me valha Jesus/ Pelo mistério da cruz, que é Deus pai, Deus filho e Espírito Santo...nunca feiticeiro nenhum te pega”. O véi Casseiro que me ensinou, chamava Casseiro. Aí o véi tinha uma casa...uma casinha. E ele me ensinou essas palavra. Tu conheceu João Borges?

Não.

Jequié era tudo de João Borges.

Aí eu cheguei, esse véi tinha uma filha. A filha dele queria ir pra festa... “Não vai não”... “eu vou, papai, eu vou”... “não vai não”. Aí ele disse assim, ó: “Oh, Preta! Pretinha, vem cá! Pega aquele negócio ali...vai lá naquele canto ali do muro, naquele buraco de lá, e guarda lá pra mim...depois tu pode pra festa”. Ela pegava aquele negócio lá, e ia botar lá no buraco, quando ela ia botar aquele negócio lá...ela garrava no sono, lá...caia lá, só acordava no outro dia. Ele...nem ela ia pra festa... ela amanheceu dia dormindo. Era assim, o véi Cassemiro, um véi bem brabo. Aí, eu mas ele vivia bem, eu não mexia com ele. Não mexia com ele de jeito nenhum. Deixava a vontade, ele.

E daquilo...oxen...como eu tô dizendo...eu ia levar uma carga de animal, que não tinha estrada antes. Não tinha estrada em lugar nenhum. Ia assim, pela beira do rio. Rio Branco, quando chegou cá dentro assim, parou. Pra levar aqui pro do lado de Jequié. O povo bateu, assim...páa...o pé no negócio assim. Ele olhou...era um arco...aquele negócio assim de botar cachaça? Carrote...Cheio de prata e ouro... ele jogou no mato. Ouro, que comprou uma fazenda.

Tinha um véi, o velho Caboré. O velho Caboré, pela estrada de cá, assim... pra passar em Rio Branco. Ah, meu Deus do céu! Aquilo ali saí pelo Rio Branco, beirando o Rio de Contas, pra sair. Era uma luta medonha!

De lá da Palmeirinha pra cá pra Jequié gastava quanto tempo?

Três dias. Era lama muita...pela estrada de lá de Caboré, não era pela estrada de dentro, não. Era pela beira do rio, não cá pela estrada de dentro. Eu passei por lá também...só você vê como era.

Oh, tia e a reza? Como começou a reza?

Reza? De que? De mamãe?

Sim.

Ah!...Eu vou lhe contar uma...até hoje eu fico pensando, assim... que eu queria que Antonio Cerqueira me levasse no Pau Ferro, pra mim procurar a casa de um povo, que morou lá, no lugar de mamãe, pra ver se eles tem um livro que pai tinha. Quem é que ficou com o livro de pai? Que é o livro, que eu ando atrás desse livro...e nunca

achei. Porque o livro de pai...pai fazia foguete. Pai fazia tudo com aquele livro...o livro tinha tudo quanto é coisa boa.

Como eu tô dizendo...mamãe foi pra uma festa, uma reza. Uma reza na casa do pessoal de João e Lai. E nessa reza que ela foi...tinha uma menina que pegou um espírito, que chamava...como era o nome do espírito? Era um espírito de uma...não é um anjo não... de umque fazia aquela cantiga linda de missa. Ave, Maria! Mamãe ficou louquinha pela aquele negócio. Aí, pediu ela: “Oh, minha filha! Como é que tu faz, pra tu ir lá em minha casa?”, ela disse: “A senhora toma um banho de rosa branca, um banho de rosa branca, e vá se deitar, e quando deixar...que eu chego lá, em sua casa. E lhe chamo”. Aí mamãe fez isso. Mamãe tinha um pé de rosa branca. Mamãe chegou em casa, pegou a rosa branca, e cozinhou, e tomou esse banho de rosa branca, e foi se deitar. Mas não me contou nada. Eu subi, eu peguei assim, fui me deitar. Quando eu tava dormindo...que eu vi, assim...abrir...que abriu a porta. Mamãe tava cá fora prosiando. Pra mim...mamãe tava prosiando mai Mãe Bó cá fora. Aí abriu a porta, abriu a porta...acendeu a luz. Mas eu... tinha muito medo tava deitada. Eu tinha muito medo, e fechei o olho. Não abri o olho. Da cama pra lá...pra beira da mala, assim, é como daqui ali assim. Aí quando eu fechei o olho eu fechei o olho, assim...eu vi aquele negócio azul na porta...entrou chegou na cama, e sentou na minha beira. A cama chegou morgar...vê, como quando uma pessoa senta na beira da cama. Eu fechei o olho. Aí, eu fiquei fazendo que eu tava dormindo. Se eu tivesse abrido o olho eu via quem era. Mas eu...cadê coragem? Aí, eu vi...chegou e deitou assim, eu vi aquele cabelo liso, liso, liso de fora fora. Um cabelo lindo. Aquele cabelo liso ficou deitado na minha beira assim. Aí sentou. Sentou na cama e eu fiquei quieta...nem virei, pra abri o olho pra olhar. Quando saiu fora...puxou a porta, que eu abri o olho já tinha saído. Aí, eu disse assim: “Oh, Mamãe! Mamãe! Oh, Mamãe!”... Mamãe: “O que é minha filha?”...”Oh, mamãe vem cá!”. Aí, mamãe: “O que é Babá?” eu digo: “Oh, mãe! Vem cá ligeiro! Vem me buscar, eu não quero dormir aqui mais não. Eu quero dormir mas a senhora e pai. Não quero dormir aqui mas não. Aí mamãe veio: “O que foi?”. Aí...cheguei entre mãe e pai e me deitei, na beira dos pés assim. Aí: “Oh, mãe! Olha, uma moça que chegou e entrou no meu quarto, e deitou em minha beira, e eu não sei quem foi.”... “Foi minha filha? Ah, meu Deus do céu! Logo veio deitar mais tu”, eu digo: “Foi”. Eu fiquei assombradinha.

Aí, como eu tô contando...madrinha Isaura veio pro rio do meio. Morar no rio do meio. O rio do meio era mata. Tinha uma matona. Mata do Rio do Meio era que tinha lá...aquele bichão...como é que chama? Com um rabo assim no meio da mata... Aí, madrinha Isaura foi pra lá. Madrinha Isaura inventou de sair e deixou a menina em casa, com a véia Iria. O bicho passou assim...na beira da casa veio pra cá. Tava lá...madrinha Isaura, foi Mãe Bó, Pomba... tudo tomar banho no rio..."Vamos, Bá!". E me levou pra beira do rio. Macuca morava embaixo. Compadre Macuca morava cá na beira do rio. Quando as menina tava tudo tomando banho...eu vi. É vinha uma pessoa...de lá, pra cá, pela estrada. Tinha uma estaca, assim, na beira da estrada. Aí, aquele cara chegou e falou assim... eu digo: "Não vem cá não, que aqui tem mulher nua. Não vem, não, que aqui tem mulher nua". E de lá de baixo da estrada, era um...um...como é o nome daquilo, que não dá nem um mosquito? Aquela infestada, assim... E, as meninas tomando banho embaixo. "Não sai ninguém de dentro da água, que tem um homem ali, de trás daquela estaca. Eu tô falando pra ele, e ele não tá dando ligança. Ele tá passando lá de junto do pau, ele vai pegar um pau e vem pra cá. Anda ligeiro, ligeiro, ligeiro", aí, as meninas saíram de dentro d'água, vestiram a roupa na carreira, subi na cancela, e eu gritei: "Oh, Macuca! Oh, compadre Macuca! Vem cá ligeiro!". Macuca chegou, aí e eu falei: "O homem chegou aqui e entro dentro do joá", aí quando eu falei: "Oh, Macuca! Vem cá me acudir". Macuca veio ligeiro: "O que é? O que é?"... aí, digo: "É o homem que veio aqui", e lá onde ele tava, falou assim: "Oh, Isaura! Quando tu chegar lá, tu fala...no pau no mourão...de ponta assim, todo alto, que tinha um homem garrado naquele pau...é um pó de prata e ouro, e é de vocês. Eu dei Babá". Vou te dizer...aí, madrinha Isaura, naquele tempo não tinha telefone, não tinha nada... Quando madrinha Isaura passou a carta, que essa carta chegou, eu dizia assim: "Oh, mamãe! Fulano morreu", mamãe disse assim: "O que, menina?"... "Morreu, mamãe. Porque essa noite ele chegou aqui, e disse pra eu levar ele na Lapa, e eu levei. Até... até no Riachão. De lá, ele viajou e eu voltei".

De noite assim, eu tô com dor de dente... Aí, menina disse assim: "Oh, Babá! Ali na frente, que tem um pé de Maria Preta. Aí, nós vamos tirar um bocado de Maria Preta, cozinhar, fazer um chá, pra tu molhar o dente, que melhora logo", aí eu digo: "É, Sé". Lavei, e melhorei a boca.

ANEXO III

APOSTÍLA DE PRECES E CÂNTICOS USADA NAS REZAS DE MÃE VEVA

NOVENÁRIO

DE

NOSSA SENHORA

DA

CONCEIÇÃO

11/11/11

OFÍCIO DE NOSSA SENHORA

Deus vos salve Virgem filha de Deus Pai

Deus vos salve Virgem mãe de Deus Filho

Deus vos salve Virgem esposa do Divino Espírito Santo

Deus vos salve Virgem sacrário da Santíssima Trindade

Matinas

Agora lábios meus,/ Dizei e anunciai/ Os grandes louvores/Da Virgem Mãe de Deus./

Sede em meu favor/Virgem Soberana./Livrai-me do inimigo/com vosso valor.

Glória seja ao Pai,/Ao Filho, ao Amor também,/Que é um só Deus,/Em pessoas três.

Agora e sempre,/E sem fim. Amém.

1-Hino

Deus vos salve, Virgem,/Senhora do mundo,/Rainha dos Céus/e das virgens Virgem,
Estrela da manhã,/Deus vos salve, cheia/De graça divina,/Formosa e louçã.

Daí pressa, senhora,/Em favor do mundo,/Pois vos reconhece,/Como defensora.

Deus vos nomeou/já lá do "ab eterno"/para mãe do Verbo,/com o qual criou./

Terra mar e céus,/e vos escolheu./Quando Adão pecou,/Por esposa de Deus./

Deus a escolheu/E já muito d'antes,/Em seu tabernáculo,/Morada lhe deu./

Ouvi, Mãe de Deus,/ Minha oração./Toque em vosso peito,/Os clamores meus.

Oração

Santa Maria, Rainha dos céus,/Mãe de Nosso Senhor Jesus cristo, Senhora do Mundo,/ que a nenhum pecador desamparais, nem desprezais,/ ponde, Senhora, em mim os olhos de vossa piedade,/ e alcançai-me de vosso amado Filho perdão de todos os meus pecados,/ para que eu agora venero com devoção vossa Santa Imaculada Conceição,/ mereça na oura vida alcançar o prêmio da bem-aventurança,/ por mercê do vosso Benditíssimo Filho Jesus Cristo Nosso Senhor,/ que com o Pai e o Espírito Santo vive e reina para sempre, Amém.

Prima

Sede em meu favor,/Virgem Soberana,/Livrai-me do inimigo,/Com vosso valor.
Glória seja ao Pai,/Ao filho, ao Amor também,/Que é um só Deus,/Em pessoas três.
Agora e sempre,/E sem fim. Amém.

2-Hino

Deus vos salve, mesa/ Para Deus ornada,/Coluna Sagrada/De grande firmeza./
Casa dedicada/A Deus sempiterno,/Sempre preservada/Virgem do pecado,/
Antes que nascida,/Foste, Virgem Santa,/No ventre ditoso,/De Ana concebida./
Sois Mãe criadora,/Dos mortais vivente,/Sois dos Santos porta,/Dos anjos Senhora./
Sois forte Esquadrão/Contra o inimigo,/Estrela de Jacó,/Refúgio do cristão./
A Virgem o criou,/Deus no Espírito Santo/E todas as suas obras/Com elas as ornou.
Ouvi,Mãe de Deus,/Minha oração./Toque em vosso peito/Os clamores meus.

Oração

Santa Maria, Rainha dos céus,/Mãe de Nosso Senhor Jesus cristo, Senhora do Mundo,/ que a nenhum pecador desamparais, nem desprezais,/ ponde, Senhora, em mim os olhos de vossa piedade,/ e alcançai-me de vosso amado Filho perdão de todos os meus pecados,/ para que eu agora venere com devoção vossa Santa Imaculada Conceição,/ mereça na oura vida alcançar o prêmio da bem-aventurança,/ por mercê do vosso Benditíssimo Filho Jesus Cristo Nosso Senhor,/ que com o Pai e o Espírito Santo vive e reina para sempre, Amém.

Tércia

Sede em meu favor,/Virgem Soberana,/Livrai-me do inimigo,/Com vosso valor.

Glória seja ao Pai,/Ao filho, ao Amor também,/Que é um só Deus,/Em pessoas três.

Agora e sempre,/E sem fim. Amém.

3-Hino

Deus vos salve, Trono/Do grão Salomão/Arca do concerto/Velo de Gedeão,/

Íris do Céus clara,/Sarça da visão,/Favo de Sansão,/Florescente vara,/

A qual escolheu/Para ser Mãe sua,/E de Deus nasceu/O filho de Deus.

Assim vos livrou/Da culpa original,/De nenhum pecado/Há em vós sinal,/

Vós que habitais/Lá nessas alturas/e tendes vosso trono/Sobre as nuvens puras.

Ouvi, Mãe de Deus,/Minha oração./Toquem em vosso peito/Os clamores meus.

Oração

Santa Maria, Rainha dos céus,/Mãe de Nosso Senhor Jesus cristo, Senhora do Mundo;/
que a nenhum pecador desamparais, nem desprezais,/ ponde, Senhora, em mim os
olhos de vossa piedade,/ e alcançai-me de vosso amado Filho perdão de todos os meus
pecados,/ para que eu agora venero com devoção vossa Santa Imaculada Conceição,/
mereça na outra vida alcançar o prêmio da bem-aventurança,/ por mercê do vosso
Benditíssimo Filho Jesus Cristo Nosso Senhor,/ que com o Pai e o Espírito Santo vive e
reina para sempre, Amém.

Sexta

Sede em meu favor,/Virgem Soberana,/Livrai-me do inimigo,/Com vosso valor.

Glória seja ao Pai,/Ao filho, ao Amor também,/Que é um só Deus,/Em pessoas três.

Agora e sempre,/E sem fim. Amém.

4-Hino

Deus vos salve, Virgem/Da Trindade Templo,/Alegria dos Anjos,/Da pureza exemplo.

Que alegrai os tristes/Com vossa clemência,/Horto de deleites,/Palma de paciência./

Sois terra bendita e sacerdotal,/Sois da castidade/Símbolo real./

Cidade do Altíssimo,/Porta oriental,/Sois a mesma graça,/Virgem singular,/

Qual lírio cheiroso/Entre espinhas duras/Tal sois vós, Senhora,/Entre as criaturas.

Ouvi, Mãe de Deus,/Minha oração,/Toquem em vosso peito/Os clamores meus.

Oração

Santa Maria, Rainha dos céus,/Mãe de Nosso Senhor Jesus cristo, Senhora do Mundo,/ que a nenhum pecador desamparais, nem desprezais,/ ponde, Senhora, em mim os olhos de vossa piedade,/ e alcançai-me de vosso amado Filho perdão de todos os meus pecados,/ para que eu agora venero com devoção vossa Santa Imaculada Conceição,/ mereça na oura vida alcançar o prêmio da bem-aventurança,/ por mercê do vosso Benditíssimo Filho Jesus Cristo Nosso Senhor,/ que com o Pai e o Espírito Santo vive e reina para sempre, Amém.

Noa

Sede em meu favor,/Virgem Soberana,/Livrai-me do inimigo,/Com vosso valor.

Glória seja ao Pai,/Ao filho, ao Amor também,/Que é um só Deus,/Em pessoas três.

Agora e sempre,/E sem fim. Amém.

5-Hino

Deus vos salve, Cidade/De torres guarnecidas/De Davi com armas/Bem fortalecidas/

De suma caridade/Sempre abrasada,/Do dragão a força/Foi por Vos prostrada./

Ó mulher tão forte,/Ó invicta Judite,/Que vos alentastes/O Sumo Davi./

Do Egito o curador/De Raquel nasceu,/Do mundo o Salvador/Maria no-lo deu,/

Toda é formosa/Minha companheira, Nela não há mácula/Da culpa primeira.

Ouvi, Mãe de Deus,/Minha oração./Toquem em vosso peito/Os clamores meus.

Oração

Santa Maria, Rainha dos céus,/Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo, Senhora do Mundo,/ que a nenhum pecador desamparais, nem desprezáis,/ ponde, Senhora, em mim os olhos de vossa piedade,/ e alcançai-me de vosso amado Filho perdão de todos os meus pecados,/ para que eu agora venero com devoção vossa Santa Imaculada Conceição,/ mereça na outra vida alcançar o prêmio da bem-aventurança,/ por mercê do vosso Benditíssimo Filho Jesus Cristo Nosso Senhor,/ que com o Pai e o Espírito Santo vive e reina para sempre, Amém.

Véspera

Sede em meu favor,/Virgem Soberana,/Livrai-me do inimigo,/Com vosso valor.

Glória seja ao Pai,/Ao filho, ao Amor também,/Que é um só Deus,/Em pessoas três.

Agora e sempre,/E sem fim. Amém.

6-Hino (De joelhos)

Deus vos salve, relógio,/Que andando atrasado/ Serviu de sinal/Ao verbo encarnado,/

Para que o homem suba/Às sumas alturas,/Desde Deus dos Céus/Para as criaturas./

Com os raios claros/Do sol da justiça,/Resplandece a Virgem,/Dando ao sol cobiça,/

Sois Lírio formoso,/Que cheiro respira,/Entre os espinhos,/Da serpente a ira/

Vós aquebrantais,/Com vosso poder,/Os cegos errados os iluminais/

Fizeste nascer o sol tão fecundo,/E como com nuvens/cobriste o mundo.

Ouvi, Mãe de Deus,/Minha oração./Toquem em vosso peito/Os clamores meus.

Oração

Santa Maria, Rainha dos céus,/Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo, Senhora do Mundo,/ que a nenhum pecador desamparais, nem desprezais,/ ponde, Senhora, em mim os olhos de vossa piedade,/ e alcançai-me de vosso-amado Filho perdão de todos os meus pecados,/ para que eu agora venero com devoção vossa Santa Imaculada Conceição,/ mereça na outra vida alcançar o prêmio da bem-aventurança,/ por mercê do vosso Benditíssimo Filho Jesus Cristo Nosso Senhor,/ que com o Pai e o Espírito Santo vive e reina para sempre, Amém.

Completas

Rogai a Deus,vos,/Virgem nos converta,/E que sua ira/Aparte de nós./

Sede em meu favor,/Virgem Soberana,/Livrai-me do inimigo,/Com vosso valor.

Glória seja ao Pai,/Ao filho, ao Amor também,/Que é um só Deus,/Em pessoas três.

Agora e sempre,/É sem fim: Amém.

7-Hino

Deus vos salve, Virgem,/Mãe Imaculada,/Rainha de clemência,/De estrelas coroada.

Vós sobre os Anjos,/Sois purificada,/De Deus à mão direita/Estais de ouro ornada./

Por vós, Mãe de Graça,/Mereçamos ver/A Deus nas Alturas/Com todo prazer,/

Pois sois esperança/Dos pobres errantes./E seguro porto/Aos navegantes./

Estrela do mar,/A saúde certa,/E porta que estais/ Para o céu aberta,/

É óleo derramado/Virgem, vosso nome,/E os vossos servos/Vos não sempre amado.

Ouvi, Mãe de Deus,/Minha oração,/Toquem em vosso peito/Os clamores meus.

Oração

Santa Maria, Rainha dos céus,/Mãe de Nosso Senhor Jesus cristo, Senhora do Mundo,/ que a nenhum pecador desamparais, nem desprezais,/ ponde, Senhora, em mim os olhos de vossa piedade,/ e alcançai-me de vosso amado Filho perdão de todos os meus pecados,/ para que eu agora venero com devoção vossa Santa Imaculada Conceição,/ mereça na outra vida alcançar o prêmio da bem-aventurança,/ por mercê do vosso Benditíssimo Filho Jesus Cristo Nosso Senhor,/ que com o Pai e o Espírito Santo vive e reina para sempre, Amém.

Oferecimento

Todos: humildes oferecemos, a vós, Virgem pia,/Estas orações,/Porque é nossa guia./

Vade vós adiante/E na agonia/Vós, nos animéis,/Ó doce Maria!/Amém.

1 - Canto de Entrada

Vinde nós Espírito Santo/Do céu vossa luz nos mandai.

O vinde inspirai os nossos campos/E a nossa fraca fé.

Confiança animada/Abrasaí divina chama/Abrasaí divina chama.

Confiante em celeste ao doce/Os nossos corações e alma

Do ardente, do mais puro amor/Do ardente do mais puro amor.

Na Conceição pura /Salva e guar/

Livrai-me da culpa/Bendita sejas.

Pai Nosso

Pai nosso que estais nos céus,/Santificado seja Vosso nome,/Venha a nós o Vosso
reino./ Seja feita a Vossa vontade,/Assim na terra como no céu./O pão nosso de cada
dia nos dai hoje./Perdoai as nossas ofensas /Assim como nós perdoamos a quem nos
tem ofendido./E não nos deixeis cair em tentação./Mas livrai-nos do mal./Amém.

Ave-Maria

Ave, Maria, cheia de graça,/O Senhor é convosco./Bendita sois vós entre as
mulheres./E bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus./

Santa Maria, Mãe de Deus./Rogai por nós, pecadores./Agora e na hora de nossa
morte./Amém. (Jesus).

2 - Canto de Entrada

Vinde Deus de amor, / Vem tomar posse de minha alma, / Deus de amor.

Espírito Santo Divino, / Acendei minha luz, / Faça o meu destino, / Será alcançar Jesus.

Vinde Deus de amor, / Dai-me mais fé, / Maior fervor.

Ladainha de Nossa Senhora

Senhor tende piedade de nós.

Jesus Cristo tende piedade de nós.

Senhor tende piedade de nós.

Jesus Cristo ouvi-nos.

Jesus Cristo atendei-nos.

Deus Pai do Céu tende piedade de nós.

Deus Filho, Redentor do mundo, tende piedade de nós.

Deus Espírito Santo tende piedade de nós.

Santíssima Trindade, que sois um só Deus, tende piedade de nós.

Santa Maria rogai por nós.

Santa Mãe de Deus rogai por nós.

Santa Virgem das virgens rogai por nós.

Mãe de Jesus Cristo rogai por nós.

Mãe da divina graça rogai por nós.

Mãe puríssima rogai por nós.

Mãe castíssima, rogai por nós.

Mãe imaculada rogai por nós.

Mãe intacta rogai por nós.

Mãe amável rogai por nós.

Mãe admirável rogai por nós.

Mãe do bom conselho rogai por nós.

Mãe do Criador rogai por nós.

Mãe do Salvador rogai por nós.

Mãe da igreja rogai por nós.

Virgem prudentíssima rogai por nós.

Virgem venerável rogai por nós.

Virgem louvável rogai por nós.

Virgem poderosa rogai por nós.

Virgem benigna rogai por nós.

Virgem fiel rogai por nós.

Espelho de justiça rogai por nós.

Sede de Sabedoria rogai por nós.

Causa da nossa alegria, rogai por nós.

Vaso espiritual rogai por nós.

Vaso insigne de devoção rogai por nós.

Rosa mística rogai por nós.

Torre de Davi rogai por nós.

Torre de marfim rogai por nós.

Casa de ouro rogai por nós.

Arca da aliança, rogai por nós.

Porta do céu rogai por nós.

Estrela da manhã rogai por nós.

Saúde dos enfermos rogai por nós.

Refúgio dos pecadores rogai por nós.

Consoladora dos aflitos rogai por nós.

Auxílio dos cristãos rogai por nós.

Rainha dos anjos rogai por nós.

Rainha dos patriarcas rogai por nós.

Rainha dos profetas rogai por nós.

Rainha dos apóstolos rogai por nós.

Rainha dos mártires rogai por nós.

Rainha dos confessores, rogai por nós.

Rainha das virgens rogai por nós.

Rainha de todos os Santos rogai por nós.

Rainha concebida sem pecado original rogai por nós.

Rainha da Assunção rogai por nós.

Rainha do Santo Rosário rogai por nós.

Rainha da paz rogai por nós.

Nossa Senhora da Conceição, aceitai esta ladainha, que foi rezada em nossa intenção.

Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, / Perdoai-nos, Senhor.

Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, / Ovi-nos, Senhor.

Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, / Tende piedade de nós.

Rogai por nós, Santa Mãe de Deus, / Para que sejamos dignos das promessas de Cristo. / Amém.

Ladainha de Nossa Senhora

(Latim)

Kyrie, eleison;

Christi, eleison;

Kyrie, eleison;

Chiste, audi nós;

Chiste exaudi nós;

Pater de coelis Deus, / Miserere nobis; (Bis)

Filiã Redemptor mundi Deus;

Spiritus Sante Deus;

Santa Trinas unus Deus;

Sancta Maria, ora pro nobis;

Sancta Virgo Virginum

Mater Christe;

Mater divinae gratie;

Mater purissima;

Mater castissima;

Mater inviolata;

Mater intemerata;

Mater amabilis;

Mater admirabilis;

Mater boni consilii,

Mater creatoris;

Mater salvatoris;

Virgo prudentissima;

Virgo predicanda;

Virgo potens;

Virgo clemente;

Virgo clemens;

Virgo Fidelis;

Speculum justitiae

Sedes sapientiae;

Vas spirituale;

Vas honorabile;

Vas insigne devotionis;

Rosa mistica;

Turris Davidica;

Turris ebúrnea;

Domus aurea;

Federis arca;

Janua coeli;

Stella matutina;

Salus infirmorum;

Refugium peccatorum;

Consolatri afflictorum;

Auxilium Christiano-rum;

Regina Angelorum;

Regina Patriarcharum;

Regina Apostolorum;

Regina Martirum;

Regina Confessorum;

Regina sanctorum;

Regina sine labe concepta;

Regina sacratíssima Rosáru;

Regina pacis;

Agnus Dei, qui tollis peccata, mundi, / Parce nobis Domine.

Agnus Dei, qui tollis peccata, mundi, / exáudi nós Domine.

Agnus Dei qui tollis peccata mundi, / Miserere nobis.

Salve Rainha

Salve Rainha,

Mãe de misericórdia, / Vida, doçura e esperança nossa, /

Deus vos salve, / A vós bradamos, os degredados os filhos de Eva.

A vós suspiramos, / Gemendo e chorando neste vale e ao de lágrimas.

Eia, pois, advogada nossa, / Destes vossos olhos misericordiosos, / A nós volvei, /

E a... Depois deste desterro, a Deus nos amostre, / Ah, ah Jesus, bendito fruto, /

Do vosso ventre, e ah, ah clemente, / Ao piedoso e a ao doce, / Sempre Virgem, a virgem Maria.

Rogai a Deus, por nós... Santíssima Mãe de Deus, / Para que sejamos dignos, /

Das promessas de Jesus Cristo, / Para sempre amém, Jesus, /

Amém Jesus, Maria e José.

Oremos: Orai por nobis, Santa Dei genetrix. Gratie tão credo e nobis e infundi e de que homem fique por nobis, nos propocionie e de cruz recione glorie. Pelo mesmo Cristo, Senhor nostrum. Amém.

Canto.

Maria Concebida

Ó Maria!

Concebida./Concebida sem pecado.

Rogai por nós,/Rogai por nós.

Rogai por nós,/Rogai por nós.

Rogai por nós,/que recorremos a vós.

Oferecimento ao Pai Nosso.

Bendito do Santo do dia.

Bendito de Nossa Senhora da Conceição

1 – Ó minha Virgem Senhora,/Senhora da Conceição.

Abastai o nome dela,/pra nos dar consolação.

2 – Ela nos deu agasalho,/Também deu acomodação.

Pro meu corpo e a minha alma,/Senhora da Conceição.

3 – O dia lá vem amanhecendo,/É hora da devoção.

Acordai os seus devotos,/Senhora da Conceição.

4 – Deus é quem protege;/Céu e terra e toda nação.

Deus é quem protege,/Senhora da Conceição.

5 – Lá no céu tem uma rosa,/Foi aberta em feição.

Parecendo a mãe esposa,/Senhora da Conceição

6 – Oferecemos este bendito,/Temos ele por devoção.

À Senhora Aparecida, Senhora da Conceição.

7 – Outra vez oferecemos,/Ao Senhor que está na cruz.

Que nos leva à eterna glória,/Para sempre. Amém Jesus.

Senhor Deus

Bendita vós sois Senhora, / A vossa paixão sagrada, /

Que a vossa mãe é bendita a é dolosa é imaculada.

Bendita vós sois Senhora, / A cruz suspendeu, rigor.

Quem tanto por nós sofreu, / Até na cruz expirou!

Bendita vós sois Senhora, / Por nosso Divino amor.

Senhor Deus misericórdia, / Misericórdia Senhor.

Senhor Deus, / Tenha misericórdia de nós. (Bis)

Senhor Deus pequei Senhor! / Mais pela dor do coração de nossa Mãe Maria Santíssima.

Compadeceu Jesus por nós.